

Flávia Ferreira Pires

Os filhos-ausentes e as penosas de São Sebastiãozinho

Etnografia da Festa da Catingueira / PB

MUSEU NACIONAL / UFRJ
2003

Os filhos-ausentes e as penas de São Sebastiãozinho

Etnografia da Festa da Catingueira / PB

Flávia Ferreira Pires

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Professor Orientador: *Prof. Dr. Otávio Velho*

Rio de Janeiro.
2003

Os filhos-ausentes e as penosas de São Sebastiãozinho

Etnografia da Festa da Catingueira / PB

Flávia Ferreira Pires

Dissertação submetida ao corpo docente do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Aprovada por:

Prof. Dr. Otávio Velho
(professor orientador)

Prof. Dr. Luis Fernando Duarte

Prof. Dr. Pablo Semán

Prof. Dr. Márcio Goldman

Prof. Dr. Emerson Guimbelli

Rio de Janeiro
2003

Pires, Flávia (Flávia Ferreira Pires).

Os filhos-ausentes e as penosas de São Sebastiãozinho.

Etnografia da Festa da Catingueira / PB. Rio de Janeiro: UFRJ/ MN, 2003.

xi, 123 p. il.

Dissertação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional.

1. Festa de padroeiro. 2. Leilão. 3. Migração nordestina. (Mestr.- UFRJ/ MN). I. Título.

Resumo

Pires, Flávia (Flávia Ferreira Pires). *Os filhos-ausentes e as penosas de São Sebastiãozinho*.

Etnografia da Festa da Catingueira.

Orientador: Otávio Velho. Rio de Janeiro: UFRJ/ MN. 2003. Dissertação.

Esta dissertação tem como tema a Festa de São Sebastião, na pequena cidade de Catingueira, situada no sertão da Paraíba. O santo é o padroeiro da cidade e a ele são prestadas várias homenagens. Uma delas é o leilão de penosas. A galinha arrematada, que tanto pode ser saborosa ou ruim, é arrematada a altos preços e aqui os pobres, geralmente os moradores da cidade, não participam. Este é o território dos *filhos-ausentes* (categoria amplamente discutida) e dos fazendeiros ricos da região, ou seja, o território dos “de fora”. A galinha arrematada representa a própria sociedade catingueirense, que se vê e é vista, de um lado, como um lugar de onde se deve ir embora (galinha ruim), ou de outro lado, a representação do próprio paraíso (galinha saborosa). Durante a festa a cidade se vê cheia de gente de fora, dentre turistas e *filhos-ausentes*. Estes são catingueirenses que emigraram para grandes cidades em busca de melhores condições de vida. Como foram bem sucedidos no empreendimento voltam a cidade em busca das suas “raízes”. Os *filhos-ausentes* estão inseridos em um grande movimento que privilegia o de fora em detrimento do que é local. Mas ao mesmo tempo, há momentos em que é o local que assume posição hierarquicamente superior. Este paradoxo está expresso no leilão das penosas. O conceito de hierarquia nos ajuda a compreender como se pode ao mesmo tempo amar e odiar a mesma cidade. A dissertação também fala do universo religioso da cidade, que conforme digo, conta com uma predominância católica, apesar das três igrejas evangélicas e do centro espírita.

Abstract

Pires, Flávia (Flávia Ferreira Pires). *Os filhos-ausentes e as penosas de São Sebastiãozinho*.
Etnografia da Festa da Catingueira / PB.
Orientador: Otávio Velho. Rio de Janeiro: UFRJ/ MN. 2003. Dissertação.

This thesis is about St. Sebastian Feast at Catingueira, a little town in the Paraíba desert (sertão da Paraíba). St. Sebastian, the city's patron, is honored in many ways. One of them is the chicken auction, where but the poorest inhabitants doesn't participate. This auction is exclusively for the "absent-sons" (filhos-ausentes) and the richest farmers who live nearby, it means, the "outsiders". The auctioned chicken represents the Catingueira society, which see itself and it is seen both as a place to be abandoned (bad chicken) and a representation of paradise (good chicken).

This thesis also address the town religious universe, predominantly catholic despite the presence of three evangelical churches and an spiritist center.

Este trabalho foi motivo de um encontro especial.
Ele sem saber, eu sem prever.
...“Perdão”...

Por não mais poder sentar-me ao seu lado e em silêncio contemplar o sertão que se estendia ao longe à partir da sua varanda, é que lhe ofereço este pequeno esforço de compreensão da nossa Catingueira. Assim, quem sabe, seguro ainda um pouco de sua presença mágica.

Por modéstia, o senhor me pediu que não citasse seu nome na minha pesquisa, mas como posso fazê-lo?
Cito logo na dedicatória para que todos saibam o quanto o senhor foi importante para o desenvolvimento deste trabalho, e, principalmente, quanto bem me trouxe.

Eu é que sou imensamente grata por lhe ter conhecido.

Para meu amigo, **Tio Além** (Matusalém Pires).
Com saudade não apenas “ingrata”, mas sufocante,
da sua “neta”.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, é preciso dizer que devo, em grande medida, a conclusão desta dissertação, ao apoio carinhoso e o suporte intelectual do meu, sempre presente, orientador, **Otávio Velho**. A ele, minha profunda admiração e meu respeito.

Agradeço ao CNPq, pela bolsa de mestrado, concedida nesses dois anos, sem a qual não poderia ter me aventurado nestas terras.

Aos professores do Museu, principalmente, Márcio Goldman, com quem aprendi bastante e por ter aceitado ser parte da banca. Agradeço igualmente Luis Fernando Duarte, Pablo Seman e Emerson Guiumbelli, que compuseram minha farta e respeitável banca.

A professora Léa Freitas Perez, da UFMG, a quem devo meus primeiros passos na antropologia.

Agradeço aos meus colegas do Museu, principalmente, Michele Peria, Silvina Bustos, Renata Curcio, Fernando Rabossi, Mariana Paladino, Cecília Mello. Aos co-orientandos do “mestre”, por nossas maravilhosas reuniões, principalmente, Eloisa Martin, Pablo Seman, Sérgio Brissac, Juarez Ferreira, Gustavo Pacheco, Tatiana Bacal.

A Tia Ana, pela gentileza em me emprestar seu apartamento. E a Vivi, pela impressora.

A Maria Ana, pelo que somos juntas.

Agradeço, ao meu pai, **João Bosco** e minha mãe, **Martha**. Vocês são meus grandes amores e minha razão de viver. A minha irmã Luana, pela solidariedade no momento de crise. Ao meu irmão, João Ricardo, pela leitura atenta do texto e pelas sugestões, como o “Turismo Afetivo”.

Aos filhos-ausentes e amigos de Catingueira:

Agradeço, em especial, a Tia Conceição, Tiago, David, Sara e Tio Gilberto. Ao meu primo Nanan (fiz o que pude para não desconsiderar o óbvio. Sei que a Catingueira tem jeito, e espero o dia em que as coisas melhorarão.); Tia Duquinha; Tia Terezinha (pelas histórias belas, pelo hino da Catingueira, mas principalmente pela alegria estonteante); Doutor Fernando (pelos ensinamentos espíritas); tio Celso (infinitos obrigados pela presteza), tio Misael (pelo afeto de festa); Delone; Geruza; Alonso; Jakie; Gustavo; Patrícia; Tia Madalena e família; Tio Afonso e família; Tio José Maria (em memória) e família; Tio Renan e família.

Meu muito obrigada, a todos os filhos de Catingueirenses, que responderam a inúmeras perguntas e superaram a impaciência para tentar me fazer compreender o que lhes era evidente. Não poderei deixar de citar meu carinho por: João Grande e Petrolina; Dona Maria e família; Maria Gambá; Sebastiana (Rua da Cerâmica); Maria do Carmo; Luciana e família; Padre Jorge e Dona Neves; Dona Terezinha; Zé Bio; Seu Agenor e família; Sônia, Chico e todos da padaria; Rita; Nina; Corrinha; Lulu; Maria José, Tico e o resto da grande

família; Basto e família; Tião de Dodó e sua esposa; Solon e Leide; Edilma e os irmãos da Ju; Creuza, mãe de Fernanda.

As minhas amigas: Fernanda; Juliana; Ktyell; Euzari; Daiane; Randley; Girlene; Nega; Leidiane; Maria da Guia; Jô; Branca; Nina; Cecília; Carminha; Mary.

Agradeço, em memória, a **minha avó Naná** e seu grande amor, meu avô Didila.

Enfim, agradeço a todo sorriso, toda pergunta e curiosidade em torno do meu nome. Toda disponibilidade e carinho. Os pequenos presentes: ovos de galinha caipira, seriguelas e cocos, almoços e jantas, cartinhas de amizade e de amor, blusa de frio durante tempestade, rezas e orações, cafezinhos, pitangas e acerolas, passes e festa de despedida. Espero que este texto seja recebido como mais uma peça no turbilhão da dádiva, como a volta do pêndulo, tão necessária, embora não obrigatória.

Um texto de agradecimentos corre o risco de ser injusto. Já se passou quase um ano que eu estive na Catingueira e alguns nomes se perderam, ou ficaram escondidinhos n'algum canto da minha memória afetiva. Por isso, peço desculpas pelas omissões.

Hino de Catingueira

autores *Boza e Tantão*
(composto em dias de festa)

*Catingueira minha terra amada
Berço amado dos meus papais
Cada dia sinto mais te amar-te
Em cada instante eu querer-te mais*

*É de todo, é de todo mundo
Pra mim o mais belo rincão
Catingueira eu te tenho n'alma
E te guardo no coração*

*Que Deus te guie e te proteja
Oh berço azul de meu amor*

*E seja seu futuro só de glória
Seu destino só de paz e de resplendor*

Hino de São Sebastião

*Salve ó Cristo puro, estrela luzente
Prodígio da graça do Onipotente*

*(Refrão) Ó martir de Cristo, ó meu santo varão
Livrai-nos da guerra, São Sebastião*

*Nasceste da Lei, de um rei desgraçado
Logo procuraste ser batizado
Sendo menino, já te inclinavas
À religião ocultos amavas
Soldado fiel, guerreiro valente
Tocado da graça do Onipotente
Foste prisioneiro, foste amarrado
Em uma laranjeira com setas transpassadas
Venceste o mal, contaste vitória
Foste com os anjos a Deus na glória
Para militar foste escolhido
Para ser de Deus mais fortalecido
Na glória rogai por nós pecadores
Ouve com ternura nossos clamores
Na glória infinita, louvaremos também
A São Sebastião, para sempre, Amém!*

Sumário

O Anjinho, mais um Sebastião - 01

Introdução - 04

Capítulo 1: Mapeando as “leis”: as religiões da Catingueira - 18

- I. Catolicismo: “*Minha leis é a da Igreja*” - 18
- II. Centro Espírita do *Doutô Fernando* - 22
 - II. 1. Inácio da Catingueira: o *Amigo Poeta* - 22
 - II. 2. Espíritas e Católicos na festa: “*É do mesmo jeito da igreja católica*” - 26
- III. Os crentes: “*Ser crente é diferente as leis*” - 28

Capítulo 2: A Festa - 39

- I. Pouco antes da festa começar - 39
- II. Dia 10 de Janeiro – o primeiro e grande dia - 42
- III. Leilão: “*Arrematação e só pros ricão*” - 50
 - III. 1. Algumas abordagens sobre os leilões - 51
 - III. 2. Entendendo um pouco do leilão na Catingueira ou *Cada macaco no seu galho* - 54
 - III. 3. A penosa ruim: representação de uma Catingueira - 59
 - III. 4. A penosa saborosa: representação de uma outra Catingueira - 64

Capítulo 3: A Catingueira e o Mundo: Hierarquia - 68

- I. Os *de fora*: razão da festa - 68
 - I.1. Mas que fora é esse? - 74
- II. Catingueira: eu te amo e te odeio! - 79
- III. Por que a festa é importante? - 84
 - III. 1. *Turismo Afetivo*: as razões dos *de fora* - 84
 - III. 2. *Esperando a Festa*: as razões dos *de dentro* - 91
 - III. 3. Compatibilizando duas visões: os *de fora* e os *de dentro* - 95

Anexos

- 1: As bolsas do governo - 98
- 2: Sobre o papel da igreja segundo alguns *filhos-ausentes* - 99
- 3: “...e ele disse que você tinha dito que eu tinha dito a você que...”: Fofoca - 100
- 4: Sobre a Antropologia da Alimentação - 110

Conclusões - 113

Bibliografia 119

O Anjinho: Mais um Sebastião

Lá vem ela, lá vem ela!, gritou a *Lucélia*, uma menina de 5 anos, filha de *Solon* e *Leide*, pais de outros oito filhos. Eu acabara de entrar na rua de barro, uma leve subida que ao fim vai dar na caixa d'água da cidade. A chamada, rua da Caixa D'água, é constituída de casas desalinhadas, na maioria casas de barro, foco fácil para o barbeiro que transmite a doença de chagas e para o mosquito da dengue. Quando *Lucélia* gritou anunciando a minha chegada uma porção de crianças colocaram a cabeça para fora da casa e outras saíram correndo em minha direção. Eu, ainda um pouco desacostumada com o modo de vida da Catingueira, olhei pra trás, despistadamente é claro, para me certificar se aquele alvoroço todo era mesmo pela minha chegada. E era.

Muito perto da entrada da casa, *Lucélia* se lamenta: *Ah! Meu Deus! Ela tá chegando e a casa tá toda suja....* É que não se varre a casa em dia de velório, espera-se o defunto ir-se para com ele jogar-se fora toda a imundície da casa; na esperança de que o morto leve com ele sua doença, seu sofrimento, sua má sorte. Neste caso, o defunto era um *anjinho*, ou seja, uma criança, um bebê que morrera aos dez dias de vida, tendo nascido de sete meses. Era um menino, chamava-se *Sebastião*. Seu nome foi dado pelo rezador que o batizara. *Leide*, sua mãe, pediu ao rezador que nomeasse seu nono filho¹. Como o pequeno havia nascido durante os dias da festa de São Sebastião, o nome dado foi Sebastião, em homenagem ao santo. *Leide* não é a única mãe da Catingueira a ter um filho com este nome. Como *Dona Luiza* me falou: *O nome do meu filho é Sebastião.* [Por que que a sra colocou Sebastião?] *É por que a gente é daqui de Catingueira, viu, e a família é da família de Catingueira, dos Lopes, você já ouviu falar dos Lopes? Aí por isso que eu butei, por causa do santo.* Da mesma forma, certo Sebastião me contou a origem de tantos Sebastões. *É, Sebastião. Minha mãe colocou. Me avô num era Sebastião? E o outro que tem em Brasília? Tem o outro Sebastião. E outro de Catingueira, Sebastião. Três Sebastião. (risos). Mas você é católica ou evangélica? Num sabe que vem pessoa de looongee todo ano pra festa de São Sebastião. Menina, tem muito Sebastião na Catingueira, pronto, esse aqui também é Sebastião, Seu Sebastião. Sabe o que ele me disse? Ele me disse que nasceu um Sebastião, aí morreu. Aí quando ele nasceu a mãe dele disse: "Mas eu vou butá Sebastião de novo, que São Sebastião vai criar esse daqui". Pronto, aí ele disse: "Aí eu me criei".*

Cheguei à casa de *Solon* e a primeira visão que tive foi a de um pequenino caixão de madeira barata envolto em um plástico de fundo branco e florzinhas verdes bem pequenas. Por sobre uma mesinha, o caixãozinho, coberto por um saco plástico branco, para que as moscas, abundantes nesta época do ano, não importunassem o descanso e a vigília do morto que ali era velado. O que mais me chamou a atenção foram dois copos pequenos de vidro, destes de massa de tomate, onde reinavam fixadas duas velas, apagadas insistentemente pelo vento. Para mim, a miséria era escandalosa. Gritava pelos átomos daqueles copos que ora compunham o cenário desolador. Respingava junto com a chuva que encontrava fáceis e abundantes buracos entre as telhas e nos molhava. Rompia o chão batido de barro, onde em alguns desníveis a sujeira ajuntava-se em pequenos montes. Transbordava pelos olhos de *Luana*, *Lucélia* e *Leidiane*, irmãs do pequeno Sebastião; com dois, cinco e dez anos, respectivamente, quando estas choramingavam a morte do irmão. E, sobretudo, a miséria estava estampada na morte prematura daquele Sebastião. Estava ainda na porta quando *Leidiane* apressou-se a retirar o saco plástico que cobria o anjinho para que eu pudesse vê-lo. Neste momento, as flores brancas, que haviam sido colocadas sobre o corpo perfumaram o casebre. A conversa, entrecortada de silêncios, girou em torno do inevitável, a morte da criança, mas outros assuntos também foram mencionados. Neste momento eu estava na companhia de *Maria do Carmo*, enfermeira e professora da cidade, que me levava até a casa de *Solon*. As crianças continuavam suas brincadeiras e sorrisos típicos da idade, e de quando em quando interrompiam a alegria, aproximavam-se de Sebastião, para com cara de pena dizerem: *eh, eh, o bichinho.....* Com certa desenvoltura no trato com defuntos, encostavam no bebê para ver-lhe a

¹ A criança como se vê, fora batizada fora da igreja, por um rezador que não reside em Catingueira, mas nas proximidades. Isso explicaria a ausência do padre no enterro do pequeno Sebastião?

temperatura ou arrumar as flores brancas cheirosas. *Melhor assim, ele é que é feliz*, falou uma vizinha. *Deus é que sabe das coisas*, disse *Maria do Carmo*, ao que a vizinha e *Leide* concordaram prontamente, balançando a cabeça lentamente, acompanhado por um suspiro longo. Fiquei de voltar ao fim da tarde para acompanhar o enterro.

A partir desse dia fui sempre recebida com muito gosto e carinho nesta casa. Fiquei conhecida de toda a família e por que não dizer amiga de *Leidiane*, que escrevera no seu caderno ao indagar da professora sobre quais eram as pessoas que seus alunos mais amavam: *minha mãe, da Guia, e Flavia*. *Leidiane* é um caso a parte, uma vez que travamos um relacionamento mais próximo. Porém, ao falar dela abarco uma quantidade grande de crianças que, da mesma forma que minha amiga, sofrem as conseqüências da pobreza. *Leidiane* nunca tinha usado papel higiênico. Vai para a escola em jejum. Mora em uma casa de apenas um quarto com outras dez pessoas. A única renda fixa que sustenta a família, lhes é proporcionada por dois filhos, entre eles *Leidiane*, através da Bolsa Escola. Ela sofria fortes dores de cabeça no período das aulas. Tendo feito exame de vista passou a usar óculos, mas para minha surpresa seu grau era bem baixo. Pessoas haviam me dito que mesmo com os óculos ela não deixaria de ter dores de cabeça, já que o problema maior não era a deficiência visual, mas a má alimentação. *Maria do Carmo* já tinha me dito que essa era uma queixa muito comum entre as crianças e eu mesma pude constatar este fato nas minhas conversas e entrevistas.

A mãe do anjinho não acompanhou o enterro. Chorando se abraçou a *Dona Maria*, também chamada *Nanan*, uma senhora católica, dizendo que não deixasse as crianças jogarem pedras no caixão de seu filho. O cortejo fúnebre era escasso, poucas pessoas acompanharam o enterro. No decorrer da procissão até o cemitério mais algumas pessoas aderiram ao grupo, que era composto sobretudo de crianças. Estas disputavam quem carregaria o caixão, aos avisos dos adultos para que carregassem o caixão uniformemente, na mesma altura, que não deixassem o corpo ou a cabeça mais baixo, enfim, que o transportassem com cuidado. O ponto mais disputado pelas crianças para carregar o caixão era na avenida. Chegando perto da igreja, na rua principal da cidade, que é também uma estrada estadual, o sino da igreja tocou de forma diferente, ao que a cidade subentendia a morte de um anjinho. Conforme passávamos, as pessoas saíam de suas casas para olhar o anjinho. Não foi apenas uma vez que o cortejo parou para levar o anjinho, sempre carregado por quatro outras crianças, por exemplo, até a mercearia, para que pudessem ver de perto o defunto. Querer olhar o rosto do anjinho, pedir para parar o cortejo, para perguntar de quem era filho, quais as circunstâncias da morte são atitudes comuns, observadas geralmente por pessoas do sexo feminino. Até um caminhão que seguia viagem parou e uma mulher que estava no banco de passageiros, botando a cabeça pra fora da janela, indagava sobre o morto. Ao chegar ao cemitério três pessoas adultas se certificaram de que as crianças que haviam deixado a casa carregando o bebê estariam também entrando com ele na porta do cemitério. O padre, como já disse, não estava presente, e o enterro foi feito muito rapidamente. Não antes da retirada de um curucu de dentro da cova aberta, e o correr alvoroçado das crianças. Curucu é um sapo muito grande, abundante depois das chuvas, do qual, sobretudo as crianças, têm muito medo.

Não houve orações, nem encomenda pela alma do morto. *Dona Maria* plantou algumas flores com a ajuda das crianças, que com algum constrangimento retiravam as flores da cova ao lado para colocar no pequeno monte de terra molhada que o coveiro fizera em cima da cova de *Sebastião*, auto justificando-se ao dizerem que não tinha problema nenhum pegar as flores do outro morto, desde que não fosse para levar pra casa. Nossa saída foi apressada pelo coveiro que mandou dizer que já era hora de fechar o cemitério.

Leidiane e seu irmão Sebastião

Introdução

A casa onde fiquei, de janeiro a março de 2002, na Catingueira² é uma das primeiras casas que foram construídas na cidade, porém na época da sua construção foi considerada uma casa *no meio do mato*. Hoje em dia, está em um dos pontos de maior afluxo de pessoas, contando inclusive com o *Coreto*, um bar, em frente. É uma casa com paredes muito altas, cuja frente possui 3 portas e duas janelas, sendo que as portas, como é comum no nordeste, são de duas partes, podendo abrir-se somente a parte de cima deixando a parte de baixo fechada, ou menos freqüentemente o contrário. É uma casa considerada muito boa, uma vez que se localiza em um lugar de prestígio e que é feita de tijolo e não de taipa, como a maioria das casas da cidade. Além disso, ela é grande. Na verdade são dois quartos, duas salas, copa, cozinha e banheiro. Recentemente uma reforma acrescentou à casa mais um quarto e um banheiro. Os banheiros ficam dentro de casa e têm meia parede de cerâmica. O piso de toda a casa é de cerâmica, menos uma sala cujo chão é de cimento liso. Nos primeiros dias do trabalho de campo, a admiração das minhas visitas me surpreendiam. Estas pessoas olhavam a sua volta e exclamavam quanto a qualidade e o tamanho da casa. Depois de andar nas casas na Catingueira, principalmente as casas *do alto* e da *rua da Cerâmica* é que me dei conta do que representa aquela casa aos olhos de quem mora em casas de taipa e temiam que as suas casas viessem a baixo com as chuvas fortes deste ano. Chão de barro, paredes de barro, casas tão pequenas que raramente contavam com mais de dois cômodos, a cozinha e uma sala, a sala servindo também como quarto. Ou uma sala e quarto, sendo a cozinha do lado de fora. Ou ainda só um quarto, sendo cozinha e banheiro, ambos do lado de fora, como a casa de *Da Guia*, amiga de *Leidiane*. Outras coisas eu

²Catingueira situa-se na Meso-região do sertão da Paraíba, na região conhecida como *Ribeira do Piancó* ou *Vale do Piancó*. Quanto à população, os últimos dados são do censo de 2000:

Municípios	População residente, sexo e situação do domicílio					População residente de 10 anos ou mais de idade		
	Total	Homens	Mulheres	Urbana	Rural	Total	Alfabetizada	Taxa de alfabetização (%)
Catingueira	4.748	2.335	2.413	2.539	2.209	3.832	2.311	60.3

também só fui compreendendo com o passar do tempo, e se pudesse ter ficado na Catingueira por mais tempo tenho certeza de que faria outras “descobertas”³.

É preciso dizer que esta casa pertencia à minha avó paterna, quando viva. Ali moraram meu pai e seus irmãos no período escolar. Durante as férias toda a família se dirigia ao sítio. Sobretudo os mais antigos referem-se a esta casa como a *Casa de Dona Naná* e até se zangam quando atribuem a casa a outro dono. O que quero dizer é que meu pai e sua família são oriundos da Catingueira e por aí passa meu vínculo primeiro com a cidade. Meu pai é um *filho-ausente*, e como espero deixar claro, esta categoria é importante para se compreender a cidade em questão, para além da própria festa do padroeiro, objeto de minha análise neste momento. Entender a cidade durante a festa torna possível uma espécie de compreensão da cidade da Catingueira em qualquer período do ano. Pensando aqui que as sociedades se dão a conhecer em certos momentos, momentos rituais, poderíamos dizer. Assim, a *Briga de Galos Balinesa* fala dos Balineses; da mesma forma que ao se observar o Carnaval Carioca podemos ver dramatizados os ícones *que fazem o brasil, Brasil*, isso só para dar alguns poucos exemplos da vasta bibliografia antropológica sobre este assunto. Ao mesmo tempo, a festa caracteriza-se por um tempo diverso do tempo cotidiano, possuindo certas particularidades. Como descreve *Moacir Palmeira* (1995, 1996,

³Entender a configuração geográfica da cidade pode ser interessante para se conhecer a Catingueira e os catingueirenses. Delimitaria a cidade da seguinte forma: os sítios, o centro, a Rua da Cerâmica e a Rua do Alto, e as ruas intermediárias situadas entre o centro e as ruas da Cerâmica e do Alto. A Rua da Cerâmica é considerada a periferia da cidade, considera-se perigoso andar a noite por aqueles lados da cidade, não há iluminação pública suficiente e ali moram as pessoas consideradas mais pobres da cidade. *Dona Cícera* mora lá e é ela quem nos diz: *Às vezes eu num vou pra igreja por que aí num tem luz, é no escuro, mas o menino butou lâmpada. Tava jogando umas pedras... [Quem?] Quem sabe? Um marfazejo ruim. Num tá vendo minha fia como essa rua aqui como é. Aqui é esquisito, tu num tá vendo não que é esquisito? É mesmo que um sítio, menina! Olhe, de primeiro eu falava os povo: “vocês vende tanta as coisa aqui na rua, na rua da Cerâmica que a gente é pobre, mas às vezes a gente compra umas coisa. Às vezes passa uma pessoa tá com precisão a gente compra”. Pense, menina, aqui num andava ninguém. Aí, agora eles passa.* A Rua do Alto é também considerada de baixo prestígio mas não tanto quanto a Rua da Cerâmica. Nunca ouvi comentários quanto ao perigo de se transitar por ela a noite. Estas duas ruas não possuem calçamento, contam com a grande maioria das casas construídas de barro, falta-lhes água encanada e rede de esgoto. Em extremo oposto temos as ruas do centro, onde a proximidade em relação a igreja determina o prestígio das mesmas. As ruas têm calçamento, água encanada e rede de esgoto. Fazendo a passagem do centro a periferia temos as ruas intermediárias, que como o nome dado indica possuem semelhanças com os dois extremos geográficos. E por fim, temos os sítios que ocupam posição ambígua. De um lado, o sítio é exaltado, principalmente pelos mais velhos que trabalharam quando jovens na terra. De outro lado, observamos um número cada vez maior de pessoas que deixam os sítios para morarem na cidade. Não posso discorrer longamente sobre este assunto, uma vez que não colhi informações suficientes. Não posso nem ao menos aventar as razões deste êxodo rural. Pode-se estar diante da dispensa do empregado pelo patrão ou pode-se mesmo estar-se diante de uma opção feita pelo trabalhador e sua família de deixarem o sítio. É certo que uma queixa muito freqüente dos mais velhos é que

1997, 2001) para o tempo da política, o tempo da festa é um tempo especial. Entretanto, como menciono na página 71, a festa em si não é o tema principal desta dissertação. Não me proponho a fazer uma Antropologia da festa. A *Festa de São Sebastião da Catingueira* será tratada como um **meio privilegiado** de acesso ao universo catingueirense. Uma vez que durante este período, aqueles que lá nasceram e há muito residem fora da cidade, voltam a sua cidade natal, tornando possíveis agenciamentos coletivos diferentes e que em grande medida só poderiam se dar nestes momentos a-cotidianos, mas que mesmo assim carregam um potencial de inteligibilidade em relação a diversas questões.

Porém deixo esta discussão para mais tarde, interessa-me aqui dizer que meus laços de parentesco facilitaram em grande medida a entrada inicial na cidade, o que não significa que tenha moldado minhas relações. Isso sim, confesso, que se deu na primeira ida a campo, em janeiro de 2000, quando ainda fazia a pesquisa para a monografia de fim do curso de graduação em Ciências Sociais, na UFMG. Neste momento fiquei na cidade apenas sete dias, somente durante os dias de festa, o que como é evidente não me permitiu tecer relações mais profundas e baseadas em outros vínculos que não o parentesco. Não contava com parentes diretos morando na cidade (neste ano sim, um tio-avô, estava morando na cidade), mas com uma grande quantidade de parentes distantes, que apesar de assinarem o mesmo sobrenome, eu não conhecia ou nem mesmo sabia da existência. Acredito que mesmo tendo ficado três meses na cidade não conheci todos estes meus parentes, e posso ainda me surpreender com novos primos e primas que venha a conhecer. Inúmeras vezes me defrontei com uma pessoa, e depois de conversarmos um pouco descobríamo-nos parentes, ou parentes de parentes.

Tinha 8 anos de idade quando visitei pela primeira vez a cidade natal do meu pai, daí até 2000, quando fiz o primeiro reconhecimento de campo, voltei à cidade mais quatro vezes, sempre no período da *Festa de São Sebastião*. Ou seja, em 2002 fazia a minha quinta visita à Catingueira. Alguns fatos sempre me chamaram a atenção como turista, a mim e aos outros turistas com os quais conversava. Entre eles e, principalmente, chama a atenção do turista desavisado o leilão *das penosa* e o alto preço atingido pelas nada saborosas galinhas assadas (salvo neste ano de 2002). E esse espanto e às vezes indignação, que

os jovens não querem mais trabalhar e por isso vem para cidade, uma vez que o trabalho nos sítios é tido como penoso.

observava nos turistas, se dava ao se contrapor a pobreza da cidade ao gasto suntuoso operado nos leilões. No mesmo sentido, as festas particulares com sua característica abundância, marcada pelos excessos festivos de comida, bebida, música e diversão chamam a atenção contrastivamente à pobreza, condensada, talvez, nas casinhas de taipa. Outro aspecto que causa impressão ao turista é a fé no santo pequenino, fé não exclusiva e nem tradicionalmente rígida, já que o modo de participação mais comum na festa de janeiro é a participação dupla: aquela que se dá nas celebrações da igreja, como nas procissões, asteamento e descida do mastro e da bandeira, e em menor grau, nas novenas; mas sem se ausentar da festa chamada *profana*. Tal como nas romarias portuguesas descritas por *Pierre Sanchis* (1983), aqui, o sagrado e o profano não estão separados como dois pólos contrários e excludentes, antes se integram num todo, chamado festa, que permite, propicia e requer (para ser considerada uma *festa boa*) essa *mistura*⁴, no sentido dado por Mauss (1974b), no *Ensaio sobre a Dádiva*; entre sagrado e profano, entre santos e pecadores, entre homens e *São Sebastiãozinho*. *Farrar*, no sentido de beber, namorar, dançar, e se divertir a tarde inteira não impede que o turista ou o morador da cidade vá à igreja durante a noite, pague sua promessa, ou apenas participe da novena. Lá ele canta o hino de seu padroeiro São Sebastião (vide página XI); vê e acompanha com as palmas (e às vezes, até com lágrimas nos olhos) a *Banda Cabaçal*⁵ entrar na Igreja e prestar sua homenagem ao santo; faz uma prece; comunga. Logo depois, nosso turista volta depressa pra *bagaceira*, mas nunca sem antes, apreciar o espetáculo dos fogos de artifício e dos balões coloridos lançados ao céu sempre ao final das novenas⁶.

No início da pesquisa de campo em 2002, me causava impressão o modo de falar da Catingueira, que descobri ser próprio, se diferenciando tanto quanto ao sotaque quanto ao léxico de João Pessoa, Recife e outras cidades do nordeste. Expressões próprias ao lugar e

⁴ *No fundo são misturas. Misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e é assim que as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca.* (Mauss 1974b: 71).

⁵ Sobre a *Banda Cabaçal* darei mais informações na página 12.

⁶ *É difícil afirmar qual a parte mais importante da festa, se as rezas, o baile ou o repasto. Muito pouca gente atenderia ao festival se não houvesse dança. Suprimir as ladainhas seria transformar a festa em baile profano, e faltar com o respeito ao santo. Finalmente, sem a comida farta que os juízes oferecem, seria difícil aos convidados demorar-se por tanto tempo fora de casa e de sua mesa. Igualmente importantes são os elementos acessórios o levantamento e derruba do mastro; a participação da folia; o círio com os juízes; as mãos de samba em “homenagem” ou “agradecimento”; o respeito ao santo demonstrado pelos vários atos de devoção, os quais constituem o todo a que chamam de “festa do santo”.* (Galvão 1955:80-81).

maneiras de se falar certas palavras me foi, no início, uma dificuldade a ser ultrapassada para poder me comunicar com os catingueirenses. *Maria Gambá*, uma senhora, que se crê católica, lê mão, traz o namorado distante em poucos dias, assim como objetos e animais perdidos ou roubados com o auxílio das *Almas Vaqueiras*, através do *rosário apressado*, e que segundo me contaram *trabalhava com galinhas*, ou seja, com *catimbó*; disse-me, na segunda visita que eu lhe fizera que eu falava igual ao *Doutô Jone*. - Doutor John é um dos médicos da Catingueira. Entretanto, nasceu na Tanzânia, estudou em Cuba e mora no Brasil há pouco tempo - . Dizendo, não dispensando um agudo senso de humor, que da primeira vez em que eu estivera na sua casa ela ficara rindo com *seu velho* depois que eu fora embora, já que não tinham entendido uma só palavra que saíra da minha boca. Foi nesta segunda visita que ela me revelou a minha condição de estrangeira no meu próprio país.

Quando cheguei em Catingueira neste janeiro de 2002 percebi que algumas coisas haviam mudado desde o ano 2000, a última vez que eu lá estivera. A cidade crescera visivelmente. Uma farmácia era o mais novo estabelecimento comercial da cidade e quando eu me despedia, ao fim do meu trabalho de campo, uma nova opção de lazer se instalara na cidade: um cinema! Na verdade, um vídeo cassete, uma sala da casa de uma família, algumas cadeiras. Pagava-se R\$ 2,00 pelo ingresso e anunciava-se matiné e sessões noturnas, com programação infantil e adulta (o primeiro filme adulto a ser exibido seria *Matrix*). Além disso, alguns novos mercadinhos foram abertos, e já se podia comprar com facilidade alguns legumes e frutas, como banana e tomate, sem a necessidade de se deslocar até Patos (3^a maior cidade do Estado da Paraíba, distante 30 minutos da Catingueira). Uma casa lotérica se instalara na cidade, abrigando o caixa eletrônico da Caixa Econômica Federal, onde se sacava o dinheiro das bolsas do governo⁷. No decorrer da minha estada em Catingueira vi a agência dos Correios ser equipada de um computador e um aparelho para fazer a leitura do código de barras das contas⁸.

Certa vez, no início da festa, perguntei a uma senhora, *Dona Petrolina*, se a festa daquele ano seria boa, ao que ela me respondeu afirmativamente, já que tão cedo a cidade

⁷ Ver anexo 1: As bolsas do governo.

⁸ A funcionária dos Correios assistiu, ativamente obviamente, um tanto quanto receosa a chegada do computador. Fechou as portas por meio expediente e atendia nos primeiros dias com lentidão. Ao mesmo tempo em que a nova tecnologia causava um certo receio, no princípio pela dificuldade de operação que poderia apresentar, o computador também era bem visto aos olhos da funcionária e da população, como um sinal de que Catingueira estava no caminho certo, no caminho do progresso.

já recebia turistas. Aqui me permito um pequeno parênteses. Neste momento *Dona Petrolina* se referia a mim. Apenas eu chegara tão cedo. No dia 04 de janeiro ainda não havia outras pessoas *de fora* na cidade. Isso para dizer que mesmo se eu quisesse me colocar em uma posição de pesquisadora, de observadora, de alguém a parte da comunidade, eu assim não era vista. Neste momento, minha identidade era, acima de outras identidades que eu poderia adquirir, de *turista*; mesmo que eu assumisse uma atitude de *perguntar demais* de *querer saber tudo*, mesmo se eu *andasse nas casas do povo*, atitude um pouco estranha para um turista passageira. Uma pergunta que sempre me faziam era: *Quando tu vai embora?*, e emendado logo perguntavam *depois da festa?*. Não fui embora depois da festa, ainda fiquei na cidade mais dois meses. Com isso minha identidade de turista modificou-se um pouco e passei a ser vista não como alguém que viera só para a festa, como fazem todos os turistas convencionais. E, ao fim, me resignei a uma identidade que ao início tanto recusava, a de *jornalista*. Para muitos eu era assimilada como *a jornalista* que estava escrevendo um livro sobre a *história da Catingueira*. Eu costumava andar pela cidade carregando uma sacola de pano onde levava um caderno, uma caneta, máquina fotográfica e o gravador. Uma vez, passando em frente a padaria, um rapaz gritou do outro lado da rua: *ah... se eu pego esse caderninho, vou ficar sabendo de toda a história da Catingueira...*

Sobre as expectativas da população em relação ao que poderia ser *pesquisável* na cidade, tenho a dizer que quando alguém tomava conhecimento que eu estava fazendo uma pesquisa sobre a cidade da Catingueira a primeira coisa que eu ouvia era alguma observação a respeito de *Inácio da Catingueira*. Mesmo o padre, para quem eu mandara minha monografia de conclusão de curso sobre o mesmo tema, expressa esse elenco de prioridades e importância que certos aspectos da cidade assumem em detrimento de outros. Em uma das homilias o padre me apresentou a comunidade dizendo que eu estava pesquisando sobre *Inácio da Catingueira*. Se eu estava pesquisando ou *escrevendo um livro*, ou ainda *fazendo a história da Catingueira*, como ouvi algumas vezes, era esperado que eu me interessasse em primeiro lugar por *Inácio da Catingueira* (mais de uma pessoa me contou que outra pesquisadora, essa estrangeira, já tinha estado lá para pesquisar a vida de Inácio). Em segundo lugar, eu devia me interessar pela *Banda Cabaçal*, e em terceiro lugar, pelo sítio da *Mina do Ouro*. Não deixa de ser curioso constatar o que os nativos

consideram interessante e digno de nota em seu próprio mundo. Não pesquisar exatamente o que eles me disseram ser importante não significa, neste caso, não levar a sério a perspectiva nativa, uma vez que essa perspectiva nativa é fruto de um processo reflexivo desencadeado pela minha presença, ou pela presença de qualquer outro pesquisador. É como se eles me dissessem o que eles consideravam que eu gostaria de ouvir. Fico imaginando se o nome de *Inácio* seria tão lembrado frente à minha presença se eu não dissesse que estava pesquisando sobre a cidade. Será mesmo *Inácio* parte da vida ordinária da Catingueira? Ou esta figura lendária seria acionada em momentos determinados quando se faz necessário marcar o que há de relevante e/ou peculiar na cidade? Qual não era a surpresa de alguns quando eu lhes dizia que eu não estava estudando *Inácio da Catingueira*. E a insistência de outros em me dar informações sobre este personagem da cidade, mesmo já tendo dito que ele não era do meu interesse neste momento, se esquivando das minhas perguntas sobre religião ou outros temas, o que talvez expressasse uma impossibilidade ou recusa de compreensão da minha escala de prioridades. Estava mais interessada em religião e não o que para eles seria mais interessante, porque particular e doador de crédito e prestígio àquela cidade. Ora, religião e festa de santo tem em todo lugar⁹, *Inácio* não, *Inácio* como seu nome diz é *Inácio da Catingueira*.

Inácio da Catingueira, diz que foi um escravo, num sabe? Um cantador velho, aí, começou a cantar mais Romano do Teixeira, era um outro cantador, né, mais daí por diante eu num sei de nada.

Como *Seu Bastião* falou, *Inácio* era um escravo cantador, e como dizem, o maior de todo o sertão. Mostrou sua inteligência e valentia numa grande peleja contra Romano do Teixeira, cantador que até então era considerado o melhor. Nesta disputa de repente, viola e pandeiro, que conforme consta, foi a mais memorável de todos os tempos, e o gênio negro do sertão (Sátyro 1979:129) foi vencedor. A peleja durou oito dias e oito noites sem parar. À partir daí sua fama se espalhou. *Inácio* nasceu, viveu, sofreu, morreu e foi sepultado em Catingueira (Nunes 1979:19), quando esta ainda não era município, e morreu no ano de 1879 (Nunes 1979:15). É um personagem ao qual se refere, por exemplo, as camisetas das

⁹ Sem esquecer que *São Sebastiãozinho* é tipicamente Catingueirense, já que veio para a cidade no momento da constituição da mesma, e mesmo sendo o grande responsável e beneficiário da constituição da cidade. Sobre a constituição da cidade e a relação com a imagem pequenina do santo ver à partir da página 13, nessa Introdução.

festas de São Sebastião, como a da festa de 2000, que utiliza os versos mais conhecidos do poeta:

“Tenho pena de deixar
A Serra da Catingueira,
A fazenda Bela Vista,
A maior desta Ribeira,
O riacho do Poção,
As quebradas do Teixeira”.

Não é raro as pessoas saberem de cor este verso. Outra referência ao *gênio escravo*, está na camiseta da festa de 2002:

“*Catingueira é a cidade que cultura e fé encerra*
A cultura é de Inácio que decantou esta serra
A benção e a proteção é de São Sebastião
Padroeiro desta terra” (Braz).

Mas as referências à Inácio não param por aí, temos ainda:

“Quando chego em minha terra
Cumpro minha devoção

Vou à igreja me ajoelho

Rezo a São Sebastião
Invoco o nome de Inácio
Pra pedir-lhe “inspiração”¹⁰

Na praça da cidade, que fica atrás da igreja, de frente para a rua de maior movimento da cidade, a rodovia estadual, fica uma estátua de Inácio com seu pandeiro na mão. Além disso, o grupo musical *Cordel do Fogo Encantado*, faz menção à *Inácio* na bela música *Cordel Estradeiro*, de *Lirinha*.¹¹

¹⁰ De acordo com Nunes 1979:11, o verso é atribuído a João Cipriano, também conhecido como João Catingueira, que se dizia filho de Inácio da Catingueira.

¹¹ *Cordel Estradeiro*

A bença Manoel Chudu
O meu cordel estradeiro
Vem lhe pedir permissão
Pra se tornar verdadeiro
Pra se tornar mensageiro
Da força do ter trovão
E as asas da tanajura
Fazer voar o sertão
Meu moxotó coroadado

De xiquexique e facheiro

Onde a cascavel cochila
Na boca do cangaceiro
Eu também sou cangaceiro
E o meu cordel estradeiro
É cascavel poderosa

A *Banda Cabaçal*, por sua vez, é um dos ícones da cidade e um dos marcos da festa. É composta de quatro músicos de uma mesma família, onde dois tocam pífaros, e os outros dois zabumba e caixa. Já contam com uma história bicentenária. Entram na igreja sempre ao final das novenas para fazerem sua reverência ao santo. Já tocaram até em Brasília e são motivo de orgulho da cidade.

Só sei que a festa daqui é tradição. Tanta animação aqui, quando é no dia 10 de janeiro é alegria de todo mundo, é quando vê a banda cabaçal, a zabumba tocar, aí começou a festa, todo mundo acha que aquilo.... é tradição, né, dos mais velhos, toda vida, começa com a zabumba e a Banda Cabaçal e todo mundo acha que é a festa começou, quando vê a zabumba. (Dona Terezinha, professora primária e frequentadora do Centro Espírita).

O que a cidade poderia oferecer de interessante? *Inácio* e a *Banda Cabaçal* sem dúvida, mas também o sítio chamado *Mina do Ouro* com sua história de riqueza e

É chuva que cai maneira
Aguando a terra quente
Erguendo um véu de poeira
Deixando a tarde cheirosa
É planta que cobre o chão
Na primeira trovoada
A noite que desce fria
Depois da tarde molhada
É seca desesperada
Rasgando o bucho do chão
É inverno e é verão
É canção de lavadeira
Peixeira de Lampião
As luzes do vaga-lume
Alpendre de casarão
A cuia do velho cego
Terreiro de amarração
O ramo da rezadeira
O banzo de fim de feira
Janela de caminhão
Vocês que estão no palácio
Venham ouvir meu pobre pinho
Não tem o cheiro do vinho
Das uvas frescas do Lácio
Mas tem a cor de Inácio
Da serra da Catingueira
Um cantador de primeira
Que nunca foi numa escola
Pois meu verso é feito a foice
Do cassaco cortar cana
Sendo de cima pra baixo
Tanto corta como espana
Sendo de baixo pra cima

decadência. A região localizada a pouco mais de 20 Km do centro de Catingueira, atingiu nos anos 1941 a 1943 seu auge de desenvolvimento econômico, proporcionado pela extração de ouro. Diz-se que mais de 4 toneladas do mineral foram extraídas deste local, empregando, segundo conta-se, seis mil homens. *O ouro vai para Patos, o preso segue com destino a Piancó e somente os defuntos são levados para Catingueira.* (Lucena 2002:6). É corrente a lenda de que o ouro é amaldiçoado, já que todos os que um dia lucraram com essa atividade terminaram pobres. *Seu Além*, um senhor de aproximadamente 70 anos, na época do trabalho de campo, mas que veio a falecer em Setembro, aparecerá muitas outras vezes neste texto, sempre expressando suas preciosas opiniões e ajudando-me a compreender um pouco de sua querida terra natal, contou-me que essa história de que o ouro é amaldiçoado não passa de uma balela. Para ele a história é bem outra. A verdade é que muito pouco deste ouro ficava para o dono das terras, muito menos ainda para aquele que o extraía. Parte considerável, 90% do ouro arrecadado seria repassado à Casa da Moeda, e o resto era a parte que cabia ao proprietário da terra. Assim, explica-se o porquê de não haver hoje em dia ninguém que ainda viva dos benefícios da época do ouro. Por minha parte, eu também não me mostrava interessada na *Mina do Ouro*. Donde a pergunta: *O que que essa menina tá fazendo aqui?*

Eu dizia que estava fazendo uma pesquisa sobre a *feira do padroeiro*, principalmente para os católicos; e para os evangélicos dizia primordialmente que meu tema era *religião*. Neste contexto, *São Sebastiãozinho* ganha notoriedade. A fé no santo pequenino, as inúmeras promessas, e o dinheiro considerável que circula na cidade em nome do santo no período de festa são aspectos que chamaram a minha atenção. Assim como o trato familiar que permite apelidar a imagem do santo de *Bastião*, *Tião*, *Bastiãozinho*. Esta imagem a que se referem estes vocativos foi comprada, ou melhor, *trocada*¹², nos primórdios da constituição da cidade. O próximo passo é explicar a relação entre a cidade e santo. Cidade esta, que já foi durante um período chamada de *São Sebastião da Catingueira*¹³. Esse passo é necessário para entender o que *Lulu* quer dizer

Voa do cabo e se dana.

¹²Vemos a mesma expressão em Galvão 1955:51 em uma comunidade do interior da Amazônia. Para ele o verbo “comprar” é desrespeitoso, sendo mais indicado “trocar”, quando se trata da aquisição de uma imagem de santo. Na Catingueira é comum ouvir-se os dois termos.

¹³ Catingueira foi o primeiro nome do lugarejo. Havia uma árvore, de nome Catingueira, que servia de descanso para aqueles que viajavam pela região. Com o tempo, a árvore emprestou seu nome ao lugarejo.

quando me disse: *Sou eu filha aqui de Catingueira, né, tem que ser devota de São Sebastião*¹⁴.

Na região onde hoje temos a Catingueira, no século XVIII, havia uma fazenda de propriedade de Pedro Velho Barreto. Situada entre as regiões de Piancó e Espinharas, a área beneficiou-se de sua condição de entremeio. Em meados do século XIX, iniciou-se o processo de povoamento da cidade, com a construção das primeiras casas.

Concomitantemente, uma peste de cólera acometia toda a região e temendo que a doença fatal assolasse a população do lugarejo, uma mulher (há discordâncias quanto a identidade desta mulher, por isso me abstenho de citar seu nome), fez uma promessa a seu santo de devoção, São Sebastião, aquele a quem é atribuído o dom de exterminar a fome, a peste e a guerra. O santo cumpriu sua promessa: ninguém na Catingueira adoeceu. Em agradecimento ao milagre, São Sebastião recebeu uma capela com sua imagem pequenina e uma cidade inteira¹⁵.

A promessa compreendia a construção de uma capela e a doação de todo o lugarejo ao santo, que incluía parte da Serra da Catingueira, do povoado e da área rural. Para cumprir a promessa foi preciso unir quatro famílias que doaram suas terras. *Ao sul, os Corrêa; ao poente, os Abreu; ao nascente, os Pedro Velho; ao norte, os Macaúba. (Dona Aparecida)* Desta forma, juridicamente todos os terrenos da cidade tornaram-se propriedade de São Sebastião. Os moradores pagam uma quantia anual até hoje à igreja, chamada *forro*, que funciona como uma espécie de aluguel pelo uso da terra. O pagamento do *forro* é calculado a partir da extensão frontal do terreno, não importando sua profundidade. A cada

Pela lei n.º 836, de 9 setembro de 1887, Catingueira recebeu o nome de *São Sebastião da Catingueira*, em virtude do milagre alcançado. Pela decreto n.º 27, de 23 de julho de 1890, o lugarejo transformou-se em *Jucá*. Em 1933, pelo decreto n.º 400, o povoado transformou-se em distrito, sob o nome de *Jucá*. Foi em 15 de novembro de 1938, que o distrito teve sua mais antiga denominação reimplantada. *Catingueira* tornou-se município pela lei n.º 2144, de 15 de julho de 1959.

¹⁴ Algo parecido é apontado por Morales (1993:2). Dentro da lógica de um cordelista, dono de uma barraca na Feira de São Cristovão, sua obra era cordel porque ele era nordestino.

¹⁵ *São Sebastiãozinho* é o nome dado a imagem pequena, adquirida como primeira imagem do santo padroeiro. Ela ainda hoje permanece na igreja e representa bastante para a comunidade. Durante toda festa esta imagem peregrina pelas casas dos fiéis, cada dia o santo passa a noite na casa de alguém. Durante as celebrações das missas fica em um lugar privilegiado, a frente e ao lado do altar. Além disso, nas procissões é ela que trafega pelas ruas, sustentada pelo povo. Esta imagem por estar tão presente na vida daqueles que participam da festa religiosa, adquiriu com o tempo uma conotação humana. Não se trata de um objeto feito de material perecível, mas de um ente poderoso, capaz de realizar milagres. Por isso, quando se refere à imagem não se diz *a imagem de São Sebastião*, se diz o próprio *São Sebastião*, não é um objeto puro e simples, é antes o próprio santo encarnado no barro. O hino de São Sebastião, cantado em todas as missas,

metro se paga R\$ 1,00 ao ano. Os moradores que desejam ser donos do seu terreno podem comprá-lo. A mediação entre o dono do terreno, ou seja, o santo e o pretendente à compra é feita pela Igreja.

Geraldo: Quer dizer que é o seguinte, a cidade, toda a cidade tem um padroeiro dela, né? Aí quem manda é o padroeiro, aí a festa é do Padroeiro.

F.P.(Flavia Pires): Mas o padroeiro manda em que?

Geraldo: Em tudo, nos terrenos....

Sebastião: Essa Serra toda é dele. Aqui até aculá no açude...

Geraldo: Se você quer comprar um chão aí, você tem que falar com o padre.

Sebastião: Com o bispo.

Geraldo: Fala com o padre aí o padre vai ver e o bispo libera. Senão....

Sebastião: Não compra não.

F.P.: Nada com a prefeitura não?

Geraldo: Não, a prefeitura num tem nada. Nada, nada.

Sebastião: Nada com a prefeitura não. A prefeitura só tem o local dela.

Estes relatos sobre o início da cidade podem ser vistos como um mito de origem, onde ocorrem pequenas variações de acordo com o sujeito que o conta. No entanto, algumas pessoas nunca ouviram falar na história da promessa. Como é o caso de *Dona Maria Emília*, talvez seja importante dizer que ela não nasceu na cidade. Perguntei-lhe sobre o *forro* e porque ela o pagava, veja o que ela respondeu:

Maria Emília: Eu pago todo ano 10 real.

F.P.: Por que?

Maria Emília: Por que é dele.

F.P.: Como assim?

Maria Emília: São Sebastião, é dele, né.

F.P.: Mas ele que comprou?

Maria Emília: Por certo.... só sei que quando eu cheguei já achei assim.

Entretanto, a maioria da população já ouviu falar da promessa inicial. Mesmo assim é recorrente dizerem que não sabem contá-la, indicando quem poderia dar mais informações¹⁶. Mas com um pouco de insistência a maioria sabe falar alguma coisa sobre a

revela a esperança no santo: *Livrai-nos da peste, São Sebastião*. Mais à frente darei maiores detalhes dessa relação.

¹⁶ Em um belo texto Caldeira (1981) fala-nos, inspirada em Foucault, das relações de poder-saber que se estabelecem entre pesquisador e entrevistado no momento das entrevistas. Algumas constatações levantadas por ela foram igualmente sentidas no meu período de campo na Catingueira. *Quantas vezes fui obrigada a responder à pergunta: "mas por que a sra. quer saber da minha vida? eu sou uma pessoa qualquer, nem sei falar direito!"* [Na Catingueira as pessoas à partir de afirmações semelhantes a essas me enumeravam as pessoas com as quais eu devia conversar, normalmente *Doutô* Paulo, o Padre, e Seu João Brunet (normalmente neste ordem, sendo o primeiro o maior dono de terras da região, e o terceiro outro dono de

doença e a promessa inicial. E a despeito das variações, conserva-se em todas as histórias contadas um mesmo fio condutor, a saber, a fé em São Sebastião capaz de livrar uma população da desgraça, e a recompensa que recebe o santo. Recompensa essa que acaba por inaugurar uma nova cidade. Em suma, conserva-se a promessa enquanto mecanismo de obtenção de graças por intermédio do santo.

F.P.: Aqui eles falam que a cidade nasceu de um promessa, a senhora sabe contar?

Terezinha: Num sei contar não, minha filha, isso aí... a gente sabe contar assim por cima...

F.P.: É, mas conta por cima que tá bom.

Terezinha: (risos)...conta assim, né, que foi uma doença que houve na Catingueira aqui, né, parece que o nome era cólera...É, eu sei que deu essa doença, e inventaram de fazer essa promessa, que São Sebastião protegesse pra num chegar até a Catingueira e diz-se que trocava São Sebastião e fazer uma capela, e de fato, fizeram mesmo. E num chegou aqui não, veio até a Mina do Ouro, e o povo contava, né. A Mina de Ouro aí, que chama São Vicente, né.

Sebastião: Pronto, eu ouvi essa história também.

Geraldo: Já ouvi falar, né?

Sebastião: Já demais, isso foi uma promessa que fizeram, por uma doença, uma epidemia, uma febre amarela, num sei o que foi, aí os mais velhos fizeram uma promessa, se ficasse bom, agora num sei se foi Coroné Firmino, nem se foi o finada Onorata, que fizeram essa promessa, que essa terra aqui, deram a São Sebastião por causa disso. São Sebastião fosse servido, e se acabasse aquela doença, dava um terreno pr'ele fazer um patrimônio e construi, para ele ser o padroeiro daqui, toda vida, justamente, foi isso. Agora eu num sei quem foi que ..., se foi a família dos Lope, ou se foi dos Firmino véio antigo, Coroné

terras, com fama de historiador.)] *Contra argumentar era difícil. Como convencer que a sua vida era importante? Certamente é mais fácil acreditar que se está sob suspeita (o maior problema que enfrenta o pesquisador ao chegar a um bairro pobre é convencer seus moradores de que não é um fiscal ou da polícia). [Só para citar uma situação dentre outras em que eu fui associada com os poderes instituídos, certa vez aproximei-me de uma barraca que havia se instalado nas proximidades da igreja para a festa de São Sebastião. Comecei a conversar com o dono da barraca, um senhor de aproximadamente 70 anos, Papinha, perguntando-lhe os preços dos seus produtos, (o que mais se vendia, segundo ele, era cachaça, tinha de 20, 30, 40, 50 centavos de real e tinha também de latinha que era mais cara), sobre o movimento da cidade, sobre a festa, etc.. Ele se esquivava das perguntas, como se estivesse desconfiado. Não olhava meus olhos, me chamava de Senhora. Assim, passados alguns minutos de palestra chega um pai de família que trabalha no transporte (ilegal) de passageiros para Patos e começa a conversar conosco. Como ele já me conhecia previamente se dirige a mim deixando clara a minha condição. Daí, Papinha, soltou uma longa risada e aliviado, tornou pública sua desconfiança: ele pensava que eu era a Promotora, uma figura que nos meses que estive na Catingueira vinha impondo bastante respeito e causando um certo alvoroço na cidade com suas ações drásticas no combate à evasão escolar, à prostituição infantil, ao consumo de drogas legais e ilegais. Note que eu havia chegado aquela barraca dirigindo uma bicicleta, meio de transporte nada convencional para a tal Promotora.] E como convencer alguém sem voz que sabia falar? Inúmeras vezes no final da entrevista ouvi as desculpas “por alguma coisa, a sra. sabe, a gente não entende das coisas” e por aí afora. (Caldeira 1981: 342/343). Entretanto, se de um lado esta dificuldade de fazer falar o nativo pode ser interpretada como impossibilidade de entender o que o pesquisador está perguntando ou como um demérito quanto ao conhecimento próprio, de outro pode ser visto como uma recusa a responder, e isso nos levaria a um universo onde o “poder” está concentrado não nas mãos do pesquisador, mas nas mãos daqueles que têm as respostas que tanto procuramos.*

Firmino. Que nesse tempo, Coroné Firmino era pai de Gayoso, Doutô Gayoso, justamente, Doutô Gayoso todos ano tem a festa dele, a noite dele, tem tudo, num sei se é do povo dele, nem nada. Só sei que daí desta família dos Firmino é aqui, Gerardo, encostado aqui no Pedro Véio, onde o Albuquerque morou mesmo, foi a finada Onorata, mulhé do Coroné Firmino. Aí que a terra de São Sebastião só é do açude para cá, a divisa é o Rio do açude, do alto da serra para cá.

F.P.: Os sítios têm dono?

Sebastião: Pra lá tudo tem dono. Até ali na estrada também, já foi de outro dono, a dele é da cerca para cá, limite de São Sebastião, a dele é até a cerca. E assim vai até no Olho d'água, vizinho com.... Dali pr'lá, da avenida, é do dono, é tudo do dono. Os mais véio, esse povo comprava, e foram comprando, se assituaram, mas o do santo ficou separado.

Desde a construção da capela todos os anos há novena e festa para celebrar o santo que se transformou em padroeiro da Catingueira. Por isso podemos dizer que feita a capela, feita a festa. A festa modificou-se, engrandeceu, mas preservou o ardor da fé em São Sebastião e a capacidade de congregar em momentos de efervescência os Catingueirenses e os turistas.

Alguns aspectos aqui levantados serão trabalhados nos próximos capítulos. Infelizmente, muitos outros aspectos da vida na Catingueira ficarão ausentes. Para sanar essa incompletude aponto algumas observações e pistas que considero interessantes para se compreender aquele universo social nas notas de pé de página ou nos anexos, para, quem sabe, desenvolvê-las em outra oportunidade. Já que não me é dado tempo e espaço suficientes para tudo contemplar, elegi não os aspectos que considero – ou são considerados pela população - mais importantes, mas sim os aspectos que me considero mais apta a desenvolver.

Alguns nomes foram modificados a fim de preservar a identidade das pessoas citadas.

Capítulo I: Mapeando as “leis”: As religiões da Catingueira

I. Catolicismo: “*Minha leis é a da Igreja*”

No início da minha estadia na Catingueira, nas conversas iniciais eu perguntava: *Você tem religião?* Logo percebi que esta pergunta nem sempre fazia sentido, e antes de estabelecer um diálogo, separava aquela que perguntava da pessoa a quem era dirigida a pergunta. Isso por que não há uma só pessoa, (- pelo menos, pelo que pude constatar neste breve período de campo -), que não tenha religião. A palavra ateu/ atéia faz muito pouco sentido na Catingueira e quando a ouvi, apenas uma vez, era para se referir à cidade grande no que diz respeito ao seu aspecto desintegrador e cruel. Era como se me dissessem: *Na cidade grande tem esse tipo de gente, mas aqui não, aqui nós acreditamos em Deus, nós vamos à Igreja, nós acreditamos em São Sebastião.* Interessante também foram as reações das pessoas frente às fotos que eu tirei na Catingueira. Lembro-me de uma senhora idosa de Recife que ao ver a foto da casa de *Dona Sebastiana* moradora da Rua da Cerâmica, com sua parede repleta de santos me dizia e em tom de elogio que a coisa que ela mais admirava nas pessoas do interior era a fé, *Uma fé tão grande!* Ou seja, no geral, cidade pequena e cidade grande comungam de um mesmo julgamento que remete sempre uma maior religiosidade à cidade menor.

Dona Sebastiana

Passei então a perguntar: *Qual a sua religião?* Com essa pergunta eu era apenas compreendida por parte da população, principalmente por aquelas pessoas diretamente ligadas ao serviço da sua igreja. Entretanto, ainda não me fazia compreender por completo. Muitas pessoas, não entendendo bem ao certo o que a pergunta queria perguntar, me retornavam a questão: *Tu tá perguntando essa coisa de igreja?* Ou *Tu qué sabé da minha lei?* Ou ainda, *tu qué sabé da minha leis?* Essa associação lei/ leis e religião é um fato bastante difundido na cidade.

Por fim, cheguei a perguntar: *Qual é a sua leis?* Agora fazendo-me entender por toda gente. A resposta a essa pergunta era, na maioria das vezes, *a da Igreja*. Ou *a da Igreja mesmo*. E quando pedia para explicar melhor de que igreja se tratava as pessoas diziam, não sem deixar claro que para elas a conversa havia ficado redundante: *da Igreja de São Sebastião!* (como se me dissessem: *ora, que outra Igreja temos cá?*) Era raro alguém dizer: *a católica*. O mais comum era eu perguntar: *Ah, a igreja católica?* E em seguida receber uma resposta positiva. Quando alguém, ao ser perguntado sobre sua religião, responde *a da Igreja*, deixa transparecer que, apesar de haver outras igrejas na cidade, a Assembléia de Deus, a Congregacional, a Seguidores de Cristo e o Centro Espírita, quando se fala em assuntos do *outro mundo* (*Dona Maria*), é a igreja católica que, sem dúvida, mantêm a primazia. E quando a resposta vem acrescida da palavra *mesmo* (*A da igreja mesmo*) essa relação com o catolicismo fica ainda mais explícita. Tudo se passa como se *a priori* todos fossem católicos. E não foi justamente assim que a cidade nasceu? De uma promessa a São Sebastião? Tudo se passa como se ainda hoje ser católico fosse o pertencimento religioso mais esperado, ou mesmo naturalizado. É natural ser católico, é esperado que se seja católico. Um católico não chama a atenção por sua fé, mas principalmente um *crente*, e também um *espírita*, é assimilado, em primeiro lugar, por seu pertencimento religioso. Fato que não ocorre entre os católicos, já que parte-se do princípio de que todos são católicos, ou que um dia o mundo todo era católico, pelo menos pensando o mundo reduzido à cidade da Catingueira. Por exemplo, quando eu perguntava por alguém, se essa pessoa fosse evangélica ou espírita, a primeira coisa que me diriam dela era justamente isso: *Ah, a Girlene? Girlene é crente...* Ao passo que se eu perguntasse por

alguma pessoa que era católica outros pertencimentos viriam a tona em primeiro lugar, provavelmente a família de origem¹⁷.

O tom de voz quando se responde que a religião que se professa é a *da igreja mesmo* lança-nos para um universo onde *a igreja, é a igreja católica*. E indo mais além, para um universo onde *a igreja é a igreja do santo padroeiro*. Não se diz é a igreja católica, mas sim, *a igreja de São Sebastião*. A primazia dos bens de salvação pertence à igreja católica, mas não a igreja engajada nos movimentos de comunidade de base, não uma igreja destituída de suas imagens e crenças populares, mas a igreja católica que se vê com mais frequência no interior do Brasil, mas também nas grandes cidades, onde a figura do santo concentra parte importante dos rituais e da crença dos fiéis.

Igreja de São Sebastião

A título de exemplo narro dois episódios parecidos, baseado em fatos de campo que endossam o que venho tentando dizer, a saber, como o universo religioso da Catingueira é, em grande medida, dominado pela igreja católica. A frente escreverei sobre as disputas entre fiéis das diversas igrejas na Catingueira.

1) Cito um exemplo muito interessante que me aconteceu quando fui apresentada a *Doutô Fernando*, o presidente do Centro Espírita. Estávamos na casa da falecida médium e uma das fundadoras do Centro, *Margarida Fausto*. A mesa do jantar estava sendo retirada,

¹⁷ Para dar um outro exemplo acontecido no campo, estava fazendo visitas com os Agentes de Saúde nas casas da cidade, quando *Cleide* (uma agente de saúde) me apresentou a um rapaz, *André*, dizendo: *Este é o*

por sua irmã *Rita Fausto*, que prepara as refeições de *Doutô Fernando*. *Nina*, uma senhora de aproximadamente 65 anos, católica praticante, me apresentou ao médium e presidente da Casa da seguinte forma: *Esse é o Doutô Fernando, um homem muito bom, católico....* Ao que *Doutô Fernando* prontamente interrompeu para dizer que não era católico não, que foi criado numa família católica mas que agora era espírita, acentuando bem o seu pertencimento religioso. Interessante notar que esta senhora é madrinha, mas também considerada a mãe (pois foi quem criou) de *Lúcia*, a médium psicografa do Centro Espírita, e como já tínhamos conversado era do meu conhecimento que *Nina* não acreditava nestas coisas de alma e espírito, e muito menos na mediunidade da afilhada.

2) Quando vi *Dona Terezinha* pela primeira vez ela me apresentou uma identidade um tanto ambígua, que aponta justamente para o fato de que o pertencimento católico é tido como o mais aceitável. Frente a estranhos têm-se pouca liberdade para se assumir que se é, por exemplo, espírita, pertencimento que pode ser mais facilmente desaprovado naquele contexto. Perguntei a *Dona Terezinha* se ela era católica¹⁸, veja sua resposta:

Eu sou. Num sou de viver na igreja, minha filha, que eu num tenho esses tempo, ensino meio expediente, não sou de viver muito na igreja não, mas... sou católica. Mas faço parte do espiritismo, faço mais parte do centro espírita do que da igreja, toda vida fui católica, meu pai e minha mãe também foram católicas, num deixo de ir a igreja não, eu vou quando tenho um tempinho, mas o centro espírita eu frequento mais.

E para finalizar esta parte, termino com uma frase de *Girlene*, que me contava sobre como foi a reação das pessoas quando ela largou a igreja dos crentes:

Até as crianças vieram me dar parabéns. Eu fico me perguntando: “por que?”. Deus sabe, né.

Deus e a cidade inteira, acrescentaria eu.

André, ele é espírita, para só depois dizer que ele tinha sido candidato a vereador, que era filho de *Seu Agenor* e que tinha feito vestibular este ano.

¹⁸ Espero não ter influenciado tanto na resposta da minha entrevistada quando lhe perguntei se ela era católica e não qual era a sua religião, ou pergunta semelhante. O fato é que, para mim, estava tão evidente que ela e sua família eram católicos pelo teor das nossas conversas, que pensei que minha pergunta era mais uma afirmação que uma resposta. Para meu espanto ela se revelou espírita, e em outros momentos quando a encontrava, deste dia em diante, conversávamos sobre o espiritismo sem qualquer constrangimento, fato não ocorrido no primeiro dia.

I. Centro Espírita do *Doutô Fernando*

II. 1. Inácio da Catingueira: *o Amigo Poeta*

Para compreender o universo religioso da cidade pesquisada não posso deixar de falar, mesmo que em poucas linhas, do chamado *centro espírita do Doutô Fernando*. Após uma apresentação geral do Centro pretendo pensar como os espíritas vêm e vivem sua relação com as outras igrejas, principalmente a igreja católica, enquanto organizadora da festa.

Porém, antes de entrar no assunto próprio a este tópico é preciso esclarecer que quando perguntava sobre Catimbó, Macumbaria, Camdomblé ou Umbanda, as respostas que obtinha eram sempre as mesmas: *Aqui num tem isso não. Tem em Patos*. E no entanto, realmente acredito que não haja nenhuma casa especializada nestes trabalhos. Há, todavia, pessoas que são associadas a este tipo de atividade religiosa. Maria Gambá, negou que *trabalhasse com galinhas*, conforme tinham me falado. Disse-me que já trabalhou, mas hoje só *mexe* com as *Almas Vaqueiras*. Outra pessoa identificada com atividades consideradas de *baixo espiritismo* é Eva (irmã do pastor da igreja Congregacional), uma mulher que coloca cartas, aconselha banhos, faz pequenos *trabalhos*. Ambas disseram-me serem videntes de nascença. Eva me disse assim: *Eu sou evidente de nascença, isto que eu chorei três vez no ventre de minha mãe*. Estas mulheres são muito acionadas, por exemplo, quando se quer reaver um objeto roubado ou perdido, mas para trabalhos mais complicados me indicaram ir até Patos, que lá é que eu encontraria as casas de *catimbó poderosas*.

Foi fundado oficialmente em 1988, o *Centro de Desenvolvimento Espiritual – Jesus de Nazaré*, de linha Kardecista. As reuniões abertas à comunidade acontecem aos sábados, as reuniões fechadas às sextas-feiras. O presidente do Centro, *Doutô Fernando*, é um médico de Campina Grande, que vai à cidade de 15 em 15 dias para atender aos doentes, *do corpo e da alma*, ou melhor, e sendo fiel aos seus ensinamentos, curando as duas enfermidades conjuntamente, dizendo-se um adepto da *medicina holística*. De dia ele atende no consultório da Maternidade da cidade, e disse-me que é muito procurado por pessoas que sofrem ações maléficas dos espíritos, ou seja, por pessoas *obsidiadas*. Conseguir uma ficha para se consultar com *Doutô Fernando* é realmente difícil, é preciso chegar cedo ao posto de saúde (também chamado Maternidade) e esperar que o médico chegue de viagem e comece a atender. *Doutô Fernando* é adepto da alimentação natural e

integral, massagem Do-In, Yoga, plantas medicinais e sempre convida seus pacientes para a reunião no Centro.

Quando Doutô Fernando não está presente quem geralmente dirige a reunião é Seu Agenor, o dono do cartório ou Seu Além, de quem já falei anteriormente. É visível a diferença no número de pessoas na platéia nos dias em que o médico está presente. Geralmente, nas sessões em que Doutô Fernando está presente, algumas pessoas ficam de pé ou sentam-se no chão, já que as cadeiras não são suficientes. Durante os dias sem Doutô Fernando as cadeiras tornam-se abundantes. Abrindo um parênteses o pastor João Neto, da Igreja Congregacional, falou-me algo bem parecido em relação a igreja católica e as igrejas evangélicas, dizendo que muitas pessoas só vão a igreja só quando tem alguém de fora, ou quando tem uma festa, como esta de São Sebastião. Segundo ele estas são pessoas que vivem de emoção, isso significa que elas vão a igreja não por causa de Deus mas em busca do social, da parte social, de encontrar as pessoas e se divertirem. Mais a frente se verá que aqui temos um elemento para complexificar e dar corpo à tese geral desta dissertação sobre o modo de relacionamento estabelecido entre o mundo exterior e o mundo interno¹⁹.

O Centro atualmente não conta com nenhum médium fixo. Havia uma moça que apresentou grande potencial de mediunidade, mas estava se mudando de Catingueira. A primeira reunião que freqüentei foi para ela a última antes de se mudar. Fato que causou um certo pesar por parte dos participantes do Centro, afinal, e como me disse *Seu Além: Onde já se viu um centro espírita sem médium?* Dizendo-me ainda que essa fase vivida pelo Centro fazia parte do Projeto de Deus, e devia ser vivida sem reclamações, Deus haveria de suscitar outros médiuns para o *trabalho da casa*.

Este centro já publicou um livro de poesias psicografadas ali mesmo, chamado *Poesias do Alto* (Gomes 2001), cujo autor se identifica como *Um Amigo Poeta*. A médium responsável por psicografar as poesias atualmente pouco freqüenta o centro. A razão,

¹⁹Um comentário freqüente que ouvia, principalmente da boca dos evangélicos, era que as pessoas só iam ao Centro porque recebiam uma cesta básica de alimentos todo mês, e que quando os membros do Centro entregavam a *feira* diziam que o beneficiado, e se possível sua família, deveriam ir às reuniões de sábado, uma vez que *Não só de pão vive o homem*.

conforme ela me apontou, era a dificuldade em se ser espírita, fato que a levava a desistir da empreitada. Perguntei-lhe se isso não resultava em malefícios para ela, já que em tendo o dom da mediunidade ela poderia estar mais sujeita à ação de maus espíritos ou mesmo poderia sofrer com a insistência do *Amigo Poeta* em mandar-lhe suas poesias. Ela me disse que fizera um compromisso com o *Amigo Poeta*, e que ele concordara. *Eu só recebo as poesias no centro*, ao passo que em casa, no trabalho ou no lazer ela se recusava a receber qualquer mensagem. E assim é, desde esse dia ela só recebe poesias quando vai ao Centro espírita. Nos dias em que estive presente às reuniões, apenas em um deles ela também estava, dia em que, coincidentemente ou não, houve presença de outros praticantes do espiritismo de cidade vizinhas. Neste dia ela escreveu uma poesia, a qual não era atribuída ao *Amigo Poeta*.

Mas quem seria este *Amigo Poeta*? Na introdução do livro citado o desencarnado dita: *Se não me identifico é porque já isento de sentimentos terrenos, quero privar-me do orgulho e da vaidade.* (Gomes 2001:7). Para os membros do centro espírita o *Amigo Poeta* é ninguém menos que *Inácio da Catingueira*! É por isso que ele escreve em versos como se fossem repentes²⁰. É por isso que ele está neste centro que tem sede em Catingueira, cidade onde viveu e morreu. É por isso que ele fala em humildade, já que não precisa mais do *merecimento* deste mundo. Além disso, um pintor da região, *Fernão*, pintou um quadro (- que está pendurado na parede atrás da mesa dos trabalhos, ao lado do quadro com a foto de Jesus de Nazaré -), no qual há uma mulher sentada a uma mesa, escrevendo e ao seu lado um espírito de cor negra, com as mãos postas em sua direção, vestindo uma túnica branca. Do espírito sai um fecho de luz que ilumina toda a cabeça da moça. Seus sapatos, o cabelo, a magreza, o jeito de sentar, o modo de pegar na caneta, é, conforme as pessoas do centro me disseram a cópia fiel da médium psicógrafa, *É Lúcia tôdinha*, e o espírito de um homem negro não deixa dúvidas: *é Inácio da Catingueira*. E as coincidência não param aqui, *Fernão* não conhecia a médium *Lúcia*, e não poderia simplesmente imaginar com tanto precisão como ela era. Para completar, *Inácio da Catingueira* tem *uma dívida* com a família de *Lúcia*, já que o senhor do escravo cantador foi o bisavô da médium, e como ela mesma disse, *Inácio* não era tratado como escravo, ele podia sair para cantar, não apanhava, podia

²⁰ *Com suas trovas simples e populares, o poeta abordava os assuntos mais complexos do espiritismo. Eram as raízes nordestinas, do folclore das cantorias, da magia do repente; na beleza dos versos bem rimados, trabalhando para Jesus.* (Marinho 2001:5)

fazer tudo que quisesse. Depois de tantas coincidências fica alguma dúvida quanto à identidade do *Amigo Poeta*?

Porém, nem todos acreditam nessa história toda. Quanto à mediunidade de *Lúcia*, mesmo sua família, tradicionalmente católica, acha que na verdade ela escreve as poesias por ser *muito inteligente*. Da mesma forma, em uma conversa um dos membros do Centro disse-me que ela era muito esperta, que as poesias que ela escrevia eram sobre os temas que haviam sido falados naquele dia. Além do mais, o comportamento da médium em questão, segundo os padrões éticos e morais da comunidade espírita, não era nada abonador. Dizia-se que ela bebia e fumava em demasia e que não tinha um comportamento sexual regular. Para completar, ela só recebia poesias do *Amigo Poeta*. Este mesmo membro da comunidade se perguntava como podia um desencarnado ser tão obsessivo? Se ele fosse um bom espírito iria deixar que outros espíritos transmitissem mensagens através da médium, e ele, por sua vez, transmitiria mensagem através de outros médiuns. Depois disso tudo só restou-lhe dizer-me: *Aquilo ali não tem nada de espiritismo*. Embora, outros tantos acreditam que ela é realmente médium e que as poesias são ditadas pelo *Amigo Poeta*.

Da mesma forma, outros duvidam que o mentor espiritual da casa seja *Inácio da Catingueira*. *Seu Além* sempre me aconselhava que no trato com os espíritos devia-se sempre, por princípio, desconfiar e averiguar. Primeiro é preciso saber se se trata realmente de uma manifestação do plano espiritual ou uma simples coincidência. Em segundo lugar, é preciso certificar se se trata da ação de bons espíritos. Sua atitude de duvidar de certas manifestações, à princípio espirituais, está em absoluta harmonia com o chamado *cientificismo espírita*.

Por parte do *Doutô Fernando*, o presidente da casa, há um certo constrangimento e mesmo um calar-se em relação à crença de que *Inácio da Catingueira* é o mentor espiritual daquela Casa. Ele me disse que os espíritas devem ser humildes, além do que, essa notícia só traria curiosos para o Centro. Enfatizava que o próprio *Amigo Poeta* pediu que não fosse identificado, ele já tem reconhecimento bastante para não precisar se gabar de ter sido na última encarnação o maior repentista do sertão. Mas *Seu Agenor*, *Lúcia* e outros participantes ativos do centro me revelaram sem qualquer constrangimento a identidade do guia espiritual daquela casa (antes pelo contrário, dizer que *Inácio* freqüenta e doa poesias ao Centro, era dito em tom de orgulho, uma vez que empresta prestígio e credibilidade

àquele Centro). Inclusive, neste dia que contava com a presença de pessoas *de fora*, em que a médium em questão recebeu uma poesia, *Seu Agenor*, falou em alta voz durante a reunião a identidade do *Amigo Poeta*. Ao passo, que *Doutô Fernando*, só me confidenciou este assunto depois de muito conversar, somente depois de termos tocado em assuntos bastante pessoais, e mesmo assim com um certo cuidado.

II. 2) Os espíritas e os católicos na festa: “*É do mesmo jeito da igreja católica*”.

Ah, o centro espírita num dá trabalho não, eles vivem dentro da igreja... você veja, até Margarida Fausto que era quem recebia as mensagens era de dentro da igreja, não faltava uma missa. Fala do padre, o pároco da Catingueira, no momento em que conversávamos sobre como as outras igrejas da cidade viam a festa do padroeiro. Na mesma direção Dona Terezinha (espírita), confessou-me que apesar de não acreditar nessa história de promessa é uma devota de São Sebastião.

F.P.: A senhora já fez promessa pra São Sebastião?

Dona Terezinha: Não, minha filha, eu não sou muito de promessa, não gosto muito de promessa não.

F.P.: Por que?

Dona Terezinha: Eu tenho fé em Deus, mas assim promessa, não acho que promessa seja muito, tem muito valor não.

Seu marido: Valor não...

Dona Terezinha: Tem não, valor tem é Jesus, né? Jesus. A gente tem fé em Deus, tudo vem a mão da gente.

F.P.: Mas acredita em São Sebastião?

Dona Terezinha: Ah, demais! Ele é nosso padroeiro, é da minha terra natal, se a gente não valorizar a terra da gente, quem valoriza?

*Dona Maria, se diz católica, faz promessas, reza o rosário, tem fé em todos os santos, mas sem deixar de ter seus santos de devoção especial. Entretanto, freqüenta quando pode o Centro Espírita, e diz que se sente bem quando vai lá no *Doutô Fernando*. Durante uma conversa, perguntei-lhe o que acontecia nas reuniões do Centro:*

Dona Maria: É oração, assim imitando a igreja católica, num sabe? É num tem diferença não. As mesmas coisas, as mesmas oração, que tem na igreja católica tem lá. Eu sempre vou lá. Eu gosto de assistir as reuniões. Eu acho bonito. Me sinto assim bem... bem a vontade quando assisto. Às vez, a pessoa tá assim aperreado, afrito com alguma coisa, aí vai pra lá, aí assiste aquelas palavra, aquela coisa, aí aquilo... melhora. Lá tem quadro, lá tem quadro.

F.P.: De santo?

Dona Maria: Sim! Que nem a gente aqui.

F.P.: Eles acreditam nos santos?

Dona Maria: É.

F.P.: Os crente não?

Dona Maria: Não! Os crentes não, eu digo lá no centro espírita, num sabe? É do mesmo jeito da igreja católica. Num tem.... por que nos crente num tem, né. Nos crente é só aquela casona limpa com os desenho na parede, num tem negócio de quadro, nem de nada não. Mas lá, ali tem. Eu assisto, assim, num é toda vez que eu vou, mas aqui acolá eu vou.

Desta forma, tanto do lado da igreja católica quanto do lado dos espíritas parece haver um apaziguamento quando o assunto é a festa e o santo. É como *Dona Terezinha* (espírita) fala: *Num tem separação, não, [do catolicismo e do espiritismo] às vezes eu vou na missa, só quando quero, mas na festa, Ave Maria, eu num perco nunca!* Tudo se passa como se as diferenças entre o catolicismo e o espiritismo, que já eram pequenas, desaparecessem no momento da festa. Porém, como não poderia deixar de ser, essa harmonia não se dá de maneira generalizada. *Seu Além*, por exemplo, não vê com bons olhos o culto ao santo e os caminhos tomados pela festa. Não que ele não goste da festa, ele até gosta, no entanto, para ele a Igreja deveria se preocupar menos com dinheiro a arrecadar ou pelo menos, tentar minimizar as necessidades sociais da cidade com o dinheiro arrecadado na festa. Como o clero conta com uma boa formação acadêmica, diferentemente da grande parte da população, ele teria uma dívida com a população não esclarecida, dívida essa que passaria pelo esclarecimento moral e religioso, onde segundo este senhor seria indispensável o completo desligamento da igreja em relação aos poderes dominantes. A igreja teria assim o dever de não reproduzir as estruturas de dominação, e pelo contrário, lutar pelo fim das mesmas. Ao passo que, para *Seu Além*, o que ocorre durante a festa da Catingueira é justamente a coligação da igreja com os ricos para a expropriação dos pobres.²¹

Assim, se a maioria dos espíritas frequenta a igreja católica, principalmente nos dias de festa, resalto que não são todos que o fazem. Geralmente as pessoas diretamente envolvidas no trabalho espírita não frequentam a igreja Católica, como *Dona Fernando*, *Seu Além* e *Seu Agenor*. Caso não inteiramente verídico se pensamos o oposto. Como disse o padre, *Margarida Fausto* vivia na igreja, e foi a principal espírita da cidade. Não posso

²¹ Vide anexo 2: Sobre o papel da igreja segundo alguns *filhos-ausentes*

dizer que haja alguma restrição da igreja católica, seja por parte dos fiéis, seja por parte do padre em congregar com pessoas espíritas. Pode ser que até haja, mas não pude perceber no período em que fiquei na Catingueira.

III. Os crentes: “*Ser crente é diferente as leis*”.

Espero ter deixado claro que o relacionamento entre a igreja católica e o centro espírita durante os dias de festa, e também em tempos outros, se dá de forma mais ou menos harmônica. Vamos agora ao caso dos evangélicos.

O cavalo de batalha dos crentes²² da Catingueira, como vemos em outros lugares, contra a igreja católica é a questão da adoração das imagens e o culto aos santos. Assim, o contexto da festa do padroeiro me parece um momento propício para a deflagração de conflitos. Cito *Seu Chico*, um crente da Assembléia de Deus, a mais antiga igreja crente da cidade.

Seu Chico: Já fiz promessa, creava nele....[em São Sebastião]

F.P.: O que é creava?

Seu Chico: É ter fé nele, entendeu? Mas quando a gente passa a conhecer a Verdade a gente vai se corrigi na Bíblia então aquilo num vale nada.

F.P.: E a festa que tá tendo? Pro sr. num vale nada?

Seu Chico: Nada. Nem venho, nem nada. Num pode participar nem das coisa que vende, que vem pra festa, tá abominado, tudo abominado. Se quê andá no caminho certo a gente num pode participar. Lê a Bíblia? Tá escrito na Bíblia católica, quê vê? Vamo procurar pra ver se encontra? Tá escrito sobre as imagens, tá escrito, em quase todo livro do velho testamento fala, vale o novo testamento, vale também. Num tem por onde a pessoa escapar, se quer corrigi na Verdade, pode procurar que vai encontrá.(....)

O pastor *João Neto* da Igreja Congregacional, também nos fala de como o culto aos santos vai contra as leis de Deus:

Nós somos todos de um só tamanho, para o Senhor não existe grande, e nem tão pouco pequeno, ou seja, nós todos somos de um tamanho. As pessoas infelizmente começa a admirar uma pessoa, e pode virar tanto aquela pessoa, termina aquela pessoa tornando-se um ídolo, ou seja, acha que aquela pessoa é mais capacitada que Deus. Como São Sebastião, por exemplo, um hipótese, São Sebastião, nós não sabemos a vida dele, e também nem tão pouco importa saber, mas se for uma pessoa do Senhor, que trabalhou pelo Evangelho, pela Palavra do Senhor, é uma pessoa salva. Só que não pode fazer nada. Por que? Por que é criatura de Deus. Ou seja, para adorar nós temos que adorar tão

²² Para me referir aos freqüentadores da Assembléia de Deus, Igreja Congregacional e Seguidores de Cristo, utilizarei a denominação *crente*, e não evangélico, já que é principalmente assim que são conhecidos na Catingueira.

somente o Criador, ou seja, adorando a criatura você está se rebelando contra o próprio Deus. Por que Deus é ele que merece ser adorado.(Cita Davi, salmo 146, sobre a fidelidade de Deus e a fraqueza do homem). A honra e a glória só pertencem a Deus. Mas infelizmente a cegueira espiritual tem feito as pessoas adorar isso. A cegueira, ou seja, eles vieram de que? Nasceram de tradições, tradições que não conhece a Palavra de Deus, e por viver em tradições é que hoje muitos vive errado.

A resposta dos católicos ao ataque crente às imagens, e principalmente ao São Sebastiãozinho, passa por argumentos de Lulu:

Lulu: Sabe aquela imagi alí é como a gente guarda o retrato do pai da gente, da mãe...né, não? Eu penso assim. Menina, aqui tem São Sebastião, Santa Luzia, Coração de Jesus, Coração de Maria, Santa Terezinha, Sta. Ana, N. S. de Lurdes.... é tudo de mamãe, da gente tudo de casa. Mas... uma muiê chegou alí da igreja: “ai, ai!...”. “O que que tu tá vendo?” “Não, nada...” “Então o que que veio buscá aqui?” Sim... meu Jesus. Aí, disso aí a gente tem o retrato do pai da gente e da mãe, de irmão, de irmã, eu penso que é assim. Penso não, é verdade!

Ave Maria! Deus me guarde! Deus me livre! Eram expressões constantemente ouvidas quando perguntava a algum católico se ele era crente. Para ouvir mais exortações era só perguntar se a pessoa nunca havia ido na igreja dos crentes pelo menos uma vez sequer, nem que fosse pra ouvir os belos cânticos. Além disso, o lugar reservado a Nossa Senhora pelos crentes é um dos aspectos mais criticados pelos católicos: *Eu sou descrente dos crentes. Pro que eles num querem que Nossa Senhora seja mãe de Deus. Dona Maria continua e fala desta espécie de repulsa contra os crentes. Ela mesma tem um genro que obrigou sua filha a se tornar crente, assim como todos os seus netos, atitude que lhe causou muito desgosto.*

*“Os crente são revortadinho como esse negócio, eles diz logo “isso é negócio pru Demônio!”. “É demoniado”. Se eles passa assim numa repartição que tiver gente assim bebendo, aquela farra, aquela festa, **pronto, essa festa que tá passando agora, de São Sebastião, eles falam que isso é negócio pru Demônio. Deus me livre. Eles diz... Deus me defenda. Quando o sino da igreja católica tá batendo, né, cê num já escutou? [Já.] Aí eles diz: “ô, aquilo é o triango da Babilonia que tá batendo!”.** Eles diz, Deus me livre que eu num digo uma coisa dessa. (...) Oí, eu sendo crente, os crente era pra ter um sumitério deles, separado pra eles, pra eles se enterrá, sepurtá quando morresse. Por que eles num dão crença a São Sebastião, eles num dão crença a Nossa Senhora, a santo nenhum eles num dão crença. E o sumitério daqui num é o sumitério São Sebastião? É, o sumitério de São Sebastião. (...) Mas eu sempre eu digo: esses crente são assim revortado com os santos, com São Sebastião, São José, todos os santos que tem na igreja, né? Então, eles deveriam separar um local pra eles ser sepurtado ali, quando morresse. Num coloca cruz nas cova deles num tem, num acende vela, é que nem uns bicho, você num sabe bicho bruto quando morre a pessoa pega e joga pra lá? É, desde mesmo jeito é o crente, meu amor,*

*pelo amor de Deus, por caridade! **Eu num quer saber dessa leis não.** É igual a um bicho bruto, por que o bicho bruto que é desse jeito, morre a pessoa pega e joga pra lá (...). Num tem esse negócio de reza não. Num acende vela, nem nada, pro que diz que esse negócio de vela é catimbó. Catimbó é ação do demônio, aí é o catimbó que eles chama. Aí eles diz que esse negócio de acender vela quando a pessoa morre é dizem que é catimbó. A imagem do Senhor eles, lá eles dizem que é o Demônio. **Deus me livre! Isso é leis? É não, minha fia, Deus me livre que eu num quero saber duma leis dessa não.** Eles só acredita em Jesus, só em Jesus e ninguém mais, mais nada em cima desta terra, de jeito nenhum.*

Os crentes desaconselham a participação na festa, principalmente da parte religiosa, mas também da parte social, como nos contou *Seu Chico* mais acima. Para eles tudo o que é vendido nas barracas é em honra e benefício do santo. Assim se uma pessoa toma um sorvete das barracas está tomando um sorvete de São Sebastião. Assim como tocar da *Banda Filarmônica* da Catingueira ou participar do leilão.

Sandra: Se você está em obediência.... se você lê a Bíblia, e você obedece o que tá na Bíblia, num é que você num goste, é que você num pode! Se você está em obediência a Deus num pode fazer essas coisas.

F.P.: E isso tá na Bíblia? Que num pode ir em festa?

Sandra: Tá na Bíblia, festa mundana? Não.

F.P.: Que que é festa mundana?

Sandra: É... Tipo as festas que tá aí.

Sandra, é uma jovem, na faixa dos 20 anos, fiel da Congregacional, tem um grande sonho: ser cantora e aprender um instrumento, perguntei-lhe por que, então, ela não entrou para a *Banda Filarmônica*.

Sandra: Não. Na banda eu não quis... tipo assim, eu queria pra mim aprender um instrumento. Aí o menino falou assim, que num poderia só pra aprender um instrumento, tinha que está tocando. Num posso, num posso entrar na igreja.

F.P.: Tocar pra outra igreja é tocar pro mundo?

Sandra: Ô, é, eu me sinto assim, por que é festa de padroeiro, esse negócio, quer dizer, tá adorando a um ídolo, por que adorá só Jesus, só ele é digno de toda honra, toda glória e todo louvor.

Em determinado dia de janeiro, com o sol a pino, *Sandra* teve vontade de tomar um sorvete. Afinal, é raro ter-se na cidade estas máquinas de sorvete italiano. Dirigiu-se ao sorveteiro, que havia armado sua barraca para aproveitar o movimento da festa, e pediu-lhe um sorvete. Foi quando se lembrou que o sorvete era de São Sebastião, e teve que recusá-lo. Em suas palavras, foi o momento em que sua consciência acusou. E a consciência,

segundo *Sandra*, à medida que a pessoa vai lendo a Bíblia vai se tornando cada vez mais a voz da vontade de Deus.

Eu não posso [tomar sorvete]. Eu tenho que tá por completo. Esse pessoal [os barraqueiros] num tá adorando, mas vai imposto pra igreja, num pode, de jeito maneira alguma. Eu num tomo, se quisê tá em obediência com a Bíblia, tá errado. Agora, se as meninas toma é com elas, porque cada uma vai dar conta delas, né, então... mas se for seguir a Bíblia mesmo, tá errado. (Algumas companheiras de culto discordam.) Olha na hora que vocês começar a ler mais a Bíblia, se aperfeiçoar mais, ter sabedoria, então, vocês vão ler a Bíblia e vão entender...

E quanto a participar do leilão, nisso nem se fala: *Ah, o leilão num pode mesmo porque toda renda é pra igreja (Sandra)*. Neste ponto todos são unânimes.

A história de *Girlene* é interessante para ilustrar essa separação entre os crentes e os católicos no contexto da festa. *Girlene*, uma moça divorciada e mãe de uma menina, teve seu nome excluído dentre os nomes dos fiéis da Assembléia de Deus, ou seja, foi expulsa de sua igreja. Motivo: ter participado da festa. Na verdade, o participar da festa, que incluía vestir roupa nova (saia curta e blusa sem manga inclusive); se arrumar (cortar e pentear o cabelo, fazer as unhas, pintar o rosto); ir ao baile, dançar e principalmente namorar; representou um rompimento definitivo com a igreja onde ela era fiel. E olhe que *Girlene* não era uma crente de fachada: *Ah, ela era uma mulher de Deus mesmo, como se diz, uma crente de verdade! (Corrinha, dizendo sobre Girlene)*. O processo de afastamento da igreja já vinha sendo gestado e durante a festa é que teve seu ponto máximo. Era evidente para *Girlene* que se ela participasse da festa não seria mais vista como uma crente. E de certa forma, foi neste momento que ela assumiu a sua opção. Até o momento da festa, havia um certo mal-estar em relação à igreja e ela, do lado da igreja não se tinha ainda certeza de que ela tinha de *desviado*. Mas, durante a festa todos ficaram sabendo. *Girlene* me contou que já tinha saído da igreja desde o natal, mas que não tinha dito a ninguém. As pessoas perceberam que ela estava faltando ao culto, mas não pensavam que a decisão já havia sido tomada. Participar da festa foi como tornar pública sua decisão, não apenas para a comunidade crente, mas para toda a cidade.

Do mesmo modo, *Corrinha*, 16 anos, viveu situação semelhante quando, em dia de festa, vestida com roupa nova, foi para a casa de uma tia. Seu erro foi ficar do lado *de fora* da casa, ao que muitas pessoas interpretaram como se ela estivesse participando da festa. A

acusação sofrida era de que ela teria escandalizado o Evangelho (Corrinha). Escutemos o que o pastor disse sobre estas duas moças:

*E eu estou, aqui estou com uma ficha em mãos, da nossa irmã Girlene Charles Ferreira, glória a Deus. Meus irmãos sabem, hoje fazem 23 dias que eu espero ela pra gente conversar. Fomos lá e num encontramos. E hoje eu estou eliminando do rol de membros, por se achar ela longe da palavra de Deus, ao ponto de chegar a apostasia. Pastor já tá sabendo de tudo, falei “se você estiver insatisfeita venha amanhã, converse com o pastor” se achar que é mentira minha. Louvado seja Deus. Se o outro pastor que chegar e quiser colocar ela de volta que faça, mas eu tô fazendo na ordem do ministério de Deus. Os irmãos que concordam em eliminar a irmã levanta a mão. E os que num concorda pode ficar de mão.... Pronto. A igreja quase toda aprovando a eliminação, por que nós fomos lá lutemos e fizemo tudo, por que do ponto que chegou de apostasia, aonde chega nas casa por aí, chegou numa casa e disse “eu sai da igreja por causa do pastor”. Aí, uma irmã chegou e falou: “Você saiu eu vou dizer....”. Dois dias antes dela saí da igreja, irmãos, eu tô com um livro alí de presente, com uma dedicatória escrito por ela: “esse aqui é meu pastor que eu amo tanto”. Me deu um livro, está ali. Tem testemunho na igreja, é verdade ou num é, irmãzinha? Aí a pessoa vê e diz, ah, ah, num foi por causa do pastor não. Louvado seja Deus. Ah, meus irmãos nós amamos, como amamos todos, mas a verdade é que tem que tomar as providências. Hoje de manhã eu procurei a minha irmã Corrinha, conversei com ela, como pai, como irmão e amigo, entendi o ponto de vista dela, faltou uma vigilância nela, mas ela estava também para se disciplinada pela igreja, por que amor é aquele que corrige. Por que a irmã se expôs ao escândalo. Que foi que ela fez? Butou uma roupa bonita, tava em casa trabalhando, disse “vou lá na casa de minha tia”. Ficou ali conversando de frente a casa da tia dela, e quem passasse dizia que ela tava na festa. Mas ela disse assim pra mim: “Pastor, eu não estava na festa”. E eu acreditei em você, num foi Corrinha? Num foi? É verdade, ela não estava. Mas eu pergunto: será que quem passava ali, até eu que tivesse, alguém ia passar e dizer que ela num tava na festa? Eu pergunto, irmão Zé, se o senhor passasse assim visse qualquer irmão assim, vestido, bem trajado, ali no meio, porque ali era onde estava realmente o foco, será que alguém ia pensar que ela tava conversando com a tia dela? De maneira nenhuma. Então, só foi falta de vigilância, expôs ao escândalo. Glória a Deus. E eu acreditei que ela num foi por maldade. Aleluia. E ela merece chance como todos merecem, eu disse ore, continue vamos lutar, pelejar. Esse caso não, esse caso eu tenho que tomar a minha providência, agora o que vier quisé desmancha num tem problema. Mas na minha pessoa está eliminado do rol de membros, está eliminada ela. Eu estou agindo como deve se agir. **Se alguém acha que tá certo ou errado, eu, não tô pouco me ligando, o importante é eu tá fazendo certo.(...)** Mas a partir de hoje, irmão, onde eu chegar, isso foi uma lição pra mim, onde tiver festa, eu vou logo dizer: **“olhe, se alguém for pego, no meio da festa, nesse tal lugar, a gente vamo apurar os fatos e a gente tem que tomar providência”**. Glória Jesus. Por que `as vezes por causa de uma displicência nossa, de uma vigilância nossa, a gente pode colocar a vinha, deixar ela desprotegida. Louvado seja Deus, e a gente tem que deixar a vinha fechada. Às vezes, alguém pode num entender, né, “num é assim, num pode”. Mas é assim, tem que ser assim, Deus abençoa a irmã. Os irmãos vamos perdoar nossa irmã Corrinha? [Amém, Amém]. Glória Jesus. Quer fazer o pedido de perdão, Corrinha, aos irmão? [Hoje não]. Hoje você num quer fazer não, né. Mas mesmo assim eu quero dizer que da minha parte, está tudo compreendido. Amém? Louvado seja Deus. Por que expôs, quer queira ou*

não, expôs. Nossos irmão perdoa nossa irmã? [Amém]. Graças a Deus. Está tudo resolvido. Aleluia, por que Deus conhece os nossos corações, a cada um de nós. (...)

O Pastor *João Neto*, da Igreja Congregacional pensa de forma bem parecida, e não tolera a participação dos seus fiéis na festa.

Você vê, nesta época aí, quando se enturma, o inimigo mais trabalha, o inimigo mais trabalha. Pessoas, homens casados deixam suas próprias mulheres, vai em busca de outras mulheres. Da mesma forma, e vice versa. Olhe, `as vezes acontece isso, o jovem satisfaz o prazer somente material e isso aqui até o dia 20. Dia 20 se acaba tudo. Se acaba tudo. Veja só aquelas pessoas, muitas foram decepcionadas, muita prostituição, muita bebedice, que num é da vontade do Senhor. Coisas que só desagrada ao Senhor.

Há também conflito entre os espíritas e os crentes, principalmente por parte desses que criticam o fato dos espíritas entrarem em contato com os mortos. Diz-se freqüentemente:

Ali a coisa é séria. Ali é medonho. A coisa é pesada. Isso aí o trabalho no inimigo nas nossas almas. Não ali não é coisa de Deus não, é coisa do maligno. É para enganar as pessoas. Ilusão.

Para os crentes da Catingueira essas vozes, ou vultos que algumas pessoas escutam ou vêem e que atribuem a algum espírito da família ou amigo, é na verdade o próprio demônio que se manifesta usando a ignorância do povo. *Existe isso não, é o demônio, que eles dizem que vê.*

Do lado dos espíritas, é *Dona Terezinha* que expõe sua ressalva quanto aos crentes. Ressalva essa, que poderia facilmente ser ouvida na boca de católicos, a saber, o fato dos crentes se considerarem os únicos que entrarão no paraíso.

*Se você for uma vez nunca mais vai querer deixar de ir. É um religião que é simples, humilde, ninguém julga ninguém, não faz como a história: “**ah nós tamo salvo, vocês tão no inferno**” lá ninguém faz isso. Deus é um só, né, minha filha. A gente, na hora que quiser ir vai, na hora que num quiser, ninguém vai dizer nada. Cada qual tá procurando o que achá certo né ? É a religião de Jesus.*

Dona Maria (católica), pensa o mesmo. *O que fazer para ir para o céu?*, foi a minha pergunta:

É assim eu acredito assim, a pessoa num pecá, num sê muito pecadora. Mas num tem quem viva nesta terra pra num ser pecadora. Por que quem dizê a mim que veve aqui na terra e num tem pecado, eu desminto assim da cara. Por que num tem não, mia fia, todo mundo

tem pecado. Pronto, os crente. É aí onde eu sou revortada com os crente. Por que ele diz que num tem pecado, eles diz que num tem pecado, pelo amor de Deus... num tem não, num tem quem viva nesta terra pra num ter pecado. Todos nós tem. (...)
Aí, oí, tem deles aqui que é crente, que já furô de faca, num sabe? O sangomano. Já fez meio mundo de coisa. (...) Já fez meio mundo de coisa que num era pra fazer aqui na terra. Pegou briga. Foi preso na delegacia. Fez meio mundo de bagaceira. Aí, hoje é crente. Aí diz: “Eu sou salvo. Eu tô salvo, eu num tenho nem esse tanto de pecado”. Cuma assim é que é? Cuma assim? Não! Num se salvou não, mia fia, num se salvou de jeito nenhum. [Nem se ele pediu perdão?] Não! De jeito nenhum. Aqui na terra e eles dizê que conversou com Jesuise? Aqui na terra? Não! Ninguém de nós, ninguém de nós, aqui pecadô, tem esse direito de conversar com Jesuise. De ver Jesuise assim e conversá com ele. Eles diz que vê Jesuise. Mente, né! Que conversa com ele o tempo todo que qué conversá com Jesusise. É conversa! É história dele, que ninguém tem esse direito não, de ver Jesuise. Aqui? Por que aqui todos nós somo pecador, eu, você, todos. Nós num temo direito de dizê que num somo pecador que nós somo. De qualquer maneira nós somo. (...) Eh, eh, mia fia... Jesuise? Jesuise é muito fino. Jesuise é um pai, que ele não despreza a gente, ele não dorme, ele veve acordado vendo todos os passados aqui desse mundo. Tudo que está se passando: o bom, o ruim, tudo. Feliz daquele que puder se encontrá com Ele depois que morré.

Girlene, de quem falei acima, já foi da Igreja católica, da macumbaria, da Deus é Amor e da Assembléia de Deus, hoje está procurando um lugar para congregar, já que não concebe sua vida sem os irmãos. Tendo sido fiel à Assembléia durante cinco anos tece uma crítica à igreja:

É o erro da Assembléia de Deus, é o erro da placa. Pra eles a Congregacional não vai para o céu, a Deus é Amor também não vai para o céu. Só quem vai para o céu é a Assembléia de Deus. Só que Deus num vem buscar placa, Deus vem buscar as pessoas que usam sinceridade, são fiéis a Ele. Olhe, outra coisa, eles diz que a Igreja Católica é templo do maldito, eu jamais digo isso com alguém, mulhé! Lá também tem pessoas que Deus vai salvar.

E completa:

Só que eles já vieram aqui, me criticaram, falaram que eu vou para o inferno, num sabe? Por que eles acham assim: se você é evangélica, você vai pro céu. Se você não é evangélica você não vai pro céu.

Encontramos esta mesma crítica dentro do seio evangélico, ou seja, os crentes da Congregacional têm a mesma crítica aos da Assembléia de Deus que os católicos e espíritas:

*F.P.: Como é o relacionamento de vocês com aquela outra igreja evangélica, Assembléia.
Zilma: Ihhh...*

Carminha: A gente respeita, num sabe.

Zilma: A gente respeita, mas eu acho que eles é que num respeitam a gente.

Sandra: Eles num respeitam, por que só eles é que querem ser mais santos, por que santo só Jesus Cristo. Eles querem ser mais que a gente. E eu também respeito, eles a igreja católica, eu respeito todas as religiões.

Algumas palavras dos crentes endossam este sentimento. Escutei certa vez de um crente de 12 anos, filho de pastor da Congregacional a seguinte pérola:

Ismael: Um exemplo, se tiver dois pilotos. Um evangélico e outro não, de avião. Tem um acidente. Um sobe e o outro fica.

F.P.: Sobe onde?

Ismael: (risos) Sobe para o céu.

Seu pai é mais anemo:

Num é querer ser melhor que os outros não, é querer se separar do pecado.

Para explicitar mais um pouco do universo católico e crente de Catingueira gostaria de transcrever parte da conversa com *Seu Bastião*, aproximadamente 75 anos, agricultor aposentado. Sua esposa, *Dona Severina*, católica de convicção e rezadeira estava ao lado, como todos os dias que voltei àquela casa. Ela contava de uma *reza*, ou seja, uma promessa que ela fizera pra sua madrinha ficar boa de uma doença. A madrinha ficou boa, mas não sem antes visitar o médico e tomar os remédios indicados. *Seu Bastião* levanta dúvidas quanto à eficácia da *prece*. Nas palavras da rezadeira a *prece* se resumia em: *Como foi? Eu fiz pra sortá uma dúzia de foquetão e rezá um terço*. Frente às dúvidas do marido *Dona Severina* é direta: *Bastião é meio crente*.

Sebastião: Eu num sou crente não, mas eu sou assim, eu num sou crente, mas também num sou chegado demais a igreja pra só viver dentro da igreja?

F.P.: O senhor vai em outra igreja? Aquela ali?

Sebastião: Vou, toda igreja... dos crentes?

Severina: Vai não.

Sebastião: Eu fui nos começo, eu vivia muito doente, morto mesmo, e o povo dizia: “Nada, passa pra lei dos crentes que você fica bom” e tar e coisa. E eu me tratando com o médico em Patos, eu digo eu num vou não. Tô tumando remédio do médico vou pra crente não. Aí eu tava ali um dia que num me levantava não. Aí chegou o povo: “vamó, vamó, que fica bom, o pastor reza” e tar e coisa. Aí tomei aquele destino e disse: “eu vou”. Ai eu fui, né. De fato eles são muito delicado. Aí, mas eu assisti e tudo, mas quando eu butei o pé do batente pra fora pra vim pra casa eu já me arrependi.

F.P.: Por que o senhor se arrependeu?

Sebastião: Pro que eu num queria ser crente.

F.P.: Mas o senhor é católico?

Sebastião: Graças a Deus. Aí eu digo: num vou mai não, aí cheguei, aí as menina tudo, “Tio Bastião”, que eu tava na casa de um sobrinho: “Tio Bastião vai? É crente mesmo?” Eu digo: “Quem quiser ser seja eu num sou não”. E num vou não. O outro dia eu fui desenganar o pastor, digo num sou mais crente não.

F.P.: Aqui tem pouco crente, né.

Sebastião: Tem como o diabo, já. Tem muito, já escuta aqui tudo, tem um igreja de lá, tem essa daí, e de sermão de noite, assim discutindo, em toda casa tem.

F.P.: Mas o senhor num é crente mas também num acredita em São Sebastião não.

Sebastião: Acredito. Acredito.

F.P.: Acredita? Mas por que que o senhor falou que num foi ele que curou a madrinha...?

Sebastião: Aí eu num sei não, eu tô na mente que quem cura é Jesus. Quem cura é Jesus, é a fé, a pessoa tem aquela fé, uma esperança nele, né. Mas pra mim o santo só voga, é o que eu digo, se Deus consisti. Mas de creiá em São Sebastião, eu creio. Pro que eu vejo, o povo faz promessa, eu num faço, eu nunca fiz promessa, já fui operado por tudo no mundo...

Severina: Eu faço.

Sebastião: Eu digo, olhe, por caridade, num faz promessa que eu num sei não, vamó pedi a Jesus que é quem tem pra dá. Aí o povo diz tar e coisa, Petrolina mesmo diz: “você é crente!”. Digo: “sou não”. Eu só num sou chegado a só viver socado na igreja. Pro que eu num dou conta, logo, eu tenho um defeito.

F.P.: Qual?

Sebastião: Eu num bebo, num jogo, nem nada.

F.P.: Ué, isso é defeito? Isso é qualidade.

Sebastião: Pois pronto, aí esse povo que só veve ingulindo a hóstia e sai pra beber cachaça, eu num dou conta disso aí.

F.P.: O senhor num concorda?

Sebastião: De jeito nenhum.

F.P.: E o padre faz isso, né?

Sebastião: Dizem que faz. Eu mesmo nunca vi.

F.P.: Eu mesma já vi.

Sebastião: Já? (risos) A pois, pronto, pois eu nunca vi padre beber não, pro que eu num vivo na fluência dele nem nada, mas esse aqui mesmo dizem que bebe. Muito novo, mas diz que quando vai numa diversão, uma pescaria, diz que toma cada uma medonha. (risos) E aí eu num sei não, eu acho..., sei não, meu Deus, sei não. O padre é na hora da missa.

F.P.: Mas o senhor só foi uma vez ali na Assembléia?

Sebastião: Não, eu já fui 3 vezes.

(...)

Severina: Eu também num disfarço da lei dos crentes não, é uma lei boa. Pro que tudo é Deus, né, só fala em Deus.

Sebastião: Eu num disfarço de jeito nenhum. Eu num creio, eu num sou crente, mas também dizer que fulano é errado pro que tá na leis dos crentes ... hum, hum.

(Chega o vizinho, Op....Boa noite! Senta-se).

Aí, eu num disfarço da lei dos crentes não, cada qual com a sua leis. Mas de dizer que é uma lei boa, é. É pro que o crente, ninguém vê o crente bêbado, ninguém vê o crente dando burduada, o crente.... agora, o que quer ser crente sem ser, aí pode fazer tudo isso. Não que eu diga que faça, que eu num vejo, mas do crente, o crente mesmo, ser crente é diferente a leis.

Igreja de Cristo

Capítulo 2: A Festa

Tudo aquilo que há de melhor, tudo aquilo que a gente pode fazer de melhor deve estar poupado para a festa do padroeiro. Porque é a festa mais importante do ano, mais importante que todas as festas. É a festa do padroeiro que reúne as famílias, que traz de volta os filhos-ausentes, que passam o ano inteiro fora, trabalhando, normalmente em janeiro começa a chegar, né. Gente que vem de São Paulo, que vem do Rio, de Brasília, de aqui mais de perto também João Pessoa, Recife. Para aqueles dias de conviver com a família, e nestes dias também alimentar de maneira mais profunda, a sua religiosidade. Então, é a festa, sem dúvida mais importante da cidade. Todas as atenções da comunidade se voltam para o padroeiro durante esses dias. Quem tem, faz a sua oferta. É outro que chega com um doce, é outro que doa uma galinha, ou bode. E assim cada um participa como pode, da construção da festa do padroeiro. É a presença na novena à noite, é a visita do santo na casa do povo, é a Banda de Pífaros que toca, Banda Filarmônica aqui da cidade de Catingueira. Então, são sinais de que a cidade se enfeita para celebrar seu padroeiro, seu patrono, seu padrinho, seu protetor, durante o mês de janeiro. Mesmo o mais desatento dos motoristas quando passa aqui percebe que a cidade está em festa. Os sinais que vem da rua, as barracas armadas, a cidade se enfeita para festejar o seu padroeiro.(...) (Pe. visitante na homilia do dia 19.)

I. Pouco antes da festa começar

Como mencionei, cheguei na Catingueira no dia 04 de janeiro de 2002, alguns dias antes da festa começar na zona urbana - a festa oficialmente começa no dia 1^o de janeiro com as *novenas preparatórias* nos sítios, na área rural, mas para a população em geral a festa começa no dia 10, e atinge seu auge nos dias 18 e 19 -. Poucas pessoas da cidade freqüentam a novena nos sítios, só mesmo a equipe de liturgia, o padre, e às vezes alguma outra pessoa. Os moradores dos sítios geralmente assistem a novena quando esta acontece no sítio de sua moradia, quero dizer que não há um deslocamento entre sítios. Para além de evento religioso, a novena é também motivo de encontrar-se socialmente. Escolhi, neste momento, me deter na festa urbana, já que, como participei de apenas três novenas nos sítios, disponho de material etnográfico insuficiente.

Como já disse, a festa na cidade começa propriamente dia 10, mas neste ano, a comunidade se reuniu um pouco antes para levar o novo cruzeiro de São Sebastião ao alto da Serra da Catingueira, no dia 07 de janeiro. Este acontecimento, que mobilizou bastante gente, na sua maioria homens, foi tomado, por algumas pessoas, como uma abertura antecipada da festa. Na seqüência anotações do meu caderno de campo:

Dia 07/01/2002

Acordei muito cedo, às 5:00, faz 3 dias que acordo neste horário (primeiro para pegar o avião para Recife, depois para pegar o ônibus para a Catingueira), acabo me acostumando, se continuar assim. Hoje chovia muito de manhã, bastante mesmo. Nunca vi

chuva na Catingueira. O clima está muito agradável, faz 23°C, ontem fez 33°C, mesmo assim estava fresco, geralmente faz 40°C ou mais. Patos estava mais quente, uns 36°C. Pela manhã tem até “neve” na serra, como o pessoal fala, que nos impede de vê-la por completo.

Hoje era dia de colocar o novo cruzeiro na serra. Tinha um “bucado” de gente, alguns subiram muito rápido, principalmente aqueles que levavam a cruz, toda desmontada para facilitar. Era uma cruz de 6 metros, que substituía outra que lá estava ninguém sabe há quanto tempo, só se sabe quem lá a colocou. O homem que fez a cruz, estava pagando promessa, seus pais que já estão mortos cuidavam dos cruzeiros. “É um negócio de família”, como me falou o menino, filho do pagador de promessa. Ele me disse que um dia ele ia trocar aquele cruzeiro que seu pai hoje colocava.

A maioria das pessoas que subiu a serra era homem. Algumas poucas mulheres que vi eram 2 senhoras de 65 e 67 anos; uma mãe, de mais ou menos 40 anos, Lia, com seus filhos; e algumas mocinhas que subiram antes e foram direto para a cachoeira, mais com o objetivo de se divertir. Quando o cruzeiro foi colocado mais da metade do povo já tinha ido para a cachoeira, ficou pouca gente para a benção do padre.

Um dono de terras do lugar, Doutô José, havia levado 3 garrações de 5 litros de vinho e 3 litros de cachaça, “cana” como dizem por aqui. Algumas pessoas levaram pão, refrigerante, laranjas. No início da caminhada chovia muito, mesmo assim o povo não desistiu. Não levei fé que o povo subia. Subir a serra sem chuva já não é fácil, imagina com aquele chuvisco. É perigoso, a serra fica escorregadia, “lisa por demais”. Mesmo assim, num instante estava todo mundo lá em cima. O último a chegar foi o padre, Doutô José, sua mulher, um outro rapaz (que constantemente vejo ao lado do padre) e eu. Muita gente subia descalço, inclusive o padre, mas não era para pagar promessa, era para não escorregar tanto. Saímos às 6:30 da manhã e voltamos às 13:30, muita gente voltou muito mais tarde, quando escurecia. Ouvei dizer que alguns nem voltaram no mesmo dia, passaram a noite na Serra.

O povo bebeu demais, vi menino de 7 anos virando um copo de vinho num instante, uns de 11 e 15 anos também. Este de 15 já ficou meu amigo, é o “Zé Bio”, seu apelido, é claro. Contou-me sobre a peste de cólera que constituiu a cidade, me mostrou várias plantas típicas da Serra e do sertão, me contou histórias da Catingueira, etc. Ele é coroinha da igreja. Interessante o quão bem tratada eu fui. Perguntaram-me se eu queria caju, eu disse sim, e “Zé Bio” junto com “Bastião” saíram literalmente correndo para ver quem pegava primeiro o caju pra mim. “Bastião” me trouxe primeiro, eu comi, mas não estava bem maduro e por isso era travoso. Ele é um rapaz de mais ou menos uns 24 anos, tem o rosto todo machucado, e “Zé Bio” disse que era de tanta cana que ele “tumava”, eram

conseqüências das várias quedas que ele levava. Acho que ele tinha bebido muito, conversava demais, mesmo quando outras pessoas estavam falando comigo. Outra vez que o encontrar vou saber se ele estava tonto ou não, pelo seu comportamento. Quando o chuvisco se verteu em temporal, um rapaz tirou sua camisa para me aquecer, eu sentia frio e ele disse que estava com calor, duvido, queria mesmo era me agradar. Fui tratada assim não porque eu sou especialmente importante, bonita ou simpática, mas simplesmente porque eu sou de fora, seria assim com qualquer outra pessoa na minha posição.

Depois do Cruzeiro fomos para a cachoeira de Mãe Luzia, diz-se que era uma mulher que morava no alto da serra e um dia estava lavando roupa quando foi comida por uma onça, ali mesmo. Como tinha chovido, havia muita água, o bastante para fazer a felicidade do povo, que disputava pulos no poço. Dos mais gordos se riam, os mais jovens faziam saltos diferentes. Alguns poucos vestiam calção de natação, algumas mulheres vestiam biquínis (apesar de não haver mulheres misturadas com os homens neste momento, só mais afastadas), entretanto, a maioria “tunava banho” com a roupa do corpo, só tirava a camisa. Via-se que estava todos muito contentes, o que pode ser pensado em parte como conseqüência da “cana”. Certas brincadeiras eu não entendia, mas perguntava a um menino e ele me explicava. Por exemplo, numa hora, ainda no Cruzeiro, todo mundo olhou para um grupinho de jovens e disse: “iiiiihhhh”, em tom zombeteiro, rindo à vontade. Um dos rapazes, corando se afastou do grupo. Um menino me explicou que um deles, aquele que corara, tinha levantado a camisa e as pessoas “mangavam” dele por que ele era bem magro, dizia que era o “Van Dane depois da fome”.

Quando já voltávamos da cachoeira de Mãe Luzia, “Josimar”, subia com algumas pessoas. Trazia mais cana, um bode para assar, pães e salsichas para fazer cachorro quente. Como caía um verdadeira tempestade ele entrou em uma das casinhas que tem lá na serra (existem algumas pessoas que moram lá, outras que só plantam durante o dia, e voltam durante a noite para casa, “Lia” era uma destas e ficou de me levar na casa dos moradores outro dia). As pessoas todas estavam encolhidas pelo frio, à espera da comida. Não fiquei mais, eu sentia bastante frio e queria mesmo era ir embora para me aquecer. Muita gente ficou para desfrutar da comida, principalmente do churrasco de bode. Disseram-me que Josimar era de Patos, e que tinha comprado umas terras na Catingueira, não tinha pretensão de morar por aqui, mas gostou tanto que já mudou de idéia. Disseram que ele é muito bom para o povo, que dá comida à vontade, paga divertimento para as crianças. Ele ajudou o atual prefeito o “Dão”, a se eleger, e parece que em breve deve se candidatar. E se candidatar, “Doutô José” disse que ele ganha, que o povo gosta muito dele.

Com o temporal, ficamos todos absolutamente molhados, da cabeça aos pés. A chuva fez várias cachoeiras no percurso de descida, tornando-a ainda mais perigosa, foram poucos os que não caíram, pelo menos uma vez. Eu não caí, vinha com muito cuidado, e me abaixava toda vez que fosse preciso, descendo com a mão no chão e muito perto do chão, para que se eu caísse o tombo fosse pequeno.

Comi batata doce, uma barata branca de casca preta, meio doce, que o povo come. Não é muito bom não, mas comi mesmo assim para experimentar.

Tem um jornalista por aqui e um fotógrafo, o povo diz “os jornalistas”, um deles fazia entrevistas, e lá no cruzeiro faziam perguntas e anotava numa agenda. O outro tirava fotos. A revista é para vender durante a festa e é sobre a Catingueira. (Interessante notar que eu também ficaria conhecida como “a jornalista”).

II. Dia 10 de Janeiro: o primeiro e grande dia

Da tranqüilidade cotidiana ao burburinho da festa. O som persistente dos carros, tocando principalmente forró, mas também música sertaneja, pop nacional e axé, era ouvido da manhã à madrugada²³. Havia uma lei que impedia este tipo de som depois das 22:00H. Lei esta progressivamente mais desrespeitada com a proximidade da festa. Conversando com o delegado da cidade, ele me disse que não podia pedir para as pessoas abaixarem o som sem que houvesse uma reclamação. Mas em uma cidade pequena como a Catingueira, ninguém queria se indispor com ninguém. Por isso, apesar de ouvir diversas vezes que o som estaria demais, ultrapassando os limites, ninguém reclamava à polícia²⁴. Mas, se havia aqueles que não gostavam do som alto o dia inteiro, a maioria dos Catingueirenses, ao contrário, aprovava e achava indispensável aquela barulheira generalizada. Isso porque festa sem som, não é festa! E quanto mais alto, quanto mais carros abrirem seus porta-malas exibindo aquela aparelhagem, melhor. É como se dissessem que a cidade está viva, está em festa, está alegre e quer comemorar! Algo parecido com o que descreve Morales (1993:3) na Feira de São Cristóvão, no bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro²⁵.

²³Classificaria o forró ouvido nestes dias de festa como *oxente music*, que de acordo com Ceva (13:2001), tendo como base o teclado e a bateria, e como grupos musicais expoentes *Magníficos*, *Matruz com Leite*, *Limão com Mel*, *Frank Aguiar*, todos muito ouvidos na Catingueira. O *oxente music* se distingue do *forró pé de serra*, onde teríamos basicamente uma zabumba, o triângulo e a sanfona.

²⁴Sobre a cidade pequena e as restrições quanto ao conflito aberto ver Prado 1993, 1995 e Caniello 1993.

²⁵Ou ainda Linhares (1992:260): *Em poucos segundos, é possível perceber a diversidade de sons. Uma mistura de ritmos exalta e dá intensidade aos espaços. O que vale é a mistura, não uma música específica. Os grupos se espalham por todos os locais da praia. Se misturam, se falam, se gritam. Forró, catimbó, bolero, samba, funk brega, música caipira se juntam no ar formando uma massa difusa. Para um observador não habituado, é quase insurportável, irritante mesmo. A música dá, no entanto, o sentimento de pertencer àquela*

Mas não é só de som que se faz a festa. Os turistas são indispensáveis para o sucesso da festa. A cidade de uma hora para outra se via cheia de gente *de fora*, assim como as calçadas de um dia para outro estavam tomadas pelos carros²⁶. Um clima marcado pela efervescência, que contrasta de maneira drástica com o período de não festa:

Você já viu filme de Bang-bang? Sabe quando os saqueadores vão embora e fica aquele imenso silêncio e só a poeirinha dos cavalos. Depois da festa a cidade fica assim, deserta. (Pires: 2000:24).

O grande fluxo de turistas durante a festa está ligado a laços de parentesco. Mas não de maneira generalizada. Neste ano a festa coincidiu com o fim de semana, o que contribuiu, segundo os moradores da cidade, para o aumento dos turistas oriundos das cidades vizinhas. Este grupo, formado sobretudo de jovens, vinha somente para passar a noite e voltar no mesmo dia, ou no outro dia pela manhã, não estabelecendo dormida na cidade. Este ano, e a cada ano mais, vemos a intensificação deste fluxo de pessoas que vem apenas em busca de diversão. Como os shows este ano foram de graça, na rua, e como o show mais esperado teve lugar num sábado, estes fatores podem ter contribuído para que pessoas de localidades vizinhas, sem qualquer ligação de parentesco com os moradores, tenham vindo a cidade.

Para os frequentadores da festa religiosa os dias mais importantes são os dias 10 e o dia 20. No primeiro temos a procissão inicial que sai do sítio de *Doutô Pedro*²⁷, a qual anda pela cidade e chega até o pátio em frente à igreja onde ocorre o levantamento do mastro e da bandeira de São Sebastião. Em seguida, ocorre a primeira novena da festa. Galvão (1955:74) também observa o mesmo movimento na festa de Santa Apolônia, em Itá - AM, a festa começa sempre 10 dias antes do dia da padroeira, com o levantamento do mastro defronte a capela. Ou seja, o dia 10 marca o início das festividades do santo, marca o

comunidade. Ela não envolve, ela possui. Ela impede o observador de se dobrar a uma hierarquia sonora linear.

²⁶ Houve inclusive um acidente de carro nas ruas do centro, fato raro na cidade. Uma criança de bicicleta atropelada por um rapaz que tinha ficado bebendo a tarde inteira.

²⁷ Voltarei a citar o nome de *Doutô Pedro* muitas vezes. Por hora direi apenas que se trata de um juiz de direito. É um catingueirense. Possui casa na cidade. É considerado a pessoa mais importante e poderosa de Catingueira. A ele muitos *filhos-ausentes* devem seus empregos no Tribunal Regional do Trabalho de João Pessoa, na época em que foi o presidente. *Doutô Pedro* é marido de *Dona Cleuza*, atual vice-prefeita. Na revista de Catingueira (Lucena 2002: 12), lemos a seguinte frase a respeito do juiz: *Registra a história brasileira, o que pode ser considerado verdadeira façanha por se tratar de caso único em toda a Nação.*

período de alegria, a entrada da festa, assim como a entrada do ano e junto com a promessa de ano bom. Por sua vez, o dia 20 fecha as celebrações do santo, com a missa de São Sebastião às 10:00 H da manhã. À tarde, a procissão, descida do mastro e da bandeira, dando por encerrada a festa de São Sebastião. Seria, pois, interessante observar de maneira mais detalhada estes dias na Catingueira. Por isso me valho das anotações de campo:

Dia 10/01/02

Dia especial para a Catingueira, que foi acordada às 6 da manhã pela primeira apresentação da Banda Filarmônica de Catingueira, com uns 30 meninos e rapazes e 2 moças. O prefeito mandou que eles tocassem em frente à casa de Doutô Pedro, que depois do espetáculo ofereceu café da manhã aos meninos. A cena era a seguinte: ele sentado na porta da casa na cadeira de balanço ao lado da esposa e outros membros da família e os meninos tocando à sua frente. As pessoas comentaram que a banda precisava ensaiar muito mais se quiser tocar nos dias de festa. Principalmente quando a banda de música da polícia passou, as pessoas ficaram dizendo para eles prestarem atenção para aprender como se deve tocar, tudo isso em tom de gozação. Alguns meninos, visivelmente chateados, ficaram de fora da primeira apresentação porque os instrumentos não chegaram a tempo. Fomos tomar café com o Doutô Pedro. Lá encontrei-me com Dona Cleuza, a vice-prefeita, e esposa de Doutô Pedro. Estavam lá: o padre, Vivino (genro de Doutô Pedro e vereador), Josimar e outros. De mulher, somente, Leticia – mulher de Doutô José, a dona da casa e eu. A mesa estava extremamente farta, frutas, salgadinhos, comidas típicas, pães diversos, frios, leite, café, suco. Comi apenas um pouco de mungunzá e um salgadinho.

Logo depois, houve a subida ao cruzeiro de santo Antônio, para trocar o antigo Cruzeiro pelo novo, promessa feita pela mesma pessoa que trocou o Cruzeiro de São Sebastião. Fora seu pai que havia “butado” o Cruzeiro antigo e morrendo disse a ele que não deixasse o Cruzeiro cair, que cuidasse dele. Foram poucas pessoas, se comparando ao dia do de São Sebastião, umas 40 pessoas ao todo. “De autoridade só foi o Doutô José”, nem o padre foi. Havia muitos pobres e, sobretudo, muitas crianças, na maioria meninos. Não tinha bebida alcoólica, e algumas pessoas disseram que por isso o comparecimento havia sido pequeno. Não houve reza (o padre não foi, comentaram que ele ainda estava se recuperando da subida do dia 7), mas houve foguetes. Os foguetes são uma atração a parte, as pessoas vibram. Tem sempre foguetes ao final das novenas, e quando o noitário (uma espécie de organizador da noite²⁸) está bem financeiramente e quer gastar um pouco mais, tem também na alvorada. Teve fogos na colocação dos dois cruzeiros novos.

Doutô José estava sentado no bar, na companhia de dois caras que não sei o nome, mas que já estavam bebendo desde ontem. Me disseram que só iam parar quando acabasse a festa. Por que festa é para isso, eles não dormiram nada de noite, e disseram que iam ficar acordados até dia 20.

Quatro barracas foram armadas na rua, perto da igreja. Uma barraca vende sorvete italiano, outra balas etc.. Uma delas é um trailer bem grande que vende muitas coisas, principalmente comidas. E, a quarta vende batata fria e cachorro quente.

Somente um homem conseguiu, até hoje, presidir os três poderes e, coincidência ou não, sua naturalidade está fincada no município de Catingueira.

²⁸ Mais à frente, nas páginas 47 e 48, a figura do noitário será mais bem trabalhada.

Conversando com a dona desta barraca, ela me disse que é de Patos e anda sempre a procura de festas, me disse que já sabe onde tem as festas boas. Dorme ali mesmo na sua barraca e só quando chove que vai para a pensão, onde também almoça. Trabalha só, os filhos não quiseram vir com ela. Não tem os dentes da frente, coisa muito comum entre as pessoas que tenho conversado.

Maria José, empregada doméstica de Doutô José, me contou sobre uma promessa que fizera, mas ainda não pagara: seu filho estava com umas feridas no corpo, ela pediu a São Sebastião que o curasse que ela iria a todas as novenas e a procissão descalça. A promessa era para ser paga no ano passado, mas ela não pagou e está com medo da dívida com o santo. Espera terminar o serviço da casa antes da novena, para poder pagar a promessa. Pelo visto o santo milagreiro vai ter que esperar mais um ano: sua patroa não a deixou sair a tempo de ir a novena, disse para fazer um bolo e a janta.

A procissão levando a bandeira de São Sebastião saiu do sítio do Doutô Pedro, como todo ano. Tinha bastante gente, não sei precisar quantas. Antes teve banda da polícia militar do Estado da Paraíba no centro. A procissão vinha bem demarcada. A Bandeira de São Sebastião; Padre; meninas com vestimentas de várias cores (branco, verde, azul, vermelho, amarelo) segurando bandeiras onde se lia a palavra “paz”; senhoras com as fitas vermelhas do Apostolado da Oração; banda da polícia; caminhonete com o prefeito dentro, Doutô Pedro em cima, com os príncipes da festa. O povo andava ao lado dos carros e da banda militar.

Na entrada da cidade uma pequena multidão aguardava a procissão que se avolumou muito no decorrer da caminhada dentro da cidade. Os homens foram pegar no mastro de São Sebastião (chamado também de “pau de São Sebastião”, ou “pau do Bastião”, ou ainda “pau do Bastiãozinho”), enfatizo só os homens, e mesmo assim alguns. O mastro estava dentro da Igreja e o trouxeram para parte externa, onde o povo aguardava. A Banda Filarmônica tocou e a Banda Cabaçal também. Doutô Pedro foi quem colocou a bandeira e a asteou (como todo ano, “já é de tradição”, como se diz), ao som das palmas dos fiéis. Porém a bandeira prendeu-se, não subiu de uma vez, o que resultou em clima de suspense, todos olhando para cima para ver o que estava acontecendo.

Quando isso acontece, ou seja, quando a bandeira não sobe de maneira perfeita, é sinal de que o ano será ruim para as colheitas, é um sinal de que as chuvas não virão ou

não serão suficientes. Depois do suspense a bandeira subiu toda, e muitos bateram palmas novamente. Obviamente nem todos repetiram as palmas, só aqueles que entendiam o significado da relutância da bandeira em subir de maneira triunfante. O fato é que já havia chovido bastante neste início de ano, o que resultou em algumas indagações por parte das pessoas quanto aos porquês da bandeira não querer subir, e por fim a afirmação que confirma a crença: “Isso [o fato da bandeira não ter subido rapidamente] foi porque não colocaram a bandeira direito, senão ela ia sumir direitinho, o inverno está bom este ano”. (Nanan).

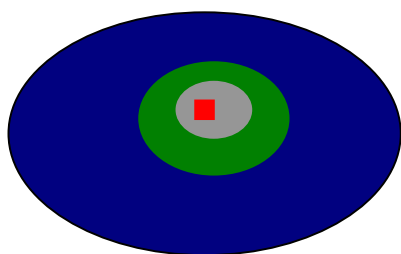
Conversando com Dona Luisa, na porta da igreja, ao fim de uma das novenas, quando os balões começavam a subir, ela me contou o seguinte: “Ave Maria... Oxente, teve um ano que queimou a bandeira, oxente, foi uma seca grande aqui, viu. O balão foi direto pra bandeira queimou, aí é perigoso.” E sobre este ano, perguntei-lhe se era possível acontecer o mesmo: “Não, mulhê, já tem chovido...” (risada). O ano não poderia ser ruim em nenhum dos dois casos, já que a chuva este ano estava abundante.

A novena estava muito bem ensaiada, parecia missa carismática. Muita música, muito vermelho, muita dança, muitos gestos ensaiados feitos pelas meninas do coral, mais de 50 meninas e moças. O povo saía e entrava na igreja freqüentemente. Muita conversa em todos os momentos da liturgia, muita alegria também. Era como se estivesse iniciando uma festa muito aguardada, e o caráter religioso da mesma não inibia manifestações tipicamente profanas, como reparar o vestido de fulana, o penteado de sicrana, e se fulano já chegou, conversar e rir.

Nanan machucou o pé (provavelmente porque bebeu demais e deve ter “levado uma queda”...) e uma moça de fora (João Pessoa) disse que o ferimento ia infeccionar por que ele estava dentro da igreja. Na hora não dei muita importância ao que a moça falou. Chegando na casa de Dona Odete, tia de Nanan, onde jantei, ela perguntou espantada: “E tu entrou na igreja com esse pé assim?” Eu perguntei, questionando o que que tinha de mais ele entrar na igreja com o pé machucado. Dizendo que ele tinha que tratar do pé senão em qualquer lugar que ele entrasse iria infeccionar, fosse ou não na igreja. Dona Odete disse rapidamente: “Não! Só na igreja e no cemitério”. “Que interessante”, pensei... E o melhor ainda estava por vir: o pé de Nanan, dado por curado, voltou a sangrar dentro da igreja! Ele arranhou uma explicação menos religiosa, disse que tinha voltado a sangrar por que ele tinha ficado muito tempo em pé e isso fez com que o sangue descesse. Em outro momento, esta mesma pessoa, Nanan, me disse que a razão de infeccionar na igreja é porque lá, geralmente, há muita gente e isso facilita a ação dos fungos e micróbios. Da mesma forma, o cemitério é um lugar onde existem muitos fungos, bactérias e micróbios oriundos dos corpos em decomposição. Respostas racionais para uma interdição bastante difundida por aqui.

Durante a procissão, falando com uma senhora descalça, entre tantas outras, perguntei-lhe por que não havia homens descalços, se os homens não faziam promessas. Um homem se virou rapidamente e disse, um tanto “injurioso”, que tinha homens descalços sim, que eu prestasse mais atenção que ia ver aos montes. Olhei em volta, e ele também, procurando algum homem descalço mas não encontramos. Para não perder a compostura ele falou que eu olhasse na entrada da cidade que eu ia ver um “bucado”. Olhei e só vi um. Uma mulher disse que os homens tinham pouca fé. Conversei com um senhor de uns 70 anos que há mais de 40 anos vem para Catingueira no dia 10 e no dia 20, dias considerados os principais para a celebração religiosa, dias do asteamento e da descida da Bandeira de São Sebastião.

A colocação do mastro se realizou através de uma estrutura bem definida de poder. Primeiro só os homens é que pegam no mastro. Doutô Pedro é quem coloca e asteia a bandeira, em sua volta só homens, um primeiro círculo, Vivino, Nanan, Doutô José, e outros homens de prestígio. Depois outros homens, e outros homens, e mais homens. Só depois é que vinha o Padre e atrás dele as senhoras do Apostolado da Oração. A única mulher que se aventurou lá no meio, era uma pessoa declaradamente de fora (pela roupa e pelo modo de se comportar), e que filmava a cena, que se não me engano é da família de Doutô Pedro. Eu também fiquei lá, entre os homens, por alguns instantes, não o tempo todo. Nem todos os homens ficaram próximos da bandeira, alguns assistiam de longe ao lado de mulheres e crianças. Estes homens eram os mais pobres, geralmente moradores dos sítios. Este grupo, era sem dúvida, o maior dentre eles.



Vermelho: Mastro de São Sebastião.

Cinza: Poderosos, sempre de fora.

Verde: Padre, mulheres do Apostolado da Oração, crianças.

Azul: Homens e mulheres pobres, crianças.

- *os turistas não considerados poderosos se encontravam distribuídos nos vários grupos acima apontados, concentrando-se, no entanto, mais perto do mastro.*

Choveu muito antes da procissão. A chuva cessou durante a procissão, e logo após a missa choveu muito novamente. Depois parou e pôde haver o baile, que foi realizado na parte de fora, numa área descoberta, ao lado da quadra de esportes. As pessoas disseram que foi São Sebastião quem fez parar as chuvas nos momentos precisos. Muitos chamam a imagem de São Sebastião, aquela que fica na sacristia e é a da promessa inicial, de Bastião, Bastiãozinho, etc. O lucro para a igreja da bilheteria do baile de forró foi de R\$300,00. Os convites custavam R\$5,00 e estudante pagava menos. A igreja ficou com 20% da arrecadação, o resto ficou com a banda Kara Nova. Não tinha muita gente. A maioria era jovem. As mesas ficaram mais da metade vazias, muitas pessoas dançavam. Houve uma mesa peculiar, onde se sentaram o Padre, Doutô José, dentre outros, separados do povo, afastados daquilo que poderíamos chamar a “pista de dança”, e de onde podiam observar grande parte do baile. O povo dançou muito. Eu dancei com Nanan; com o filho mais novo do ex-prefeito, Jackson; e um catingueirense. Este mesmo catingueirense me chamou pra dançar uma segunda vez, eu recusei, ele segurou forte meu braço, me soltei por mim mesma. Na mesma hora, Nanan se aproximou, e instantes depois o filho do prefeito também. Um pequeno mal-estar foi criado e o rapaz logo desistiu da

dança. Com outro sujeito foi a mesma coisa, me chateou um pouco ter que recusar a dança. Mas, a música que tocava nem era forró. Era um gênero que não se dançava de pares, assim estava claro que o cara tinha segundas intenções, e daí eu me reservei o direito de dizer não. Fico pensando se essas atitudes podem ser ruins para a pesquisa, se eu os vejo (estes dois rapazes) por aí, na rua, não sei como eles podem reagir. Dilemas de uma antropóloga sozinha no campo. Além do mais, normalmente não há ninguém para me salvar destas confusões. Fui embora às 2:40 H da madrugada, já estava meio rouca, de tanto disputar volume com a banda de música, cujo som estava (só pra variar um pouquinho) altíssimo. A banda tocou até aproximadamente 5:00 H. Tinha bastante gente do lado de fora, Maria José mesmo era uma delas. De fora era possível escutar a música perfeitamente, sem ter que pagar o ingresso.

Soares (1981: 157-166) descreve a *busca do mastro* como um dos pontos importantes para as festas em Bom Jesus. Lá, é escolhido um *dono do mastro* a cada ano no seio da comunidade idosa. Diferentemente, na Catingueira, o indivíduo responsável pelo asteamento do mastro e da bandeira de São Sebastião é sempre *Doutô Pedro*. Não há alternância para o papel de *noitários*. Se não há alternância no papel dos *noitários* das noites menos importantes, isto é, nos dias de 11 a 20 de janeiro, que dirá do dia mais importante da festa, o dia 10. A escolha dos *noitários* operou-se através de uma lógica familiar, onde cada noite fica a cargo de uma família específica. Entretanto, mesmo que toda a família se empenhe em fazer a noite bem bonita é o nome do patriarca da família que merece destaque, sendo impresso no folheto da festa e sendo falado no seu dia determinado. É importante lembrar que este personagem da festa, o *noitário*, é sempre um homem. Essa posição confere prestígio ao seu portador, e seu papel é respeitável e ambicionado. Pode haver, como houve neste ano, disputas internas em determinada família para o posto de *noitário*. Como as famílias geralmente contam com ramificações bastante extensas, algum membro pode expressar desejo de ter uma noite só para ele, alegando não reconhecer como parentes diretos aquelas pessoas que representam sua família. E nestes assuntos é melhor falar logo com o padre, que avalia o desempenho do atual responsável pela noite. Observa-se a noite está animada com fogos e balões, se as doações em dinheiro, bodes ou bezerras está em conformidade com a generosidade do santo para com aquela família, ou seja, sempre abundantes. Mas como não poderia deixar de ser, se alguém se dispõe a ser *noitário* é evidente que este deve contar com algum dinheiro para fazer a festa, além de freqüentar e participar dos leilões. Muitos *noitários* são *filhos-ausentes* e/ou donos de terras.

O papel de *noitário*, o asteamento e o carregamento do mastro são atividades tipicamente masculinas. As mulheres observam de longe todo o ritual. Algo parecido com o que acontece em Bom Jesus, onde uma mulher carrega a bandeira de São Benedito, sempre à frente dos homens, embora em atitude de neutralidade e alheamento. Enquanto os homens entram na mata para buscarem o mastro, ela fica parada na entrada da mesma, esperando sua volta. Quando os homens retornam ela retorna sua caminhada sempre a frente dos homens e impassível. Entre os homens reina, potencializa da cachaça, um clima de euforia. Brincadeiras, jogos, atitudes jocosas, que nem de longe se endereçam aquela mulher. Tudo se passa como se ela não estivesse ali, tanto na sua postura frente aos homens, quanto vice-versa. Semelhante à atitude das senhoras do apostolado da oração no momento do asteamento da bandeira de São Sebastião. Se ao lado do mastro reinava um burburinho, uma agitação em relação à arrumação da bandeira e a sua subida, metros atrás, onde estavam as senhoras do Apostolado e também o padre, reinava uma absoluta passividade, expressa na espera do asteamento da bandeira. Tudo se passa como se ali, bem pertinho do mastro, não fosse lugar de mulher. E de fato, como falei acima, havia apenas uma mulher neste miolo, que filmava o acontecido. Ela, com certeza, não era catingueirense.

Soares (1981:163) também fala da carga erótica que assume o mastro do santo. Como já disse, o mastro de São Sebastião é comumente chamado de *pau do santo*. Brincadeiras e jogos de linguagem como estes são comuns entre os homens: *Já pegou no pau do santo? Ah... se pegar uma vez vai querer voltar todo ano*. E pegar no *pau do Bastiãozinho* é uma alegria só. Enfatizo que só os homens pegam no mastro do santo, o que dá margem a brincadeiras que têm como referencial a homossexualidade. Pode-se observar nas fotos que fiz neste momento as pessoas sorrindo, e não só os homens, mas também as mulheres, sobretudo as mais jovens. Nesta parte da festa, a saber, no transporte do mastro de dentro da igreja para fora, onde ele será erguido e no próprio asteamento, são permitidas brincadeiras jocosas que se acoplam com o clima de euforia que neste dia 10 se espalha pela cidade. É o início do ano, os sítios já estão plantados a espera do inverno. São os parentes que começam a chegar. É a esperança renovada com a chegada das primeiras chuvas.

III. Leilão: “Arrematação é só pros ricão”.

Não. Eu bebo minhas cana, mas é lá fora.

(catingueirense, quando convidado por um amigo de infância a se sentar em uma das mesas do pavilhão).

Em um texto intitulado “Análise de uma situação social na Zululândia moderna”, Gluckman (1987), através da descrição detalhada de um evento, qual seja, a inauguração de uma ponte, delinea todo o universo social que constitui a chamada moderna terra zulu, ou seja, e segundo seus termos, a *estrutura social* daquele povo. Os eventos, objetos de observação privilegiada dos antropólogos são chamados *situações sociais*²⁹. Seguindo a inspiração de Gluckman³⁰ pretendo agora tentar, também através de minhas anotações do caderno de campo, descrever a festa de São Sebastião, focalizando os leilões, sem preocupar-me com a análise simples e estrita dos dados. Mas não sem antes saber o que falam sobre o fato alguns outros autores. Penso que a descrição em si mesma pode ser tão ou ainda mais rica que a simples análise de dados, que por vezes se faz redundante e inútil, já que os dados/ eventos/ descrição vêm carregados do seu próprio poder explicativo. Espero que a ligação entre esta descrição e a tese geral da dissertação fique clara no decorrer do texto.

²⁹ Como forma de iniciar esta análise, descrevo uma série de eventos conforme foram registrados por mim num único dia. As situações sociais constituem uma grande parte da matéria-prima do antropólogo, pois são eventos que observa. A partir das situações sociais e de suas inter-relações numa sociedade particular, podem-se abstrair a estrutura social, as relações sociais, as instituições, etc. daquela sociedade. Através destas e de novas situações, o antropólogo deve verificar a validade de suas generalizações. (Gluckman 1987: 228).

³⁰ A inspiração de Gluckman será seguida em parte. O texto citado é dividido em três partes, cuja primeira parte constitui-se basicamente da descrição a partir do diário de campo, e as duas partes subsequentes constituem-se em análises que vieram a tona à partir da descrição inicial. Opto neste momento por fazer a descrição concomitantemente à análise de dados. Recuso-me a seguir um padrão de dissertações divididas em histórico, descrição e interpretação de dados. Uma das particularidades do texto antropológico é justamente colocar o vivido e a interpretação nativa em pé de igualdade com a interpretação do pesquisador. Penso ser a interpretação do pesquisador tanto mais interessante e válida na medida em que foi gestada não somente *a partir* do contato com as interpretações e a vivência nativas, mas *ao lado* das interpretações e as vivência nativas. Desta forma, porque desvencilhar a interpretação e o vivido se no campo estas duas realidades se faziam uma?

III. 1. Algumas abordagens sobre os leilões

Os leilões após as missas ou novenas são característica marcante das festas de padroeiro dentro do catolicismo popular, descritos por inúmeros autores (Galvão 1955; Wagley 1977; Pierson 1966; Willems 1961; Zaluar 1983, etc). Assim sendo, vejamos como alguns autores trabalharam o tema em questão, já introduzindo alguns dados e interpretações do leilão da Festa da Catingueira.

Zaluar (1983) quando trata das festas de santo, dá atenção especial à figura do *festeiro*³¹, aquele também chamado o *dono da festa*, deve oferecer uma refeição comunal à comunidade. Ele é sempre escolhido entre os membros da classe dominante. A comida distribuída, segundo Zaluar, unificaria os patrões e os dependentes, possibilitando que as contradições entre as classes desaparecessem neste momento (1983:75). Da mesma forma o faz Willems (1961), quando diz da distribuição de comida efetuada pelo festeiro como mecanismo de atenuação dos antagonismos sociais. Porém, conforme este autor, esta distribuição de comida já não é mais observada, ao que ele aponta como mais uma consequência da desintegração social que a pequena cidade de Cunha estaria sendo sujeita. Para Zaluar, com o passar dos anos essa distribuição gratuita de comida foi sendo substituída pela venda de comes e bebes nas barraquinhas e no leilão de prendas, aspecto contestado por Lanna (1995:175). No caso da Catingueira não penso que a comida, ou as penosas do leilão, tenham esse fim: abstrair as relações de dominação social e fazer a união das classes sociais, como aponta Zaluar. Penso mesmo caminhar em direção oposta à proposta neste livro: a comida aqui é mais um mecanismo de separação social, de delimitação dos limites territoriais simbólicos de cada grupo³² que compõe a festa de São Sebastião³³. Neste momento, acredito estar mais próxima das análises de ritual propostas

³¹ Ou *juiz* (Galvão 1955); ou *mordomo* e/ou *noiteiro* (Wagley 1977).

³² Não quero falar aqui de classe social, pois não acredito que este conceito possa me levar longe. Penso ser melhor falar em grupos que compõem a festa, uma vez que o recorte classe social dominante e classe social dominada (ou dependente) acaba por engessar o mundo social em duas categorias por demais excludentes e parciais. Como se verá, posições hierárquicas podem ser invertidas. Além disso, no leilão, como se verá não ocorrem relações de sujeição ou dominação explícitas. Há mecanismos mais sutis, e talvez por isso mesmo, mais eficazes de manter pobres e ricos em “seus” lugares.

³³ Neste mesmo texto, Zaluar aponta para uma *posição estrutural homóloga* (1983:94), entre os santos e os patrões. Dizendo que a relação que se estabeleceria entre patrão - caboclo seria homóloga a relação santo - devoto. Os segundos estão sempre em relação de dependência em relação aos primeiros, é o patrão que *dá* a terra para plantar, *dá* as sementes, *dá* a casa para morar, *dá* a roupa. Tanto o patrão quanto o santo assumem papel de protetores que controlam os recursos, a eles se deve obediência e respeito. Sua autoridade não é

por Victor Turner, para o qual empiricamente os rituais têm por fim o reforço das fronteiras e distinções sociais. Se no carnaval, por exemplo, as regras do mundo cotidiano são suspensas, isso se dá justamente em um momento contido, e serve em última análise como reforço das regras instituídas. O mendigo só pode ser rei durante os dias de carnaval, depois tudo volta ao normal.

Para Lanna (1995) no leilão teríamos uma visão microscópica da lógica do mercado no Brasil (1995:182). Tudo o que não fosse estritamente religioso, ou seja, as barracas, o leilão e o forró seriam associados à lógica do mercado; enquanto as novenas, a procissão, ou seja, o declaradamente religioso seria associado à dádiva. O autor em questão aponta para a convivência das lógicas do capitalismo e da dádiva no sertão nordestino. Explico-me melhor. As festas de santo operariam em dois momentos, o primeiro: as comissões, da qual as mulheres participariam e a regra prevalecente seria a da reciprocidade. Já em um segundo momento teríamos o leilão, onde as relações de mercado seriam dominantes e onde somente aos homens seria dado fazer lances, arrematar prendas. Bem ao gosto do livro citado teríamos: União: separação:: reciprocidade: mercado:: comissões: leilão:: mulheres: homens. Enquanto o leilão se caracterizaria por um *comer-destrutivo*, o *potlatch* melânesio seria um *dar-destruir* (1995:177), dado seu caráter cumulativo (quem pode arrematar mais frangos), competitivo e excludente (só os patrões participam).

Na Catingueira, não há comissões que corram as casas antes da festa a fim de arrecadar prendas para o leilão ou dinheiro para a realização da festa, como as há em *São Bento*, conforme descrito por esse autor. O que há são parentes ou amigos trabalhando para o príncipe ou a princesa que entregam um envelope na casa de determinadas pessoas. Estas pessoas devolvem o envelope com a quantia que deseja doar para a eleição de seu candidato a mesma pessoa que lhe entregou. Ou ainda, a doação do que quer que seja para a Igreja é feita de maneira espontânea pelo doador, que geralmente se dirige à igreja para

contestada e ele requer fidelidade e dedicação pessoal. Mesmo que haja algumas semelhanças no trato dos santos e dos patrões por parte dos devotos e caboclos, não acredito que tal pista seja interessante para o meu trabalho. O mundo religioso possui autonomia suficiente para ser pensado enquanto um *campo*, sem a necessidade de remeter a outras esferas da vida social para compreendê-lo. Com isso não quero dizer que o mundo social apresente-se como esferas separadas sem conexão umas com as outras. Não é isso. Proponho apenas a entender a relação da Catingueira com São Sebastião partindo do princípio de que os nativos sabem o que estão fazendo quando pedem graças as santo. Eles não estão alienados ou foram enganados, há algo de real na crença. O fiel que tocou o sagrado não sai ileso. E finalizando, acredito que remeter uma relação do nível religioso a outras relações em outros níveis é empobrecer a potência da religião enquanto entrada privilegiada para se conhecer e compreender uma comunidade humana.

efetuar sua contribuição, não esperando que venham buscar. Neste caso predominam os gêneros alimentícios para serem consumidos na casa paroquial e animais para serem arrematados no leilão. Além disso, as pessoas que entregam os envelopes são geralmente parentes do candidato, isso posto, não há aqui qualquer divisão sexual do trabalho. Por exemplo, a mim foi entregue um envelope por um homem, pai da candidata à princesa da festa³⁴.

Desta forma, não acredito ser possível endossar a relação apontada por Lanna de que nas festas de santo a lógica da dádiva e a lógica do mercado se entrecruzam, sendo o leilão o momento das relações de mercado e as comissões o momento da dádiva. Justamente por que Dádiva e Mercado, posto desta forma, derrubam por terra o argumento central do livro de que as festas de santo promovem o encontro destas lógicas. Antes, pelo contrário. Como foram expostas, as lógicas do Mercado e da Dádiva são vistas como dois momentos estanques, irremediavelmente separadas. Além do que, para mim, no leilão, as leis da dádiva estão presentes, como também algumas leis do mercado capitalista. Para ficar naquilo que é mais evidente as prendas do leilão são pagas com dinheiro e a necessidade de retribuir a galinha recebida deixa claro uma das etapas da reciprocidade: dar, receber e retribuir.

Está claro, e concordo com Lanna, que o leilão é a *celebração dos patrões por eles mesmos* (Lanna 1995: 184), ali não se sentam os pobres. Porém, isso não significa que eles não estejam presentes neste momento da festa. Se sua presença física é diluída, sua presença simbólica se faz evidente; como ficará mais claro a seguir, quando falarei da galinha oferecida no leilão como metáfora para a sociedade, e mais especificamente das gentes pobres do sertão. Além do mais, os pobres estão presentes fisicamente sim, eles não

³⁴ Esclarecerei em breves linhas esta parte da Festa. Os desfiles são uma característica da festa, embora altamente mutáveis. No entanto, algumas características essenciais são conservadas, a despeito das mudanças anuais. Houve, este ano, a eleição do Príncipe ou da Princesa da Festa (em outros anos eram duas meninas disputando o título de Boneca Rainha da Festa). Cada um dos candidatos escolhia algumas (sem limite de quantidade) meninas para desfilar para São Sebastião e para si. Cada uma contava com um padrinho que faria uma doação, em dinheiro, para a igreja. Esta doação era colocada no envelope confeccionado pela igreja, e seria contado no montante de dinheiro arrecado pelo Príncipe, ou pela Princesa, se a menina desfilasse para ela ou para ele. O padrinho que der mais, tem sua menina escolhida a Dama do Pavilhão. Ao final da festa, seria considerado o Príncipe ou a Princesa da Festa, a criança que arrecadasse mais dinheiro. Há outros mecanismos para a arrecadação de dinheiro, não apenas o desfile.

tomam parte nos arremates das galinhas, mas estão em pé olhando o espetáculo do leilão, não se aproximam demasiado, mas também não vão embora.

III. 2. Entendendo um pouco do leilão na Catingueira ou *Cada macaco no seu galho*

A partir de uma situação social determinada, o leilão *das penosas*, penso ser possível desvendar os vários atores que compõem este cenário social, assim como o modo de participação de cada um deles na configuração social, política e religiosa da cidade. No leilão há toda uma etiqueta a ser preservada, a galinha deve ser arremata e oferecida ao outro, não se deve arrematar a galinha para a próprio consumo, mas sim, para que alguém *coma da galinha*. Cria-se, através da comida que circula, uma teia de reciprocidade que deixa-nos antever, em escala reduzida, toda aquela sociedade.

Quem arremata as galinhas? Quem participa deste momento da festa? Sem dúvida alguma, participa deste momento da festa os adultos, na maioria homens, e com algum dinheiro. Quem senta às mesas? Só os *poderosos*.

O leilão é um momento da festa onde geralmente os jovens não gostam de estar. Ele é marcado pela ritmo lento e redundante da voz do locutor, um “especialista em festa de igreja” no interior, que cobra R\$ 200,00 por noite de leilão. O leilão pode durar horas, começando após a novena, se estendendo até a madrugada. Esse ano, o leilão chegou mesmo a disputar clientela com o *show* de músicas regionais que aconteceu, pela primeira vez ao ar livre, já que a quadra de esportes onde se costumava fazê-lo estava em reformas³⁵. Esta situação foi duramente criticada pelos participantes da festa, já que quando o *show* começou, pelas 2 horas da manhã, o leilão não cessou como previam todos. Depois de começado o show, os preços das galinhas declinaram bastante, muitas vezes sendo finalizados logo no primeiro lance.

³⁵ Nanan, um rapaz de aproximadamente 30 anos, morador de Recife, nascido na Catingueira, me disse que não concordava com essa história de baile na rua, que este modelo de festa sem pagar ingresso, promovido na rua, é um modelo de festas de cidade grande que não funcionaria na Catingueira. Ele se mostrava mesmo chateado e dizia que as autoridades não tinham sensibilidade para perceber o que era importante para o povo da cidade. Segundo ele, as moças esperam o ano todo pelo baile, para poderem se arrumar, colocar vestido novo, fazer penteados no cabelo, se maquiarem e com a festa na rua tudo isso resultava complicado. Disse ainda que as moças se aprontavam como se fossem *Cinderelas*, de vestido longo e tudo mais para irem ao baile. Obviamente em um lugar fechado e restrito, afinal, nos sonhos das princesas e Cinderelas não são todos os que podem adentrar.

A mesa de *Doutô Pedro* era a maior já vista, ela havia sido preparada com antecedência, o que alerta-nos para o fato de uma previsão dos acontecimentos que ali ocorreriam. Umhas 20 mesas (destas de propaganda de cerveja) foram colocadas uma ao lado da outras para acomodar os convidados do *Doutô Pedro*, políticos da região, parentes e amigos.

É interessante observar uma barreira explícita que opera nos leilões: de um lado, sentados, estão os visitantes e os moradores da cidade considerados poderosos, que assumem a posição de protagonistas no evento. De outro lado, em pé, em posição de observadores estão os pobres, a quem não é dado sentar-se, apesar de que nada os impossibilitaria de tomar acento às mesas. Não é preciso ingresso. Não é preciso reservar mesas. Porém, as mesas já estão representativamente destinadas a determinadas pessoas, ou efetivamente destinadas, como a mesa de *Doutô Pedro* e outras mesas já previamente preparadas e endereçadas. Todos conhecem o seu lugar e, como já falei em outra oportunidade, *cada macaco no seu galho* é o lema do local (Pires 2000: 48).

Dona Tereza nos fala explicitamente deste aspecto que vejo dramatizado nos leilões, a saber, o lugar dos pobres e dos ricos como universos distintos e separados. O leilão como uma mapa dos posicionamentos sociais. Essa relação, poderia também ser pensada como uma relação hierárquica, como ficará claro mais a frente, entre pobres e ricos e mesmo entre os *de fora* e os *de dentro*.

*Ah, antigamente era bom, minha fia. Antigamente a festa era muito boa. Fazia muito leilão pelos sítio, sabe o que é leilão não, não? Assim, já assistiu festa, já? [Já]. Pronto, num vê a arrematação do dia 19, arrematando as galinha, num foi? Aquilo pegava muito troço, muita galinha, saco de arroz, saco de legume, aí fazia aquele leilão no sítio, aquela arrematação que faz ali fazia no sítio. Aí recolhia aquele dinheiro, trazia, pra no dia da apuração mostrá, apresentá o dinheiro. Tinha músico desde o começo da festa. Sabe o que é músico? [Sei]. Risada. Lá os nome é diferente, né? Num sei como é que é... Tinha muitas coisa, muita diversão, muito divertimento. Num tinha essa história de começa meia noite, que agora só começa meia noite, né... tem as barracas, mas a festa mesmo só se abre mesmo meia noite. É sem graça. Toda vida tinha as barracas, tinha a festa também, no meio da rua, muita barraca no meio da rua. Era bom. Vendia tudo que quisesse, de comida tinha tudo. Aí hoje também é difícil essas coisinha pouquinho, só bota só pra'culá, pra qui pr'esse lado num tem nada, de primeiro ficava tudo cheio de barraca. Umhas barraquinha de palha, outros que tinha condições comprava lona, fazia de lona. Hoje não, por que o povo também, mudou muito. Os mais velho morreram tudo, que era quem... desse povo mais velho agora só tem *Doutô Pedro*. Mas, ainda é bom.[E tinha leilão das galinhas?] Tinha.[O preço era alto?] Bem alto. [E tinha disputa de política?] Tinha não! Num tem nada com política não. Agora hoje tudo é com política, né, mas de primeiro num tinha não.*

Eu acho que era por isso que a festa era melhor, num tinha questão de política, você num era rica mas tinha condições de fazer arrematação, você podia entrar na sociedade e fazer aquela arrematação. Mas hoje você num pode, num pode entrar, por que o negócio é tudo é com política. Os político tem muito dinheiro, podem muito bem arrematar, os pobres num tem. É por isso que de primeiro a gente tinha mais direito, todo mundo podia se colocar numa banca daquela, tumava guaraná, tumava cerveja, tumava qualquer coisa, é só deixar o dinheiro. Hoje não, é só pros rico. Qual é os pobre que senta ali? Ninguém, só os rico. Só é quem pode disputa uma política com o outro é quem tem dinheiro. Cada qual tem mais dinheiro. De primeiro era melhor. [E os pobres, hoje em dia, participam aonde?] Em canto nenhum. Só nessas barraquinhas do lado de cá. [E a missa?] Missa, procissão, as novenas, pode ir todo mundo, na igreja cabe todo mundo, num tem esse negócio não. (...) Eu vou embora, nós já conversou muito. [Vai não... mas hoje a festa tem muita política?] Eu acho, você pode prestar atenção, a arrematação só é pros ricão, né. Este ano você venha você presta atenção, você vai ver que o que eu tô dizendo num é certo, arrematação é só pra ricão. Doutô José esse assim é que remata mais caro, pra presentear a outra turma. De primeiro num tinha isso não, arrematava pra si mesmo, quando garrava era pra uma pessoa, um colega pobre igual ao outro, num tinha essa especulação. João Grande, sabe quem é João Grande? Ele é que gritava o leilão, animava o mundo.... hoje tudo é diferente. A música tocava a noite todinha dentro do pavilhão, hoje não, bota só aquele som na frente da igreja, né, só aquilo ali. Era os músicos dentro do pavilhão, aí quando terminava de gritar, que a pessoa arrematava, aí eles tocavam alguma parte, uma coisa, aí pra poder começar arrematar outra coisa. Era muito animado, muito bom. [A senhora arrematava também?] Eu não, mas meus irmãos. Tinha tudo, num era só galinha não. Nos pavilhão do dia 19 tinha galinha, bolo, aqueles lombo, sabe o que é? Pois bem, essa coisa assim, só negócio de carne. Mas antes dava uns legume, nos sítios, bode, carneiro, garrote, muita coisa. Mas hoje o povo num tem mais quase nada. Só quem tem muito pra vender [é que dá as coisas para o leilão]. Aqui tem pegado muito ano de seca, pobre mesmo num cria mais. Num pode, só os fazendeiro.

Tal como as castas indianas descritas por Dumont (1997), os pobres da Catingueira e os ricos sabem muito bem qual é o seu lugar, onde e em que momentos devem participar. Sabem muito bem que o leilão *é só pra ricão*, e que se não se tem dinheiro pra gastar é melhor nem aparecer por lá. *O que que eu vou fazer ali? Eu num tenho dinheiro.* (Tiago, 19 anos, morador de Recife). Porém, apesar de não participarem concretamente no arremate das penosas os moradores da cidade considerados pobres ficam em pé, observando os *ricão* que comem, bebem e se divertem³⁶.

³⁶ Fico me perguntando, ao me lembrar daquela cena: porque este povo não vai pra outro lugar? Porque ficam parados, como se fossem cachorro magros a espera de um resto de comida pra comer? É fato, só ficam ali em pé as pessoas bem pobres, geralmente dos sítios, isso eu percebi pelas conversas que tive com eles, por não conhecer ninguém que estava alí em pé (afinal eu só conheci gente da cidade), e também pelas roupas. Os pobres da cidade, geralmente nem vão ao leilão. Ou ficam em casa, ou ficam andando pelas barracas, ou pela multidão, dançando na rua ou conversando com amigos, e bebendo. É como se eles protestassem contra o

O conceito de hierarquia dá conta de uma realidade complexa, marcada por um lado, pela distinção e por outro, pela complementaridade. Se no leilão estão separados os pobres dos ricos, os dois grupos formam um todo, o próprio leilão, que não seria o que é se não houvesse essa barreira de pobres em pé, em posição de observadores do espetáculo. Ao mesmo tempo em que o leilão separa, ele une.

Este mesmo conceito pode ser útil para pensarmos outros momentos da festa, como o fato de que até mesmo na igreja, lugar a princípio de todos, não pode ser por todos apropriado, já que é preciso ter roupa nova para ir à novena. A hierarquia aqui separa. Certa vez, no trabalho de campo do ano de 2000, visitei uma família que mora no alto na Serra da Catingueira. O pai desta família, disse-me que ele e sua família não tinham ido à festa nem um dia. Nem na novena, nem na procissão, nem nas barracas. Perguntando-lhe o porquê, disse-me um pouco acanhado que não tinha roupa nova para ele, nem pros meninos, nem para a mulher, e ir à missa de roupa usada é uma desonra para um pai de família. Além disso, não tinha dinheiro para comprar as coisas, para beber ou dar de brincar pros meninos. Por isso era melhor nem descer a serra, pra passar vontade, era melhor ficar lá em cima. O melhor é esquecer que a festa estava acontecendo. Casos como estes me foram muito relatados, adultos que quando crianças ficavam esperando a festa com muita ansiedade para ganhar o vestido novo e calçar os sapatos. E muitas vezes a vergonha de ter que ir à missa com o vestido do ano passado, ou mesmo deixar de ir à missa por que o vestido de festa já estava velho.

A gente ficava esperando chegar a festa para mãe fazer os vestidos para a gente. Nem sempre sobrava dinheiro pra comprar os panos todos e a gente tinha que ir com os vestidos repetidos, morrendo de vergonha. Mas nos anos bons eu ganhava três vestidos diferentes, para os três últimos dias, quando eu só ganhava um vestido novo, eu era discriminada. (Conceição, filha-ausente, moradora de Recife).

Dona Tereza também nos conta da mesma vergonha.

*Eu mesmo ano passado eu num fui não, tive vergonha, fui só na novena de noite, de manhã num fui não, que eu num pude comprar roupa pra mim e pras meninas. Este ano do retrado fui, ano passado num deu pra comprar. Aí eu também num fui, fui não... fui só na novena e vim embora pra casa. Por que elas ficam querendo andar de um canto pra outro, se for um canto que a pessoa nunca foi a pessoa vai de roupa velha e nem... mas num canto que a pessoa é acostumada **eu tenho vergonha**. Todo mundo já conhece, já sabe, “aí, espia, num*

leilão, é como se eles já estivessem *abusados* daquele teatrinho de poder, por que é assim que as pessoas da cidade falam do leilão.

comprou nem uma roupa, uma sandália”. Também num vou não, mas elas num aperreia, são pequena, quando é moça é que fica dando trabalho, quando é pequena dá muito trabalho não. [E este ano vai dar pra..?] Num sei, Deus é quem sabe. A gente começa o mês, comprá comida, aí você sabe é caro. Em Patos a gente ainda compra um kilo de feijão pelo 1 e 50, aqui é 2. Aí a gente faz a feira aqui tem que comprar de 2 real, aí com 180 real pra comprar roupa e calçado. Tem que comprá o cumê que é o principal. Sem cumê num vai viver (silêncio). Aí, às vezes o povo me ajuda, me dá roupa pra elas, me dá calçado. Me ajuda muito.

Na Catingueira percebo que a hierarquia faz seu corte fundamental levando em conta o aspecto econômico. Talvez estaríamos operando aqui no mesmo registro exposto por Shirley (1977:283):

Um notável metodista contou uma vez ao autor que a verdadeira divisão em Cunha, não era entre católicos e metodistas, mas sim entre ricos e pobres.

Pavilhão

III. 3. A penosa ruim: representação de uma Catingueira

As observações contidas neste tópico são fruto do trabalho de campo do ano de 2000. Optei por relatar o leilão usando o tempo verbal presente, apesar de se tratarem de fatos já ocorridos, uma vez que algumas observações ainda fazem sentido, embora a qualidade da galinha tenha mudado drasticamente.

Nos dias de maior movimento, ou seja, nos últimos dias de festa, geralmente nos dia 18 e 19, após a celebração da novena há o tradicional leilão. Nestes, os prêmios mais disputados são *as penosas*, ou seja, galinhas assadas. O valor efetivo das galinhas não chega a cinco reais. Além disso, elas são magras, já frias e sem tempero algum. Uma galinha destas, mal preparada, magra e fria chega a ser leiloada por mais de mil reais, e o mais interessante, é que aquele que paga pela galinha, geralmente não a come³⁷. O costume era oferecer a galinha para um *amigo*, que bem pode ser aquele contra quem se pretende disputar as próximas eleições municipais; aquele com quem se tem algum tipo de rivalidade; aquele com quem se deseja estabelecer relações com a família através do casamento; um irmão ou um parente. A essa pessoa chamarei *amigo-rival*³⁸.

³⁷ É possível arrematar galinhas para o consumo próprio, porém estas galinhas são as que adquirem os valores mais baixos. Interessa-me, neste momento, não este tipo de arremate, que seria comum a todos os leilões, mas o tipo de arremate que promove uma circulação de dons, característica da dádiva e que nos permite conhecer a sociedade catingueirense. Arremate através do qual vê-se toda a Catingueira, seja pelo caminho criado pelo movimento da galinha, seja pelo ambiente onde ela é oferecida ao santo ou ao *amigo-rival*.

³⁸ O *amigo rival* poderia ser pensado em paralelo ao *cunhado* de que fala Viveiros de Castro (2002). A relação de cunhadez seria aquilo que institui a sociedade ameríndia. Nas nossas sociedades, ao contrário, é a relação de fraternidade que condensaria nossa idéia de sociedade. Somos sociedade por que somos irmãos, e o que faz com que sejamos irmãos é a nossa semelhança, a nossa identidade. Nas sociedades estudadas por este autor o que institui o laço social, ou seja, o modelo da relação não é uma relação entre irmãos, uma relação de fraternidade, mas uma relação de cunhadez. Aqui o princípio é o da diferença, somos sociedade porque somos diferentes, a saber, você tem o que eu necessito/desejo e eu tenho o que você necessita/desejo: uma mulher, que em sendo sua irmã você não pode se casar com ela, mas que em sendo minha irmã você pode. Não sem antes disponibilizar a sua irmã para que, com ela, eu possa me casar. Aqui os termos principais são o cunhado e o irmão da mulher. Relação onde um dá o outro recebe, e um dá pra receber (a irmã). O essencial, a meu ver, seria não a quitação da dívida, mas a manutenção de uma relação de reciprocidade. O cunhado ou o sogro é sempre aquele a quem se deve favores. É aquele com quem se mantém uma relação tensa, até o momento em que os filhos de ego se casem e ele se transforme em sogro ou que sua irmã se case e ele se transforme em cunhado. Da troca de mulheres têm-se de um lado o cunhado, que vem nos falar de relação não simétricas e em conflito permanente. De outro lado: os irmãos, a fraternidade, a aliança, como seria, em linhas muito gerais, a temática geral de Levi-Strauss. A dádiva está presente em todos os dois lados, tanto nas relações onde predominam o conflito, quanto nas relações de aliança, mas é apropriada de maneira diferente pelos diferentes olhares sobre a sociedade.

Fazendo um paralelo entre o *amigo-rival* dos leilões da Catingueira e o *cunhado*, enquanto forma da relação nas sociedades ameríndias, temos:

Quando alguém oferece uma galinha, cujo dinheiro arrecadado vai para a igreja, a um amigo, ele estava dizendo, implicitamente, que é mais rico, mais poderoso a ponto de poder dar uma boa quantia em dinheiro por uma pobre galinha. Aquele que desiste do lance é considerado o perdedor, o mais fraco, o que no momento terá que aceitar das mãos do seu *amigo-rival* um presente, uma dádiva. E aceitar a galinha significa aceitar sua condição de inferior, de mais pobre. Por isso uma galinha ofertada não fica sem retribuição. Aqui temos um outro exemplo do triplo movimento que a dádiva requer: dar, receber e retribuir.

Na noite seguinte, ou mesmo na próxima galinha, é a vez daquele visitante que recebeu a dádiva, oferecer outra galinha para seu *amigo-rival*³⁹. E a galinha devia ser arrematada a um preço superior àquela que foi recebida. A fim de mostrar para toda a cidade que aquele que ontem era inferior não foi superado pelo seu amigo-rival, pelo contrário, agora era ele que estava em situação de vantagem. É assim, de certa forma, que se procedem, até hoje os leilões, e é ali que pode-se identificar os homens mais prestigiosos da cidade, aqueles a quem se deve chamar de *Doutô*.

Um dos assuntos mais freqüentes durante a festa é o valor das galinhas no leilão. Causa espanto e até mesmo indignação por parte, principalmente, dos turistas que estão na festa pela primeira vez, mas também por parte de pessoas já acostumadas com o alto preço das galinhas, este desperdício de dinheiro que o leilão opera. *Afinal, onde está a pobreza do nordeste brasileiro? Por que estes latifundiários não distribuem entre os miseráveis da região este dinheiro, ao invés de esbanjar desta maneira, se amostrando?* É estranho uma sociedade, onde, em determinados momentos, a generosidade é a regra máxima. Onde dar significa obter toda a espécie de poderes. Onde o acumular fortunas como sinônimo da riqueza é substituído, pelo menos momentaneamente, pela destruição das mesmas em benefício do outro, o que na verdade representa benefício próprio, na medida em que aquele

<i>Amigo rival</i>	<i>Cunhado</i>
Engloba amigos e inimigos	Engloba amigos e inimigos (no sentido de relações não amistosas e não no sentido de que todo cunhado é um inimigo, ou vice versa.)
Estabelece-se ela diferença de “status”	Estabelece-se pela diferença : poder ser o marido de quem eu não posso (minha irmã).
Apesar da diferença, são necessários reciprocamente, já que eu ofereço uma penosa para alguém e este me retribui noutro momento.	Apesar, e, sobretudo, em função da diferença, são necessários reciprocamente, é a troca de mulheres que torna possível a sociedade.

que dá mais é considerado o mais poderoso. Não importa o quanto a galinha seja ruim gustativamente, esta não vale por seu valor de mercado. Junto dela, existe, todo um universo de trocas que faz e dá sentido a festa da Catingueira, que neste momento poderia se chamar festa da reciprocidade.

Gostaria de reproduzir aqui um diálogo à respeito do leilão e da qualidade das galinhas que ouvi entre duas adolescentes, turistas, freqüentadoras da festa há alguns anos.

Sara: *Nunca vi galinha mais ruim que aquela!*

Luana: *Eu só como aquelas azeitonas, é uma briga por causa daquelas azeitoninhas que vem no prato da galinha!*

Sara: *É esquisito ver aquele povo botando dinheiro naquela galinha.*

Luana: *É para ajudar a igreja.*

Sara: *Eu acho que não, senão eles davam direto para a igreja.*

Sugiro pensar, como o faz Bakhtin (1987), o riso como elemento importante nas festas e na cultura popular. Ao promoverem uma visão de mundo diversa daquela oficial, as festas apresentam, ao contrário das paradas militares, que mostram as verdades, enquanto verdades oficiais, seriamente, banindo o riso para o reino do não-racional, os paradigmas festivos contemplam o alegre apresentado na forma de verdades carnavalizadas. Mas não trata-se aqui do riso irônico que se ausenta da risada, é um riso que ri de si mesmo. O riso que proponho estar presente na Catingueira é não uma gargalhada, mas um riso discreto, como não poderia deixar de ser, já que estamos falando de uma festa de igreja, e não de um carnaval. O riso faz-se presente na forma do grotesco, a penosa magra, feia, seca e fria. Quem, fora deste espetáculo, pagaria tão alto preço por tal iguaria? A penosa pouco vale, como pouco vale aquela população aos seus próprios olhos e aos olhos das classes de donos de terra ou dos turistas. É por isso que os filhos de Catingueira desejam ir-se, e quando não o fazem é geralmente porque não tiveram uma oportunidade. Territoriarizar-se na Catingueira, em tais condições, é no sentido de Deleuze e Guatarri, a morte. Debandar-se, ir para São Paulo, ou para qualquer outra cidade, é traçar linhas de fuga, potencializar a vida. Ficar é, em grande medida, aceitar que a vida nada lhes reservou, ou que se optou por nada ter, nada ser, nada fazer, a não ser esperar pela próxima festa, e com ela os turistas, a razão

³⁹ *Abter-se de dar, como abster-se de receber, é perder a dignidade - como abster-se de retribuir* (Mauss 1974b:111).

de ser do mundo parado que a Catingueira é aos olhos mais variados⁴⁰. É como se houvesse um pacto de desaprovação da cidade no qual todos os que se aproximam são incluídos. É pobre, é feio, é quente demais, cheia de moscas, é a cidade onde ninguém gostaria de morar, a não ser que não haja outro lugar para se ir. É a cidade de onde deve-se fugir enquanto há tempo, é a cidade que só deve ser visitada em janeiro, na festa, uma vez que fora deste período a cidade nada tem a oferecer. Insistentemente me perguntavam se eu gostava de estar lá⁴¹, insistentemente me perguntavam quando eu ia embora, e por que eu ainda não havia ido. Por que terminada a festa eu ainda estava lá? Este conjunto de perguntas apontam para a mesma questão: por que podendo ir, eu fiquei?

Sugiro pensar as galinhas oferecidas no leilão aos fazendeiros, comerciantes, ou seja, as classes dominantes da região como uma **representação**, um reflexo invertido e cômico da sociedade catingueirense, da relação entre pobres e ricos, da pobreza alarmante que assombra todo o Nordeste. Tal como os filhos das famílias de pequenos agricultores ou trabalhadores urbanos, a galinha seria magra. Tal como a vida cotidiana daqueles que tiveram poucas escolhas a fazer, a galinha seria sem gosto, insípida como o trabalho de todo dia. Tal como o campo quando a chuva tarda, a galinha seria feia e seca. A galinha magra, sem gosto, feia e seca, que representa a própria sociedade, é arrematada por aqueles que não vivem na pobreza. Aliás, os pobres nem são convidados a participar deste momento da festa, como já foi dito, aqui é o território dos que têm dinheiro para gastar. Vemos então o paradoxo: a sociedade ri de si mesma quando faz o rico comprar a pobreza a um preço exorbitante. É aquele que vive em constante abundância que compra a miséria. Desta forma, o leilão é ao mesmo tempo um mecanismo de afirmação do prestígio da classe

⁴⁰ Não posso deixar de mencionar que muitos não emigram justamente porque um outro elemento da família já o fizera, e isso é considerado suficiente. Ou seja, existem estratégias coletivas de emigração que combinam ir e ficar de acordo com a necessidade financeira familiar. Desta forma, é comum pais de família que trabalham longe de casa, muitos na Bahia e em Brasília, em empreitadas da construção civil durante um determinado período. Assim, mandam dinheiro para a família todo mês, o que permite que a família continue morando na cidade de origem. A emigração na Catingueira faz parte de uma estratégia, em grande medida, familiar. As histórias ouvidas nas entrevistas apontam sempre para um parente que tendo ido por primeiro foi recebendo aos poucos o resto da família, até que todos os irmãos e os pais deste núcleo familiar estivessem instalados na cidade grande. Shirley (1977:167) utiliza uma expressão interessante para definir a casa do primeiro familiar que migra para a cidade grande, o autor diz que esta casa servirá de *uma base de operações para os parentes*, que viriam da cidade de origem até formarem uma pequena colônia naquele bairro. *Durante os feriados importantes, amiúde, centenas de pessoas viriam dessas colônias do Vale do Paraíba para visitar os parentes e participar das festas*. Ele diz ainda que *O parentesco é de extrema importância ao discutir os padrões da migração rural-urbana, [por que] o extenso grupo familiar evidenciou mesmo em casos de rápida mobilidade horizontal ter ainda algumas funções de proteção e serviço mútuo*.

dominante, mas também e, `a despeito desta afirmação de poder e *status*, no leilão debocha-se dos ricos. O leilão explicita as relações de perversidade social que se estabeleceram naquela cidade, mas não de forma direta, utiliza-se de uma metáfora, a penosa magra, sem gosto, fria e seca. Mas não é só isso, o mecanismo metáfora utiliza-se do cômico como elemento fundamental. Os ricos nem imaginam que pagam tão caro para terem por algumas horas, o que os pobres têm com fartura o ano todo, a miséria. E o que eles imaginam? Segundo eles, estão contribuindo para a igreja, e ficam zangados quando alguém diz que só vão no leilão as pessoas que querem se *amostrar*. Corre solta pela cidade, na boca dos moradores e dos turistas a afirmação de que os ricos vão ao leilão para se gabar do seu dinheiro, entretanto pega mal comentar essas coisas na frente de pessoas que o fazem, por isso geralmente estes comentários são feitos a boca pequena. Acredito que, se pensarmos a galinha ruim como uma representação possível da sociedade catingueirense, a desigualdade social, a pobreza, a falta d'água, o desemprego, tudo isto poderia ser visto dramatizado em forma de leilão.

A miséria representada pela galinha tão disputada é abandonada por estes para ser comprada por aqueles que durante o ano têm os pratos cheios. Além disso, o pavilhão central (em frente a igreja onde são dispostas as mesas e um pequeno palco para shows) não é um lugar privilegiado da dança generalizada, do contato entre as pessoas. Quando a dança ocorre, geralmente já é tarde da noite. O modo de curtir a festa no pavilhão é ficar sentado, bebendo e comendo tira-gostos ou a própria galinha, conversando entre parentes ou iguais. As mesas são bem demarcadas e novamente, *cada macaco no seu galho* é o lema do local. Havia no ano de 2000 duas grandes mesas, uma da SAFIC – Sociedade dos Amigos e Filhos de Catingueira, e outra da ASFIC – Associação dos Filhos de Catingueira, que se mantiveram separadas, olhando-se de rabo de olho, de ouvido em pé no lance que alguém da mesa adversária oferecia nas galinhas. Este é, pois, o perfil da festa consagrada aos ricos: pouca dança, pouca comida, galinha magra. Em 2002, somente a ASFIC fez camisas, o outro grupo estava desintegrado, a razão apontada é que a SAFIC era encabeçada pelo antigo prefeito, que deixou a cidade com muitas dívidas, *devendo todo mundo*. O fato mesmo da SAFIC não ter se apresentado na festa de 2002 já é um indício do atual baixo prestígio do antigo prefeito.

⁴¹ Perguntas semelhantes foram feitas a Prado (1995:33).

Quando nos focalizamos nesta representação da sociedade enquanto uma galinha magra, seca e ruim, a festa poderia ter como finalidade colocar panos quentes nos conflitos que se apresentam em estado latente. É como se por alguns instantes, e a cada ano, a festa fosse capaz de apaziguar os ânimos, conservando em seus lugares os vários grupos que compõem aquela comunidade, como vemos configurado na delimitação espacial do *pavilhão* na festa da Catingueira. Vemos operação lógica semelhante em algumas análises do carnaval como ritual de inversão. Este funcionaria como válvula de escape utilizada pela população oprimida para que os dias de normalidade fossem garantidos⁴².

Minha análise estaria bem estabelecida se não fosse uma situação surpresa, um *imponderável do campo*, que veio desestabilizar o que eu considerava resolvido. A tal penosa ruim, sem gosto, sem sal, fria e seca havia se transformado drasticamente no leilão de 2002. Este é o tema do próximo subitem.

III. 4. A penosa gostosa: representação de uma outra Catingueira

É pobre o lugar, porque é pobre, mas é o lugar de se vivê. Todo mundo é bem, todo mundo tem compaixão. (...) A senhora me... também eu num sei se a senhora é de lá porque é capaz de eu tá lhe prejudicando... mas eu vô dizê a senhora: o lugar mais houmano que este nordeste num existe não. Lugar houmano. (Seu Antônio, Catingueirense, 79 anos, agricultor)

Na Catingueira, antigamente, os brindes dos leilões eram todos doados pela comunidade de fé para a igreja, ou melhor, para São Sebastião. As doações compreendiam bolos, comidas diversas, verduras, bebidas, animais. Ainda hoje é comum doar ao santo para serem leiloados bodes, cabras, e às vezes, bezerros. Doa-se também para a igreja, mas que neste momento assume a figura do padre, alimentos para serem consumidos pelos visitantes da cidade no período da festa e pelo próprio padre na casa paroquial⁴³. Mas, como já mencionei, o prêmio que tem mais saída nos leilões da Catingueira atualmente é, sem dúvida, a galinha assada, ou em termos bem locais, *a penosa*.

⁴² Ver, por exemplo, em Gallois (1991) à respeito de uma festa de *caxiri*, realizada por lideranças Waiãpi do Amapari e do Oiapoque.

⁴³ Ao final das novenas o padre anuncia as doações feitas. Vejamos um exemplo de anúncio das doações feitas para o consumo da casa paroquial: *Temos algumas doações aqui por estes dias. Maria dos Pires, ela mandou bode. Dica de Pedrinho, ela mandou uma grande feira de verduras e frutas. A Panificadora Pires, nas pessoas de Chico e Sônia, a presidente do Apostolado, está mandando bolo, pães todos os dias. Dona Flora, lá da Bahia ela mandou lasanha, mandou sorvete. Tânia Soares, a primeira dama, também mandou bolo. Pedro Salomão, galinha. Luis Ingino, mandou frango, mandou pato. (Padre).*

Inicialmente, as galinhas eram assadas nas casas de família, depois passaram a ser assadas na granja onde eram produzidas. De lá até o lugar do leilão, ocorria tempo suficiente para que a galinha ficasse fria, adquirindo aspecto pouco atrativo ao estômago. Entretanto, no ano de 2002, foi contratada uma churrascaria de Patos, que deveria assar, cortar e preparar as galinhas que iriam para as mesas. Por isso, e este fato foi comentado durante a festa, as galinhas estavam realmente gostosas, bem temperadas e quentes! Visualmente apetitosas, vinham acrescidas de azeitona, cebola e tomate, envoltas em papel celofane de variadas cores.

Minha surpresa (e tristeza) não podia ser maior. Com a outra galinha, estava tudo nos seus lugares. Como dar conta de tal mudança? Antes víamos que a galinha ruim se acoplava com justeza à representação da cidade, como um lugar ruim, pobre e feio. Agora vemos a galinha apetitosa que nada tem a ver com essa primeira representação da cidade. Confesso que não foi fácil me desvencilhar da minha antiga análise. Mas não havia outro modo. Foi assim que abri meus olhos para ver algo que sempre esteve lá, embora eu nunca tivesse visto: uma outra Catingueira.

Vemos aqui representada na galinha gostosa, bem temperada, quentinha e gorda uma outra Catingueira. Aquela que se esquece, mesmo que momentaneamente, da pobreza e da seca. Ah! A Catingueira da Serra; do verde que cobre a paisagem em janeiro; dos amigos de infância que lá ficaram; dos parentes mal conhecidos, mas sempre guardados no coração com carinho; do santo pequenino, *São Sebastiãozinho*. A Catingueira da *Banda Cabaçal*; de *Inácio*, prodigioso filho da terra; do Cruzeiro, da Cachoeira e da Furna. É assim que, de certa forma, Catingueira se esquece de si mesma para de si mesma se lembrar. A cidade enquanto representação de um lugar onde ninguém quer morar fica

guardada para outros momentos (guardada sim, mas nunca extirpada, ela está lá, apenas não aparece neste momento). Agora, Catingueira é um lugar que de tão bom faz as pessoas quererem voltar todo ano. E da qual se tem orgulho de dizer *eu sou filha natural de Catingueira!* (Dona Lulu) Sim, Catingueira é um lugar muito agradável, de onde nunca se sairia se as necessidades materiais não fossem de tão modo imperativas. *A vida aqui só é ruim quando não chove no chão*, por isso durante a festa a cidade fica repleta de gente *de fora*, geralmente *filhos-ausentes* ou filhos destes. E essa galinha, gostosa, que foi arrematada sem variações de preço se a comparamos com a galinha ruim do ano de 2000, representa esta outra Catingueira. Desta forma, se não importa o quanto a galinha seja ruim gustativamente, da mesma forma, não importa o quanto ela seja boa gustativamente. A galinha é boa para se pensar, seja na sua variação gorda e gostosa, seja na sua variação magra e ruim.

Isso nos leva a pensar que pode estar operando neste instante uma relação hierárquica. A Catingueira assume em certos momentos uma posição de destaque, de superioridade em relação as outras cidades. Em outro momento, a relação se inverte, Catingueira é pensada como o último lugar no mundo. A hierarquia não é, segundo Dumont, uma escala crescente, onde se situa o mais forte e o mais fraco ou o mais belo e o mais feio. A hierarquia é simplesmente situar elementos em relação a um todo. *A hierarquia, em princípio, é a atribuição de um lugar a cada elemento com relação ao conjunto.* (Dumont:1997:142-3). O interessante é que nenhum elemento está em posição fixa, mas pelo contrário, pode drasticamente mudar de posição, fato que decorre da tal *lógica do englobamento*, onde ao mesmo tempo o elemento é parte (é idêntico) e se distingue (se opõe) do todo. É assim que se Catingueira é por vezes associada a uma imagem de cidade quente, ruim, sem oportunidades de emprego, sem nada para se fazer; em outros momentos, esta mesma cidade é a representação do próprio paraíso. O que proponho aqui é pensar *as penosas*, elemento central na festa de São Sebastião, como intimamente associada a representações da cidade, seja aos olhos *de fora*, seja aos olhos *de dentro*.

Todavia, queria chamar a atenção para o fato de que foi uma churrascaria de Patos, outra cidade, introduzida no contexto da Catingueira que veio trazendo a galinha boa. Poderia pensar a churrascaria como um elemento exógeno trazido *de fora* para dentro sem

ter ligações com a cidade. Na mesma linha de pensamento, poderia dizer que este ano foi diferente, ou seja, este ano a galinha estava boa e o pavilhão muito bem decorado e arrumado, porque quem organizou a festa foi Josimar, provável futuro candidato a prefeito. O fato é que Josimar não é de Catingueira. De um lado tínhamos: Josimar/ galinha boa/ festa bem organizada/ gente *de fora*⁴⁴. De outro lado: galinha ruim/ festa pouco organizada/ gente da Catingueira. Para entender melhor a relação *fora/ dentro* e como ela pode ser vista a luz do conceito de hierarquia é que proponho o próximo capítulo.

Para finalizar, está implícita aqui uma idéia que deve se tornar mais evidente. Apenas uma festa observada, ou seja, a do ano de 2000 ou de 2002 não é suficiente para dar conta da realidade que pretendia estudar. Foi necessário estar presente em duas festas para poder construir um quadro mais fidedigno e menos reificado do leilão da Catingueira. À princípio, estive à beira de um colapso intelectual. Não queria aceitar que as coisas teriam mudado tanto. Como pode em apenas dois anos a penosa magra se transformar num super frango? Quis até passar por cima do óbvio, mas contei com o puxão de orelha seguro e sábio do meu orientador.

Isso nos faz pensar na dinâmica social e no quanto as sociedades estão em movimento. Ora, tudo isso é muito óbvio, afinal, *sociedades quentes* e *sociedades frias* é apenas a projeção de uma visão exterior, de um julgamento em relação a sociedades dos outros, com já explicou Levi-Strauss (1998, 1997) ... *a história nunca é a história, mas a história-pára* (1997:286). Na verdade, todas as sociedades são quentes, no sentido de que todas as estão no turbilhão da história, todas estão em mudanças. A Catingueira também, como não poderia deixar de ser. Só mesmo eu não queira ver esta mudança. Talvez por purismo, por querer e julgar que as coisas devessem continuar como eram contadas pela minha avó, para o meu simples e egoísta deleite saudosista. Talvez por incapacidade teórica e intelectual de compreender a vida que passa depressa e absoluta, sem pedir licença às nossas
teorias.

⁴⁴ Quero deixar claro que Josimar não é um filho ausente. Ele é *de fora* de maneira diferente, já que não nasceu na Catingueira. Tem estado muito na Catingueira, por que como me disseram gostou da cidade e ali comprou umas terras, assim ele entrou em contato com a cidade.

Capítulo 3: A Catingueira e o Mundo: Hierarquia

I. Os *de fora*: razão da Festa

“Flávia, aqui é o interior da Paraíba, é o fim do mundo. Sabe o que tem de bom aqui: você. Você que é de fora”. (Nanan, um filho-ausente.)

Quem faz a festa são os turistas. Desde o ano-novo a gente já fica pensando: quem será que vem este ano? (Um morador)

Se não fosse os visitantes a festa seria só a novena e o asteamento da bandeira. (Conceição, filha ausente)

Em uma roda de conversa, moças na faixa dos 20 anos, sentadas na calçada desde o anoitecer, conversavam até tarde da noite, por volta das 22:00H, quando quase todos já haviam se recolhido em suas casas. O assunto do qual se falava variava: temas da escola, *fofocas* da cidade, temas de família. Entretanto, um fato me chamou a atenção (e a elas também, como se verá), de momentos em momentos, algum comentário a respeito de algum fato acontecido na festa de São Sebastião era tecido. *Fernanda*, em determinado momento exclamou: *Oxê, mas a gente só fala da festa, em cada palavra tem ‘a festa’, ‘na festa’, a gente vai ficar falando disso até junho, no São João, aí a gente muda de assunto, a gente não tem nada pra falar...*” Houve uma risada comum a todas as meninas, como se se dessem conta de que frente a sua condição o riso poderia ser uma arma para suportar o tempo social considerado perdido, ou seja, o intervalo das festas. Para elas a festa é o momento onde namorar se torna mais interessante, uma vez que a cidade fica cheia de gente *de fora*⁴⁵. Gostaria de enfatizar que este tipo de comentário é comum entre as mais

⁴⁵ Gostaria aqui de fazer um comentário breve à respeito do trabalho de campo. A inserção neste tipo de rodas de conversa só me foi permitido pela minha condição de mulher. A um homem este espaço estaria fechado. Daí resulta a minha constatação de que não pude penetrar muitos aspectos da vida catingueirense pela minha condição feminina e isso me ficava evidente em certos momentos. O ideal (utópico, sem dúvida, nos dias de hoje) seria uma pesquisa de campo feita em conjunto por homens, mulheres, de faixas etárias diferentes, religiões diferentes, enfim. Assim, sem dúvida teríamos dados mais abrangentes sobre uma comunidade. Algo parecido com a pesquisa que resultou no livro de Donald Pierson, *A Cruz das Almas*. A condição feminina é um pertencimento explícito assim como a condição de *de fora*, *de turista* ou *jornalista*. (No início da pesquisa quando era chamada de jornalista eu fazia questão de marcar meu real pertencimento como antropóloga, porém ao fim vi que era inútil tal diferenciação de papéis e assumi, sem grandes complicações, o papel de jornalista). Por ser *de fora* eu gozava de uma certa liberdade não permitida às moças do lugar, por exemplo, certa vez esperando uma pessoa que se atrasara para irmos a uma comunidade rural para a celebração da Novena de São Sebastião, um grupinho feminino se formou de um lado e de outro um grupinho masculino. Eu estava junto com o grupo masculino, do qual fazia parte o padre, que havia me convidado para ir para o sítio neste dia. De uma lado eu era diferente por ser *de fora*, de outro, eu continuava sendo mulher. Mas ressalto, essa liberdade é apenas aparente e mesmo sendo *de fora* eu continuava sendo mulher. E duvido bastante que as conversas na minha ausência teriam sido as mesmas na minha presença.

variadas faixas etárias, escutei comentários que indicam a mesma alternância de ritmos sociais e a preponderância da festa sobre a vida ordinária, de senhoras, senhores, crianças e adultos⁴⁶. Algo parecido com a alternância de ritmos sociais na sociedade esquimó, descrita por Mauss (1974c). O autor trata a variação sazonal como um invariante, ou seja, em todas as sociedades existe um tempo destinado à concentração social, e é neste momento que acontecem as festas, os casamentos, as alianças; e outro tempo social destinado à dispersão, geralmente consagrado ao trabalho.

Ora, podíamos pensar então que a festa seria de tal importância para a Catingueira que ela viveria em função da mesma, como se o intervalo entre as festas marcasse uma faixa de ausência de relações, como se nada além dos dias de festa tivesse importância para a vida catingueirense. Mas não é bem a isso que desejo chegar, essa pode ser uma interpretação um tanto quanto inadequada, fruto da pressa em compreender esse universo, na qual eu mesma, inicialmente, tropecei.

O que pretendo dizer é que a festa ocupa um lugar importante na vida dos catingueirenses, mas isso se deve não tanto pela festa em si, mas sim, pelo que a festa traz consigo, o que ela proporciona. A festa, ou as festas,⁴⁷ são de tal ordem de importância porque trazem as pessoas *de fora*⁴⁸. Entre estas vê-se, primordialmente, aquele que se fora há muito tempo e conseguiu *enricar*; aquele que se fora a pouco, e que está enricando; e aquele que sendo filho de emigrados também traz os bens que marcam as pessoas de posse, que inclui carro, roupas específicas, um modo de falar e de se comportar. Mas não são os bens, sejam eles materiais ou não, que definem as pessoas com algumas posses. Na

⁴⁶ Apesar do tempo da festa ser esperado com ânsia e ser lembrado como um tempo bom, este não o é da mesma forma para todas as faixas etárias. Para as senhoras e senhores é tempo de rever os amigos de infância e juventude. Para as crianças é hora de brincar no parque de diversões que vem à cidade e comer cachorro quente na praça, para as moças e rapazes é o tempo de namorar (principalmente para as moças – não estou bem segura desta afirmação justamente pelos limites da pesquisa de campo levantados na nota precedente. Será que essa euforia possibilitada pela festa, dada pelo fato de namorar-se com mais frequência e com pessoas de fora, não se dá da mesma forma entre rapazes e moças? Posso dizer com certeza, que assim o é entre as moças, uma vez que estive em contato direto com elas; quanto aos rapazes, apesar de ter conhecido e mantido contato com alguns deles não me lembro de ter tocado neste assunto-). É também o tempo de se criar mecanismo de imigração (principalmente para os rapazes). Sobre os diferentes significados que a participação em eventos religiosos podem assumir de acordo com os diferentes atores ver Eade & Sallnow (1991), Steil (1996 e 2002).

⁴⁷ Aqui pensando a festa de São Sebastião, em janeiro, em primeiro lugar, e depois a festa de São João em junho.

⁴⁸ Há aqui uma visível contradição, pois se de um lado os *de dentro* fazem a festa, no limite, para encontrar os *de fora*, por outro lado os *de fora* vão a festa para se encontrar com os *de dentro*, também com os outros *de fora*, mas principalmente com os *de dentro*. Mais à frente esclarecerei este ponto.

definição de uma pessoa *mais ou menos*⁴⁹ o lugar de moradia é marca definitiva. Isso não por que alguém que more em Catingueira não possa ser considerado *mais ou menos*, mas antes por que quem mora fora, ou melhor e enfatizando, não mora em Catingueira é sempre tido como gente *mais ou menos*. Talvez por aqui seja possível compreender um fato que sempre me intrigou na Catingueira: o fato de os prefeitos e a grande maioria dos vereadores da cidade não morarem na Catingueira. Estas pessoas que, sem dúvida, ocupam posição de prestígio na cidade preferem residir em cidades próximas, como Patos, João Pessoa a até mesmo Recife⁵⁰. Este fato nos faz pensar na tese senso comum antropológica do “nativo etnocêntrico”. Na Catingueira, (pelo menos por enquanto, por que em breve um complicador será introduzido) o que vemos é justamente o contrário: é sempre o *de fora*, e não o *de dentro* que é considerado superior.

O lugar da residência é, pois, primordial para se definir o *status* de uma pessoa. E não é só pelos bens materiais que os *de fora* se distinguem, acredito até que isso não seja o mais importante, o mais importante é que os *de fora* possuem um conjunto de adjetivos e modos de ser e viver que os congrega em uma mesma categoria no imaginário catingueirense. Em assim sendo, a relação com os *de fora*, aqueles intrinsecamente assimilados a uma vida abundante nos sentidos mais amplos, realça a própria situação de miséria na qual se percebem os catingueirenses. E miséria, da mesma forma que a abundância, em vários sentidos. As moças pensam na carência de homens bonitos e

⁴⁹ Termo nativo para indicar, por exemplo, o prefeito, o padre, os donos das *budegas*, os donos de terras, os vereadores, a pesquisadora mesma, etc.. Como está evidente no termo *gente mais ou menos*, tem-se a clara noção de que estes, com os quais os catingueirenses têm contato e que podem mesmo ser catingueirenses, são gente que possuem posses, mas não são muito ricos. Podem até ser consideradas ricas, como *Doutô Pedro*, mas não se diz isso abertamente. Por que será? Porque só os totalmente *de fora* podem ser felizes? Só os *de fora* podem ter coisas boas? *Doutô Pedro* é sem dúvida rico, mas se diz que ele é *mais ou menos*. Todos com os quais eles têm contato são *mais ou menos*, mas sabe-se que existem pessoas realmente ricas, Silvio Santos, por exemplo. Mas ele não integra o raio de possíveis contatos, será por isso que ele pode ser considerado rico? Embora, durante a festa se diga que no leilão só tem ricão. A festa, como já disse, é um tempo especial, que deve ser entendida com suas particularidades.

⁵⁰ Entrevista com *Dona Terezinha* e seu marido, *Geraldo*.

F.P.: O outro prefeito num morava aqui né?

Geraldo: Morava nada...

Terezinha: O outro tinha uma casinha, assim, mas só vinha no fim de semana, morava mesmo em Patos, João Pessoa...

Geraldo: Ele morava em João Pessoa, ele agora tá morando em Patos, mas na época que ele era prefeito ele morava em João Pessoa. Vinha aqui, passava um dia, dois, e... já vai.

Terezinha: Pegava as verba, quando era tempo de pegá as verbas...(risos)

Geraldo: Somente.

interessantes para namorar⁵¹, mas também pensam, como as crianças e os pais das crianças, na carência de boas escolas e na necessidade de ir estudar em Patos. Os pais de família pensam na carência de empregos. As mães pensam na carência de oportunidades de trabalho, (*nem uma trouxa de roupa pra lavar se encontra neste lugar*, me reclamava Ana sempre que me via). Os famintos pensam na carência do alimento. Os jovens pensam na carência de perspectivas de trabalho, assim como na carência de atividades de lazer e diversão. Ou seja, a existência da Catingueira é pensada, pelos catingueirenses mesmos, e pelos *de fora*, em grande medida, em termos de carências.

Esta auto percepção dos catingueirenses marcada pelas carências várias é compartilhada pelos *de fora*, talvez pelo simples fato de que estes um dia também foram catingueirenses, ou são descendentes destes. Seria viável uma pesquisa que pudesse acompanhar a trajetória dos emigrados da Catingueira visando conhecer como se dá a integração ou não destes elementos na cidade grande. Como eles se vêem? A marca do nordestino ainda vigora mesmo quando este emigrado consegue subir na vida? Como ele é visto pelas pessoas *do sul*? São, ainda que bem sucedidos financeiramente, acometidos pelos preconceitos em torno da sua origem? Como a vida anterior, na Catingueira, onde a carência, nas suas mais variadas formas apresentava-se como determinante, é processada agora em um outro estilo de vida? E ainda, como os filhos dos catingueirenses pensam sua própria condição em relação à condição de seus pais?

É interessante notar uma sutil diferença de tratamento que aponta para essa diferenciação social que observei na cidade e pretendo mostrar neste trabalho: a quem se dirige o vocativo *Seu* e a quem se dirige o vocativo *Doutô*. *Seu* Além, *Seu* Agenor, *Seu* Dão, *Seu* Zé Preá, *Seu* João Brunet. O que há de comum entre estes personagens da cidade? Há de comum o fato de que todos moram na cidade, mesmo que já tenham morado fora como

⁵¹ Conforme descrito por Galvão (1955), há no interior da Amazônia, uma crença de que nas festas mais concorridas aparecem rapazes antes nunca vistos pela comunidade, que pelo charme e beleza seduzem as moças do lugar. Eles vestem-se de branco e dançam muito bem. Estes rapazes bonitos são, na verdade, botos. Podíamos fazer um paralelo brincalhão com a Catingueira. Também aqui há uma “magia” que envolve os rapazes *de fora*, causando até brigas com os rapazes moradores de Catingueira. O certo é que os últimos são sempre preteridos em relação aos primeiros. A única ocorrência policial da festa de 2002 foi uma briga entre rapazes *de fora* e rapazes *de dentro*, por causa de uma catingueirense. A comunidade quase em peso ficou do lado dos “botos”. Dizia-se que os rapazes de Catingueira eram muito estúpidos e atrasados. O ocorrido, que foi resolvido com a interferência do delegado, começou quando um rapaz de Catingueira deu um soco no rapaz de Goiânia. Motivo: a moça da cidade se recusou a dançar com um catingueirense e logo depois aceitou dançar com um rapaz *de fora*.

Seu Além; mesmo que tenham fazendas, origemem-se de famílias tradicionais, como *Seu João Brunet*; mesmo que ocupem lugares de prestígio, como o dono do cartório, *Seu Agenor*; mesmo sendo o próprio prefeito, como *Seu Dão*; todos estes são catingueirenses e moram na cidade⁵². De outro lado temos: *Doutô Pedro*, *Doutô José*, apesar de estabelecerem ligações fortes com a cidade, e mesmo possuírem residência na mesma, estes *doutô* não moram na cidade, apenas visitam a Catingueira. Seria ir longe demais dizer que o *seu* aproxima e o *doutô* distancia? Pensando no que as próprias palavras têm a nos dizer, o *seu* indicaria que, no limite, aquela pessoa pertenceria, no sentido de posse, à comunidade e a qualquer pessoa que dele venha a precisar. O vocativo *doutô* marca uma distância inconciliável, dado a princípio por uma distinção escolar, mas que a rompe e a expande para muito além da escola, indicando diferenças fundamentais entre aqueles a quem se chama de *doutô* e aquele que faz o chamado. De qualquer forma o *Seu*, em vindo do termo *Senhor*, é um tratamento ao qual as crianças são ensinadas a utilizar sempre que se trata de alguém mais velho, como sinal de respeito. Por isso, pode não indicar nenhum status mais tenaz além do respeito ao qual os mais velhos estão sujeitos nesta sociedade.

Assim sendo, acredito que os *de fora* concentram em si qualidades várias que o colocam em uma situação privilegiada nas relações com os catingueirenses. A festa aqui é tratada como um **meio privilegiado** para se observar a sociedade catingueirense. Ou seja, *a partir* da festa de São Sebastião, e como não poderia deixar de ser, contemplando a religião, espero estar apontando as zonas de constituição de subjetividade, para o que dá ao catingueirense a sua singularidade. Mesmo que esta só seja pensada em relação aos *de fora*, que no limite, também é um catingueirense, pelo fato de já o tê-lo sido. A festa é como um drama representado pelos catingueirenses *de dentro* e *de fora*, não importa. O que ela torna explícito é a própria condição sertaneja. De carências objetivas já tenho falado, mas as carências catingueirenses são diversas: são carências subjetivas, de relações sociais, de sombra, de livros e escolas.

Embora, não queira separar os moradores da cidade e os que vem participar da festa como duas categorias independentes, é importante dizer destas categorias. Elas não se

⁵² Quanto ao prefeito tenho a dizer que *Seu Dão* é sem dúvida um prefeito atípico, como falei, ele mora na cidade (quando a grande maioria dos prefeitos sempre morou em Patos, ou mesmo em João Pessoa e Recife). É considerado um homem do povo, a primeira coisa que me contaram sobre ele era que ele não tinha estudos,

apresentam, de forma alguma como internamente homogêneas, elas se distinguem abertamente através de um pertencimento determinado: lugar de moradia. O desafio seria compreender como as relações entre estes dois grandes grupos se dão, apontando para a compreensão dos territórios existenciais construídos pelos catingueirenses através da relação com os *de fora*, em um período determinado.

Quero dizer que a festa é importante, sim. As pessoas vivem, em grande medida, da memória das festas, principalmente de São Sebastião, mas também da festa de São João. Mas o que essa predominância das festas pode estar nos revelando é a falta de perspectivas para os habitantes da Catingueira, a miséria, nos mais amplos sentidos. O que vem *de fora* traz consigo a possibilidade de incrementar aquele universo social, dando-lhe sentido, uma vez que entregue a si mesma e a sua própria gente, a Catingueira se vê e é vista, como um lugar do qual há necessidade de ir-se embora.

Entretanto, um fato persiste sem resposta: como explicar, apesar desta pobreza auto referida e explicitada pelos *de fora*, o amor por aquela terra? O amor por aquela pequena cidade cravada aos pés da Serra, o amor à terra de onde mal se tira o sustento, o amor pela chuva que cobre a terra seca? O que leva aqueles que já não moram lá, e que são moradores da cidade grande, voltarem todos os anos a sua cidade natal para celebrar a festa? Por que é preciso deslocar-se até a Catingueira para fazer a festa? É *Dona Terezinha* quem nos fala deste amor quando tentávamos entender essa grande volta à terra natal nos dias de festa:

É, é a tradição dos mais velho, como se diz, dos avós. Ainda hoje tava falando pr'esse menino aí. Ele disse: "Mãe, eu podia tá nos Estados Unido, quando fosse no dia 10 de janeiro eu vinha do mesmo jeito". É a tradição minha filha, por que às vezes, os pais tem aquele amor, né? Aí os filhos fica do mesmo jeito. Eu mesmo, Deus me livre, a festa de São Sebastião pra mim é tudo. Muito embora que eu não vá todas as noites, mas de casa eu tô assistindo, pra mim é tudo.

Algumas perguntas permanecem no ar: por que não fazer a festa dos nordestinos da Catingueira no seu lugar atual de moradia? Como entender o movimento, feito por alguns *filhos-ausentes*, de ir à festa todos os anos? Como entender o amor, tão exaltado, dos turistas pelas belezas naturais da cidade, as suas características naturais: a Serra da Catingueira? Ao verde depois das chuvas? Como entender a lágrima nos olhos dos *filhos-ausentes* quando a Banda Cabaçal começa a tocar? Por hora, direi apenas que estes *filhos-*

mas que era muito bom para o povo, e que o povo gostava muito dele, justamente por que ele era simples e

ausentes vêm em busca da Catingueira, do contato com a cidade, principalmente do contato com as gentes de Catingueira. Se a festa de um lado é exaltada pelos *de dentro* como o momento de se encontrar com os *de fora*, a mesma relação ocorre do lado inverso: os *de fora* vêm para Catingueira para se encontrar com os *de dentro*. Esperam com este movimento reencontrar-se com suas “raízes”, buscando rever os conhecidos e parentes, os amigos e as paisagens da infância ou adolescência. Tudo bem que a Catingueira seja tida como um lugar horrível, afinal, moscas, falta d’água, calor, pobreza não são exatamente o que se busca quando se está de férias. Mas se é só isso, por que voltar? Espero em breve responder a estas questões, pelo menos tentativamente.

I. 1. Mas que fora é este?

O mundo não se divide entre gente pobre e gente *mais ou menos*. Há ainda as pessoas ricas, com os quais a Catingueira não tem contato cotidiano. Ou seja, os catingueirenses têm a percepção de que seu mundo não reduz o mundo. Eles têm a clara idéia de que a Catingueira não está no centro do mundo, complexificando a tese de Levi-Strauss em *Raça e História* de que todos os povos seriam essencialmente etnocêntricos⁵³. Eles são na medida em que se abrem para o exterior. Os *de dentro* se definem pelos *de fora*, e os *de fora*, em alguns momentos (principalmente durante a festa) se definem pelos *de dentro*. Portanto, a Catingueira não é um território fechado nos seus limites, ela se abre e se faz abarcando Recife, Rio, São Paulo, Brasília, João Pessoa, Londres, e quantas outras cidades for possível ter contato direto, ou seja, onde quer que esteja morando um filho ausente. A sua miséria e a necessidade de emigrar é justamente o que dá esta abertura para o mundo, essa necessidade do outro para se estabelecer. Na medida em que, o que antes era outro pode torna-se eu. Mas a miséria internamente pensada e explicitada para o turista é que proporciona a busca pelo novo e daí o diálogo entre o sertão e o mundo. Longe das

humilde e tratava os pobres como gente.

⁵³ *A humanidade acaba nas fronteiras da tribo, do grupo lingüístico, por vezes mesmo, da aldeia; a tal ponto que um grande número de populações ditas primitivas se designam por um nome que significa os “homens” (ou por vezes, - digamos com mais discrição – os “bons”, os “excelentes”, os “perfeitos”), implicando assim que as outras tribos, grupos ou aldeias não participem das virtudes – ou mesmo da natureza – humana, mas são, quando muito, compostos por “maus”, “perversos”, “macacos de terra”, ou “ovos de piolho”. Chegando-se mesmo, a maior parte das vezes, a privar o estrangeiro deste último grau de realidade fazendo dele um “fantasma” ou uma “aparição.* (Levi-Strauss 1952: 21-22).

teorias que apontam o homem como um ser essencialmente preocupado com o seu umbigo, o que teríamos aqui é a exaltação do outro, do diferente, como complemento necessário para si próprio. Atitude muito próxima daquela descrita por Viveiros de Castro e Cunha (s/d) dos índios Tupinambá em virtude dos primeiros contatos com os missionários, onde a fé católica tão logo era exposta, tão logo era abraçada. A carência, aqui, é vista como uma positividade, justamente por que permite o englobamento do outro.

Mas que exterior é esse? Que mundo é esse? Basta ser *de fora* para ser requerido e querido?

Ora, se a Catingueira é uma abertura para o mundo e se interessa em última medida pelo que não é ela, o que dizer da não incorporação de *Doutô Jone*? Por que a insistência em afirmar sua não autoridade em exercer cargo tão prestigiado? Por que correm boatos de que ele não é médico e sim um *estagiário de médico*? Por que as várias fofocas em torno do exercício da sua profissão? Boatos de que ele teria dado remédio errado para um criança causando-lhe a morte; que teria tratado mal algumas pessoas; ou que tratava as mulheres com um carinho considerado excessivo.

Se com a festa fica evidente a curiosidade e o amor pelo que vem *de fora*, neste caso fica claro que este fora tem um limite, ou melhor, que este fora não engloba tudo o que é *de fora*, só por ser *de fora*. Não é tudo o que é *de fora* que é bem visto e querido pela comunidade. Há os que se quer incorporar e os que se deseja afastar, ou pelo menos, distanciar. Neste caso, afastar ou excluir seria as palavras exatas, afinal o que se esperava ao alardear os tais boatos de que *Doutô Jone* não é médico formado, era a expulsão dele da cidade e a contratação de um outro médico que atendesse melhor aos padrões do mundo exterior, aquele que fosse bem visto pelos *de dentro*. Ora, o mundo *de fora* não é homogêneo visto pelos olhos catingueirenses, há vários mundos do lado *de fora*. Se aqui o *de fora* tivesse valor intrínseco pelo simples fato de ser *de fora* *Doutô Jone* seria considerado um homem de alto prestígio na cidade, uma vez que representa o Outro em uma versão bastante outra daquela dos catingueirenses. Mas pelo contrário, o que temos aqui é a explicitação de um padrão aceito, onde a cor de pele negra está excluída por princípio, mesmo que este mesmo sujeito comporte outros pertencimentos prestigiosos como o fato de ser médico. Assim como também a *fala enrolada* do médico aponta para uma outra causa da sua exclusão. Mas não estou bem certa de que esta *fala enrolada*,

simplesmente por ser de um estrangeiro cause esta exclusão⁵⁴. Penso antes que a origem do estrangeiro conta mais que a própria fala. *Doutô Jone* veio da África, e nas classificações dos catingueirenses a África é ainda pior que a Catingueira. Portanto, este mundo *de fora* não abarca todo o mundo, ele se restringe ao que é considerado melhor que o próprio mundo. E assim, vemos que a percepção da cidade sobre si mesma enquanto um lugar pobre sofre variações quando se pensa por exemplo na África, um lugar considerado ainda mais miserável.

Certa vez, durante os dias de festa, estava sentada na mesa de um bar. Ouvi o seguinte comentário quando *Doutô Jone* aproximava-se: *Isso lá é roupa de médico? Parece um carregador de caminhão. (Doutô José)*. O médico trajava uma camisa estampada de seda, com alguns motivos africanos discretos. Uma calça marrom de brim. Sapatos cor caqui bem engraxados. Vestia cinto e tinha a camisa para dentro das calças. Ou seja, ele se vestia com distinção, numa cidade em que só se anda de calças compridas quando se está no trabalho ou quando se vai à Igreja. Não usava branco. Acredito que o que suscitou a observação degradante foi a camisa de motivos africanos que o médico usava, uma vez que esta peça do seu vestuário o remetia diretamente ao seu lugar social considerado inferior por aquela comunidade.

Otávio Velho (1995), no texto “O cativo da Besta-Fera” lança-nos uma sugestão que acredito bastante profícua: a insistência do racismo poderia ser vista à luz da assimilação do preto a uma figura do mal, e por conseguinte ao cativo. O cativo está associado primeiramente à imagem da escravidão, e em seguida une-se às imagens do preto, da mulher e do mau-olhado como encarnações do mal enquanto reminiscências do cativo. O mal, em sendo o preto ou o pobre de outras regiões, habita no meio dos *libertos*, ou seja, os habitantes da cidade e os que se consideram brancos⁵⁵. Mas esse

⁵⁴ Já que sotaques diferentes são geralmente considerados bonitos. Muitas vezes me disseram que eu falava muito diferente e bonito e outras vezes as pessoas pediam para que eu falasse com elas só para ouvirem meu sotaque. Isso não acontece só comigo, como também com outros turistas. É fato que minha língua materna é o português assim como a dos outros turistas, ao passo que a língua materna de *Doutô Jone* não é português. Mas mesmo assim acredito que não se trata aqui de uma questão de sotaque e sim uma questão mais ampla que envolve como um todo a pessoa que possui tal sotaque. Esta é apenas uma intuição gestada no campo, para ter certeza disso seria preciso que um outro estrangeiro fizesse morada nesta pequena cidade, como por exemplo, um norte-americano ou europeu, e observar se o sotaque, a dificuldade com a língua portuguesa o remetia para o mesmo lugar ocupado pelo médico negro vindo da África.

⁵⁵ Certa vez fizemos uma subida à Serra da Catingueira em um grupo de 9 pessoas, nos encontrando com outro grupo de 5 pessoas lá no alto, no Cruzeiro de São Sebastião. Do cruzeiro seguimos até a cachoeira da Mãe Luzia, uma cachoeira que forma, antes da pequena queda, um bom poço para se tomar banho. Entre as

contato pode ser tido como pernicioso. O preto pode misturar-se ainda mais, por exemplo, através da miscigenação. O pobre de longe pode ganhar os benefícios que a princípio estariam destinados aos pobres do lugar. Instalando-se assim o próprio mal dentro da comunidade.

Narro um episódio de campo para tentar lançar luzes sobre este tópico. Estando na casa de *Dona Aparecida*, mãe do padre, uma mulher maltrapilha com um grande saco na mão pediu pela janela *uma esmola pelo amor de Deus*. *Dona Aparecida* se levantou com dificuldade típica da idade avançada, foi até a cozinha e trouxe um cabacinha de arroz da terra, despejando o mantimento em outro saco menor que a pedinte trazia. Após receber o *Deus abençoa a senhora* e o agradecimento em nome de vários santos, *Dona Aparecida* contou-me que sua *cumadre Dona Cleuza* (mulher do já citado *Doutô Pedro*, ex prefeita, e atual vice-prefeita da cidade) não dava esmola para as pessoas *de fora*. Se batesse alguém na casa dela pedindo qualquer coisa ela mandava voltar para sua cidade, que ali só se dava aos filhos de Catingueira. *Dona Aparecida* continuou me contando que os pobres da Catingueira eram *acomodados*, nunca pediam nada, preferiam passar necessidade que pedir alguma coisa para alguém. Eu perguntei se tal atitude se devia à vergonha de pedir, ao que ela me respondeu: *Por certo, né?!⁵⁶* Espero que este episódio sirva para alargar o conceito trabalhado aqui de *outro*. O outro não é apenas um. Existem vários outros e à cada qual, a Catingueira lhes reserva o que considera o seu torrão devido.

pessoas do grupo estava Cecília, uma moça negra. O comentário de que o cabelo de Cecília não molhava era motivo de cochichos e risadinhas maldosas, e isso justamente por ser cabelo *de nêgo*. Em determinado momento, um rapaz disse um insulto a Cecília, terminando com as seguintes palavras: *negal!*. Ao dizer estas palavras ele olhou para todos nós como se pedisse apoio, se dando conta de que suas palavras teriam sido duras demais. Cecília retrucou dizendo: *Melhor ser preta do que não ter cor, tu num tem cor, tu é pardo*. Outro exemplo deste racismo declarado (e que não poderei deixar de dizer chocante) com o qual me deparei na Catingueira foi o seguinte comentário: *Ô princesa Izabel danada, se ela não tivesse feito aquela besteira...(Douto José)*, na ocasião do baile do dia 10, na abertura da festa de São Sebastião, ao dançar extravagante de uma senhora negra.

⁵⁶ Este fato se deu exatamente na hora em que conversávamos sobre a pobreza e sobre os pobres. Logo depois que a mulher pedinte foi embora continuamos conversando conforme descrevi acima. Em seguida outra pessoa chamou pela janela, desta vez um senhor, morador dos sítios que acabara de receber sua aposentadoria, perguntava se ali era mesmo a casa do padre. Tirou R\$10,00 do pequeno bolo de dinheiro que recebera nos Correios, dizendo o seguinte: *Ôi, isso aqui é pras alma, pros pobre. Na televisão lá em casa eu vejo aqueles pobrezinho da África morrendo de fome e as pessoas dando, se eu morasse lá eu ia dá também*. Disse ainda que no mês passado ele tinha dado o dinheiro lá na igreja mesmo. *Dona Aparecida* perguntou: *Pra quem?* Disse que tinha entregado para uma moça, ao que a mãe do padre recomendou que todo mês ele desse só a ela, que ela com certeza entregaria ao padre. Disse ainda que tinha falado com seu filho, – *Dona Aparecida* não chama ao filho de *Padre*, para fazer-lhe um carnê de dízimo, já que todo mês ele dava aquele dinheirinho.

Estaríamos diante de permissões típicas da festa? Afinal, *Doutô Jone* faz parte da vida ordinária, não chegou durante uma festa, e nem ao menos participa da mesma, uma vez que é da Assembléia de Deus. Estaríamos diante de dois códigos diferentes: o da festa, onde o englobamento entre em vigor, e o código do cotidiano, que reforçaria as hierarquias e as distâncias sociais - ? No entanto, durante os leilões vê-se uma espécie de crítica aos *filhos-ausentes amostrados*, ou seja, aqueles que arrematam as galinhas aos preços mais exorbitantes, tanto por parte dos moradores da cidade, tanto por parte de alguns *filhos-ausentes* e turistas. Assim, fica claro que mesmo em momentos de festa o filho ausente pode ter seu papel de preponderância revisto.

Portanto, se estamos próximos da frase de Oswald de Andrade, (inspirada e inspiradora da Semana de Arte Moderna no Brasil em 1922), *só o que é o outro me interessa*, por outro lado esta noção de outro deve ser alargada. Podíamos pensar que os outros em sendo os pobres que moram perto não são considerados outros, uma vez que estão muito próximos de uma imagem (não a única) que se tem de si mesmo, imagem da qual se quer distanciar. Imagem que se casa muito bem com a galinha magra, feia, seca e sem gosto do leilão analisado anteriormente.

Tendo dito que o *de fora* não é sempre tratado da mesma maneira, ou seja, que existem vários *foras*, espero não ter dado a impressão de que a categoria *dentro/fora* deva ser abandonada. Pelo contrário, acredito ser essa uma boa chave para se entender a Catingueira. O fato é que o *de fora* pode adquirir valor hierárquico variado. E isso vai de encontro à tese sobre hierarquia de Louis Dumont.

Este acontecimento do campo, além de outros aspectos interessantes que ressaltai, lança alguma luz sobre como a África é percebida pelos catingueirenses.

II. Catingueira: eu te amo e te odeio!

*Tenho pena de deixar
A Serra da Catingueira,
A fazenda Bela Vista,
A maior desta Ribeira,
O riacho do Poção,
As quebradas do Teixeira. (Inácio da Catingueira)*

Tudo que eu quero na vida e ir embora daqui (um morador).

Faz-se necessário, neste momento, um maior esclarecimento teórico do que vem a ser **hierarquia**. Será este nosso objetivo agora, para mais tarde entender em que medida hierarquia é um bom conceito para trabalhar os dados da Catingueira. Quero pensar a teoria como uma farta caixa de ferramentas, segundo os termos de Deleuze. De uma caixa de ferramentas não se tira tudo, mas somente o que vai ser útil para trabalhar o que me proponho. Do contrário, corre-se um grande risco de tentar consertar um brinquedo de plástico com um furadeira, ou de querer cavar um buraco com um martelo. Assim, se não compro toda a idéia de Louis Dumont isso se faz em conformidade com esta escolha teórica e prática de como lidar com a teoria.

Utilizo-me da organização teórica de exposição da mesma noção feita por L. F. Duarte (1986: 40-41). De acordo com este autor a noção de hierarquia não pode ser compreendida sem se levar em conta três elementos que serão enumerados abaixo:

- 1) A teoria da hierarquia substitui a lógica distintiva linear simples oriunda da tradição aristotélica e propõe em seu lugar a *lógica do englobamento*, onde ao mesmo tempo o elemento é parte (é idêntico) e se distingue (se opõe) do todo.

Essa relação hierárquica é muito geralmente aquela que existe entre um todo (ou um conjunto) e um elemento desse todo (ou desse conjunto): o elemento faz parte do conjunto, é-lhe nesse sentido consubstancial ou idêntico, e, ao mesmo tempo, se distingue ou se opõe a ele. É o que designo pela expressão “englobamento do contrário”. (Dumont 1997:370).

- 2) O modelo é necessariamente bidimensional, isso equivale a dizer que *a hierarquia supõe a distinção de (dois) níveis*. (*ibid.*,373) Em um nível superior há unidade, e em um nível inferior o que temos é distinção, ou ainda, complementaridade em um nível e no outro contradição.

A idéia central tirada do englobamento do contrário (1) e da lógica de níveis (2) é que existe uma unidade mínima de totalidade lógica ou significativa, uma **totalidade**, que se funda na coexistência entre dois opostos. *O conjunto está fundado na coexistência necessária e hierarquizada de dois opostos.* (ibid.,94)

O interessante é perceber que a identidade e a contradição se dão concomitantemente no interior de uma totalidade, pressuposto que vai contra os princípios aristotélicos de contradição e identidade, quando diz que algo pode, ao mesmo tempo, ser e não ser. Dumont dá como exemplo clássico o mito bíblico de Adão e Eva. Em um nível superior os dois são idênticos, uma vez que representam a humanidade, em um nível inferior eles são diferenciados ou mesmo opostos, Adão representa o homem e Eva a mulher.(ibid.,370)

Essa totalidade está ligada ao pressuposto de Dumont (endossando neste momento Parsons) de que *todo sistema social é comandado em primeiro lugar pelo sistema de que faz parte* (ibid.,374). O englobamento do contrário pode ser entendido como uma *orientação para o conjunto* (ibid.,375). Mas, sem nunca se esquecer que *é o todo que comanda as partes, e esse todo é concebido, muito rigorosamente, como fundado num oposição.*(ibid.,95)

3) Entretanto, esta totalidade não deve ser entendida como uma substância, uma vez que o esquema comporta as tais *inversões hierárquicas*, a saber, o que é superior em um nível pode ser inferior no outro.

No esquema hierárquico, ao contrário, a totalidade preexiste e não existe substância. O que importa para nossa compreensão é que, dos dois lados, existem dois níveis, um dos quais transcende o outro.(ibid.,372-3)

A dimensão do valor é, pois, essencial para a relação hierárquica.

*Dado que afirmamos uma relação de superior com inferior, é preciso que nos habituemos a especificar em que nível essa relação hierárquica se situa. Ela não pode ser verdadeira de uma ponta à outra da experiência (apenas as hierarquias artificiais têm essa pretensão), porque isso seria negar a própria dimensão hierárquica, que quer que as situações sejam distinguidas pelo valor. A **hierarquia abre, assim, a possibilidade do retorno: aquilo que era superior num nível superior pode se tornar inferior num nível inferior.** É assim que a esquerda pode se tornar a direita naquilo que se chamaria de “situação esquerda”, anima que, na complementaridade complexa que as une, as duas*

metades possam aparecer alternadamente cada uma como superior e inferior. (ibid.,373-4) Grifo meu.

Valor e situação devem ser entendidas em conjunto já que *qualquer identidade só é em função do “nível” em que se encontra no interior de uma “totalidade”(qualificada diferencialmente por um “valor”) e em função de uma “situação” em que se faz operar* (Duarte 1986:43).

Este aspecto da hierarquia nos permite ver o mundo de uma maneira mais flexível e menos ortodoxa, já que parte do princípio e...e e não ou...ou, onde uma explicação necessariamente exclui a outra, de que nos fala Mauss, Deleuze e Guatarri, Sanchis, Perez e outros autores.

Pensemos agora, de maneira resumida, a Catingueira em relação à hierarquia. Há momentos em que o conceito citado me parece útil para compreender o que se passa.

No leilão, gente *de fora* e pobres/gente *de dentro* compõem uma totalidade onde ao mesmo tempo são parte da festa, e se distinguem enquanto pobres e ricos, enquanto observadores e arrematadores de prendas. Nele todos estão presentes, ou seja, em determinado nível se completam. Mas não estão presentes de qualquer forma. Os pobres estão em pé, não participam do espetáculo e os ricos sentados, arrematam as prendas. Neste nível inferior eles se distinguem. Aqui todos conhecem o seu lugar, o *ricão* senta na mesa, o *pobrinho* ou fica em casa ou fica em pé olhando. Neste momento, hierarquicamente os que se sentam às mesas, ou seja, os *de fora*, estão em posição hierárquica superior em relação ao todo e a sua outra parte (os *de dentro*).

Entretanto, se neste nível o que é *de fora* é superior, em outro é o inferior, como no caso de *Doutô Jone*. Repare que, ele e o *Doutô Fernando* exercem a mesma profissão de médicos, são ambos *de fora*, mas possuem *status* completamente diferentes frente à comunidade.

A totalidade poderia ser pensada como a festa, lugar onde o *de fora* e o *de dentro* conversam. Porém, se de um lado eles se completam por que fazem a festa, de outro lado, eles se distinguem, hierarquicamente. Podemos observar esta relação hierárquica dentro – fora na necessidade e no desejo de ir embora e ao mesmo tempo no desejo de voltar sempre para a festa. A cidade é muito depreciada aos olhos dos Catingueirenses e dos visitantes quando conversamos sobre oportunidades de vida, de trabalho, de estudo, de lazer. De outro lado e isso não pode ser negligenciado, a cidade é exaltada como um lugar calmo,

bom de se viver, onde as pessoas são alegres. Também a terra verdinha, a chuva, e principalmente a festa fazem a cidade ser uma cidade interessante. Desta forma, não estamos frente a uma contradição, mas uma simples relação típica da hierarquia.

De acordo com Dumont a hierarquia é uma relação de englobamento do contrário e não uma escala linear de dignidade decrescente. Isso posto, *a hierarquia abre, assim, a possibilidade do retorno: aquilo que era superior num nível superior pode ser tornar inferior num nível inferior.* (ibid, 374). Encontramos aqui um farol para compreender de um lado, o lugar de prestígio reservado ao que vem *de fora* para a festa, juntamente com o desprezo das gentes e das coisas da cidade, e ao mesmo tempo o amor pela cidade e a necessidade de voltar-se à Catingueira todos os anos. Da mesma forma, assim podemos entender o lugar de *Doutô Jone*, e de outras pessoas *de fora* que não são bem vistas na cidade como *Letícia*, atual namorada de *Doutô José*.

Essa inversão de valores, onde o *de fora* assume posição inferior, pode ser explicitada na fala de *Dona Raimunda*, que critica o comportamento de *Letícia* em relação a um *filho natural de Catingueira*.

Aí ela gritou de cima do carro: “Zé Melado, arruma as mala e vai embora!”. Fazendo a maior crítica. Aí eu cheguei e parei o carro. “Pare esse carro aí por favor. Minha fia, venha cá. Você está soltando esse pirela com Zé Melado, meu sobrinho, é? Olhe, ele perdeu [as eleições]... Olhe é o seguinte, quem tem que arrumá as mala daqui de Catingueira é você, que você num é nada daqui de Catingueira. Você apenas vive com Celso, agora eu num lhe considero não. Eu podia te considerá se você fosse a esposa dele. Agora você vim dizer que meu sobrinho arrume as mala e vá embora...” E disse um bucado de coisa com ela, e nunca mais ela abriu a boca pra falar comigo... eu tenho pavor a ela. Por que ela num podia dizer isso não, que meu sobrinho é filho de Catingueira, ele num podia ir embora que ele tava na terra dele, ué. Mas ela tava pensando que eu levava recado pra casa...

No mesmo sentido temos *Seu Antônio*, marido de *Dona Cícera* que nos conta de um período em que trabalhou no *Sul*, que para ele não tem nada de maravilha:

Eu só trabalhei seis meses e vim embora. Eu quero lá sabé... aquilo lá é lugar de gente nada. O lugar que dá mais assaltante, ladrão e gente ruim. Isso é o que dá no Sul. (...) Isso lá é terra de gente? Terra mio de se vivê que este nosso nordeste não existe no mundo! É pobre o lugar, porque é pobre, mas é o lugar de se vivê. Todo mundo é bem, todo mundo tem compaixão. Aqui mesmo, eu adoço aqui agora, agora, o povo teve aqui e eu teja sofrendo com alguma coisa. Eu dou uma vortá na cidade, daqui um pedaço é tanto troço aqui que camarada num cabe. Cabra adoça no sul rapidinho pro diabo num levá ele de... até um resto de comê. Como eu vi muita gente lá. Chegá pidi, fila de gente, monte, chega, pidi um resto de comê eles jogá, botá no lixo mas num dão. Aquilo é lugá de... A senhora

me... também eu num sei se a senhora é de lá porque é capaz de eu tá lhe prejudicando... mas eu vô dizê a senhora: o lugar mais houmano que este nordeste num existe não. Lugar houmano.

Nestes dois casos vemos a mesma inversão ocorrer, se víamos até o momento a exaltação do que vem *de fora* numa relação privilegiada com o que é da terra mesmo, aqui e no caso já citado de *Doutô Jone*, conseguimos ver que isso não acontece de maneira generalizada. O que parecia uma contradição agora é visto como um mecanismo previsto pela hierarquia, a saber, o englobamento do contrário. Afinal, como pode ser a Catingueira tida como esse lugar tão ruim, seco, pobre, feio, sem graça, se a cada ano mais pessoas querem ir pra festa? Como pode ser o elemento que vem *de fora* tão exaltado, se *Doutô Jone* e *Letícia* não são nada queridos pela comunidade?

Será que isso tudo não ocorre justamente por que estamos frente a um momento não cotidiano, afinal é durante a festa que o *de fora* é preferido. É só durante este período que a cidade se torna este lugar interessante, sem festa os filhos-ausentes raramente aparecem por lá, é o que todo mundo diz: *passar a festa, tudo bem, mas morar aqui, Deus me livre!*. Além do que, *Douto Jone* é negro e *Letícia* é uma moça nova que acusam de querer tomar o dinheiro de *Doutô José*. Quero dizer que há outras razões para a comunidade não querer estas pessoas. Contudo, mesmo que o período de festa aponte para agenciamentos diferentes, ou pelo menos mais declarados que no período cotidiano, há também no período de festa um momento em que os próprios *filhos-ausentes* são duramente criticados e até debochados. (vide página 58, tópico: *A penosa ruim: representação de uma Catingueira.*) Este é o momento do leilão das penosas, onde alguns moradores da cidade, principalmente da área urbana e alguns *filhos-ausentes* se recusam terminantemente a ir sequer dar uma olhadinha no pavilhão, já que segundo suas consciências ali só tem gente *ricona*, que geralmente enriqueceu as custas dos pobres, e que quer se gabar do seu dinheiro⁵⁷.

⁵⁷ Interessante pensar este fato em paralelo a teoria do *bem limitado*, apresentada por Foster (1967). Para este autor, a terra, o dinheiro, e até a amizade, a saúde, o amor, a honra e a virilidade, o respeito, o poder e a influência e a segurança existem em quantidades finitas e sempre em poucas quantidades nas sociedades camponesas. Além do mais, não há meios diretos como o camponês aumentar suas quantidades disponíveis, eles não podem ser aumentados, podem apenas ser divididos e redivididos. Dai que se alguém enriquece é sinal de ameaça a estabilidade da comunidade, já que, necessariamente foi adquirido às custas do outro. Embora, quem participe dos leilões sejam os *filhos-ausentes*, os fazendeiros locais sejam considerados *filhos-ausentes* ou não, também participam ativamente.

III. Por que a festa é tão importante?

III. 1. Turismo Afetivo: as razões dos *de fora*

O bom aqui é o encontro. (Conceição, filha-ausente).

Há um grupo social que participa intensamente da festa da Catingueira que recebeu o nome de *filhos-ausentes*. São pessoas que nasceram na cidade e emigraram, na grande maioria para grandes cidades e *enricaram*. O período escolhido para visitar a cidade e os possíveis parentes é janeiro, no período da festa de São Sebastião. Pergunto-me o porquê do fato desses *filhos-ausentes* não celebrarem a festa da cidade no local de moradia atual, como o fazem as comunidades de imigrantes, por exemplo, do sul do Brasil. Pergunto-me sobre o porquê de não se unirem os catingueirenses ao resto dos nordestinos, por exemplo, em lugares como a Feira de São Cristovão no Rio de Janeiro e lá celebrarem suas raízes nordestinas, dispensando uma ida à cidade natal. Poderíamos pensar que aqueles que não voltam a sua terra natal não o fazem justamente por que conseguiram atingir seu sonho de enriquecimento? Partindo de qualquer cidade do sudeste a viagem até o Nordeste é longa e por isso cara. Desta forma, poderíamos pensar que aqueles que se contentam em frequentar feiras como a de São Cristovão no Rio de Janeiro, ou festas no local de moradia estariam operando o que lhes foi possível, apesar de que seu desejo seria mesmo o de poder ir até a cidade natal? Uma vez que só o fato de ir até sua cidade natal demonstra sucesso adquirido na empreitada da migração. Relembrando que o que vem *de fora* para participar da festa é sempre considerado *mais ou menos*. Essa idéia é corroborada pela dissertação de mestrado de Morales (1993) sobre a Feira de São Cristovão, quando ela diz que, *basicamente*, quem frequenta a feira, *é o nordestino de origem rural e de classe baixa*. Em outro momento, ela diz: *o nordestino pobre* (Morales 1993:3). Um feirante de Pombal (PB) resume bem minha idéia: *Todo mundo que vai na Feira ali, o nortista, é pra lembrar do Nordeste. Não é questão de lembrar, é você rever um pouco. Já que você não pode ir, entendeu? Você tá próximo das pessoas que são do Norte, das coisas do teu lugar, entendeu?* (Morales 1993: 71). Ou ainda outro feirante: *Os que vão pra feira é por causa da saudade do norte, né, moça, a feira é saudade do Norte!*. A busca pelas “raízes”, ocorre tanto na feira, como na festa aqui estudada.

Assim, a pergunta a que gostaria de chegar é justamente sobre a necessidade de se voltar à terra natal para festejar o santo Padroeiro. Poderíamos acrescentar que festejando o santo, intrinsecamente ligado à constituição da cidade, celebra-se a própria sociedade catingueirense, já que a cidade nasceu de uma promessa ao santo. Uma vez tendo concebido a graça, o santo tem sua recompensa, em forma de festa anual e de terrenos para a construção de uma nova cidade. É por isso que dizer da festa de São Sebastião é dizer da cidade de Catingueira, que na sua gênese está ligada ao poder do santo e a sua benevolência com a região. Além disso, através da festa, Catingueira fala de si própria. Através dos vários momentos rituais que a festa cria, sejam eles estritamente religiosos ou não, vemos delinear-se a sociedade com suas desigualdades sociais, disputas políticas e até mesmo raciais⁵⁸.

Como se autodenominam estes que voltam à Catingueira durante a festa e como são denominados? Como já disse, muitos são chamados *filhos-ausentes*. É comum que os *filhos-ausentes* levem seus filhos para conhecer a cidade e participar da festa. Estes são chamados *turistas*, assim como os cônjuges, e outros parentes ou amigos do *filho-ausente*. Steil (2002) se pergunta sobre as pessoas que vão a Gramado e Canela festejarem o Natal, e que segundo ele, integram um movimento amplo chamado de *turismo religioso*, se autodenominando *turistas* e nunca *peregrinos* ou *pagadores de promessa*. Os *turistas*, sejam da *Festa de Catingueira* ou do *Natal de Luz e Sonho* não se identificam nestes rótulos que lhes parece não coincidir com o movimento que eles estariam efetuando. Steil aponta que o Natal, apesar de ser uma festa tradicionalmente religiosa, já foi naturalizada pelos seus participantes e por isso os conceitos de peregrinação e romaria não seriam interessantes para definir este tipo de deslocamento. Os *turistas* da Catingueira, assim como os *filhos-ausentes* também nunca mencionam seu movimento como uma peregrinação ou romaria, mas também não o classificam como turismo religioso. Como classificá-lo então? Seria preciso um outro substantivo para dizer deste movimento que eles efetuam? Que é um deslocamento no espaço, isso fica claro, já que é necessária uma viagem para se chegar à Catingueira. Chamarei o movimento de ir para a festa, efetuado pelos *filhos-ausentes* e familiares destes como *Turismo Afetivo*. Este termo parece-me sintetizar de maneira

⁵⁸ É preciso deixar claro, mas não exagerar nas idiosincrasias. Nem todos os nascidos na Catingueira voltam para visitar sua cidade. Dentre os que o fazem, não são todos que voltam continuamente todos os anos. Há alguns que voltam em períodos mais espaçados.

perspicaz esta grande diáspora às avessas efetuada todos os anos em direção à Catingueira da Serra, e quem sabe em direção a tantas outras cidades onde vemos dinâmicas parecidas.

Mas o que se busca indo a festa? *São Sebastiãozinho* e a festa religiosa *strito senso* são sem dúvida importantes, mas isso não impossibilita outros tipos de envolvimento com a festa, esses considerados mais profanos, como os consumo de bebidas alcoólicas, os bailes de forró, o leilão, as festas privadas. Seria a religião uma desculpa para a festa profana, como me disseram, com algum ressentimento, algumas senhoras ligadas à igreja? *Eu acho que a maioria vem pra se divertir, rezar é pouco. (Dona Terezinha). Rezar é pouco, é só 5%. (Seu Antônio, seu marido)*. Estaríamos diante do uso da religião para outros fins como por exemplo a diversão? Sanchis (1983), dentre outros, como Gilberto Freyre (2000), já nos falaram da confusão entre sagrado e profano que as festas de igreja proporcionam. Sagrado e profano se transformam num todo, onde cada uma das partes se apóia na outra; alimentando-se e se constituindo justamente pela presença das partes, que na verdade, são vistas não como unidades separadas, mas como potencialmente unidas.

Outra pista de Steil é sua sugestão de que a peregrinação e romaria seriam atos religiosos onde teríamos a participação dos atores nos rituais como categoria essencial. Ao passo que o turismo religioso está mais marcado pelo caráter de espetáculo, onde o agente é mais um observador, caracterizado por sua externalidade em relação ao ritual. Exemplo evidente de peregrinação/romaria teríamos no texto de Fernandes (1990) sobre um ator social e o pagamento de promessa, onde fica claro o caráter de agente (ator ativo) que assume o devoto. Como exemplo de turismo religioso cito o próprio Steil (2002) sobre o natal em Gramado e Canela, onde os turistas são muito mais espectadores de um *show* que reproduz no verão do Brasil a imagem, adornada com flocos de neve artificial, do inverno nos países nórdicos.

No caso da festa da Catingueira tendo a pensar que um meio termo entre a simples observação do espetáculo e a total agência do devoto seria mais adequada para se compreender a participação dos turistas e dos moradores. Saliento que a festa da Catingueira não é só feita de gente *de fora*, os moradores da cidade participam ativamente de todos os momentos da festa. É claro que esta participação não se dá de maneira homogênea e nem indiscriminada em todos os lugares, há participações várias e lugares vários aos quais se dirigem os diferentes atores da festa. Mas o que quero dizer é que se há

espetáculo para ser observado, há também locais onde o povo é o espetáculo. E indo mais além, e isso é importante, o espetáculo não se dá para todos no mesmo instante, se em determinado momento uma parcela da população da festa é chamada a agir, a outra é chamada a contemplar, e isso se dá em um espaço marcado, a um tempo previsto. Em outros espaços e momentos inverte-se a configuração, quem só observava age, e quem agia observa ou vai embora para casa ou para outros ambientes.

Por isso, acredito importante pensar os turistas em relação às pessoas que moram na cidade, e não como dois blocos humanos em separado. A festa da Catingueira não é o momento em que os catingueirenses aproveitam para ganhar dinheiro às custas do fluxo grande de pessoas, como acontece na festa da Virgem de Itati (Argentina), estudada por Eloísa Martín (2000). Os barraqueiros da festa de São Sebastião são geralmente gente *de fora* da cidade. Muito menos é o momento em que se estabelece uma distinção radical entre o modo de viver a religião dos moradores e daqueles que vem *de fora*, como acontece em Bom Jesus da Lapa, a respeito das romarias trabalhadas por Steil (1996:74-77). Lá a população local tende a não participar das manifestações religiosas dos romeiros acusando-as de *fanáticas* ou *fetichistas*. Na Catingueira não importa se é gente *de fora* ou *de dentro*, todos participam das celebrações religiosas⁵⁹. A festa é considerada uma festa do povo da Catingueira, da qual eles podem usufruir e mesmo participar ativamente. Com isso quero dizer que, se a festa de São Sebastião é a festa dos turistas e dos *filhos-ausentes*, ela também o é dos moradores da cidade, que como já disse acima, fazem deste um momento especial, esperam-no o ano todo, fazendo planos e economias para gastar durante a festa.

Para definir o movimento de ir à Catingueira não podemos perder de vista que os laços de parentesco com a cidade são importantíssimos. Como a festa de 2002 contou com *show* de graça, na rua, e coincidentemente caiu em um final de semana, parece ter havido um afluxo maior de pessoas que não tinham vínculos de parentesco com a cidade. Porém, a

⁵⁹ Claro está que apesar de todos poderem e serem convidados a participar da festa religiosa há um privilégio dos *filhos-ausentes* sobre os moradores do lugar durante as celebrações de São Sebastião. Assim como prevalece uma moral onde a hierarquia determina quem é mais e quem é menos bem-vindo, apesar de todos o serem de maneira geral. Um dado etnográfico ilustra o que quero dizer: logo nos primeiros dias de festa, e assim durante todo este período, o padre já começa a anunciar no microfone os *filhos-ausentes* que chegaram à cidade, assim como ao fim de todas as novenas ou missa *Padre* pede uma benção especial ao *filhos-ausentes* presentes ou que não puderam vir, os *filhos-ausentes* ausentes. Também o fato de ser importante vestir roupa nova nas novenas opera como um limite a essa participação indiferenciada, afinal, é raro alguém que tenha coragem de ir à novena com o mesmo vestido do ano passado, e se não há dinheiro para comprar as roupas e calçados novos as pessoas simplesmente deixam de ir às novenas – sobre este tópico ver páginas 56-57.

maioria das pessoas que vão à festa o faz por laços de parentesco, mesmo que não saibam inteiramente quem é, e quem não é seu parente na cidade. Desta forma, elenco a seguir três falas que me parecem emblemáticas quando perguntava sobre as razões de ir-se à festa. Em todas elas fica claro o papel preponderante que assume a família.

A gente vem pra festa por que todo mundo vem. Desta forma, não se espera encontrar apenas os catingueirenses na festa. A festa é o momento onde os *filhos-ausentes* encontram os *filhos-ausentes*. Muitas vezes, morando na mesma cidade, estas pessoas só se encontram na Catingueira. A congregação de vários parentes e amigos em festas particulares é muito recorrente, momento onde se fala das festas passadas, mencionando quem veio e quem não veio neste ou aquele ano, e quem planeja vir no próximo ano.

A gente vem pra festa pra encontrar os parentes. Mas a gente também tem fé em São Sebastião. Estes parentes a que se refere podem tanto ser moradores de Catingueira quanto moradores da própria cidade onde habita o sujeito em questão, o que vai ao encontro da primeira frase. Pensando na segunda parte da resposta, é interessante notar que Wagley (1977) propõe um capítulo de seu estudo de comunidade com o seguinte título: *A gente também se diverte*, capítulo no qual o autor trata basicamente das festas religiosas. Sanchis (1977:119) expõe a mesma questão quando analisa a resposta a um questionário de um participante de uma festa religiosa quando este fiel é interrogado se a igreja deveria continuar se ocupando dos chamados “divertimentos” durante a festa. “*E quem mais pode se encarregar delas? Outras religiões?*” Para este homem *a expansão lúdica e festiva é insecável de sua raiz sagrada*. A pergunta parte do pressuposto de que tudo se passaria como se o santo fosse uma desculpa para a festa profana. Não é bem assim, e se insistirmos em separar profano e sagrado cairemos nas considerações de moral das beatas de Catingueira de que a festa é só bebedeira e safadeza, de que o povo se esqueceu de rezar, etc. O que quero propor é esquecermos esta distinção, afinal, o baile, o forró, os leilões fazem parte da festa, como me disse *Dona Terezinha: é de tradição, minha fia*. E não pensem que o santo se zanga com a festança, ele fica é feliz, afinal *É tudo pro santo*, palavra de padre. Os leilões, os desfiles e até o baile são organizados pela igreja, e em assim sendo o benefício material de toda a festa é revertida ao Patrimônio de São Sebastião, e é com esse dinheiro que se faz a *manutência da igreja (Maria de Deus Amor)*. Algo semelhante ao que Sanchis nos conta:

A festa de santo é para eles [“os devotos tradicionais”] uma realidade sui generis, na qual a dimensão religiosa e a dimensão profana se articulam, para acederem juntas ao sagrado. (...) Encontro e convívio são realidades que pertencem a esta festa, precisamente porque se dão em torno de símbolos explicitamente religiosos. Se para eles a festa é “um convívio alargado e diferente”, uma “comunicação entre os povos”, eles não concebem esse convívio como separado “do arraial ao pé do santuário e na data do santo”. É ali que se realizam, uma na outra, a expressão direta da fé e a união de uma comunidade explicitamente cristã. (ibid., 119).

*Por causa das nossas raízes. Voltar à cidade natal nestes dias de festa torna possível reviver o passado através de lembranças que não desaparecem, mesmo com o passar dos anos. Os amigos de infância; os parentes deixados lá; a primeira professora; um cheiro de manga madura apanhada no pé; a voz de João Grande narrando animado os leilões; os banhos de açude que refrescavam o calor; o sabor do arroz de leite; do cuscuz com milho pisado pela *mãinha* que acordava de madrugada para prepará-lo; as badaladas do sino da igreja anunciando a morte de um anjinho; o carrossel que vinha à cidade na ocasião da festa fazendo o divertimento da meninada; o medo de entrar na Furna e se deparar com a onça pintada; as subidas à serra; os banhos de chuva de janeiro, procurando as bicas d’água que a chuva fazia nas calhas das casas. Tudo isso e mais a religiosidade vivida nos anos da inocência e por que não aqueles próprios anos. Tudo isso se busca indo a Catingueira neste período mágico e belo. Período de chuva e conseqüentemente de promessa de abundância e felicidade. Não é outra data que escolhem os *filhos-ausentes* para voltar ao seu torrão natal. Há que se lembrar que logo nas primeiras chuvas o sertão adquire aspecto totalmente outro. Tudo se passa como bem descreve Euclides da Cunha, é só chegar as chuvas *E o sertão é um paraíso*.(1996:33). Se em dezembro o mato está todo seco e se na paisagem não se vê outra cor senão o cinza, em janeiro o sertão é bem outro. *Na festa já tá tudo verdinho, e no São João a gente já tá comendo milho verde e pamonha. (Dona Eurícide)*.⁶⁰*

Escutei a história de apenas um *filho-ausente* que voltou à cidade, depois de várias décadas, em período que não o da festa. Seus filhos detestaram a cidade, acharam-na feia, pobre, sem graça, calorenta, cheia de mosca e mosquito, além do povo feio e matuto. Ao

⁶⁰ *A vida aqui só é ruim, quando não chove no chão. Mas se chover dá se tudo, fartura tem de montão. Tomara que chova logo, tomara meu Deus, tomara. Luis Gonzaga. Sobre a mudança drástica na paisagem sertaneja depois das chuvas, ver Cunha 1996: 32-33. Passam-se um, dois, seis meses venturosos, derivados da exuberância da terra, ate que surdamente, imperceptivelmente, num ritmo maldito, se despeguem, a pouco e pouco, e caíam, as folhas e as flores, e a seca se desenhe outra vez nas ramagens mortas das arvores decíduas...(ibid.:33).*

conversar com esta família, o *filho-ausente* em questão, disse em tom francamente provocativo: *O sertão é um beleza, né, não Diogo?* Diogo, seu filho de 15 anos responde no mesmo tom de ironia e descaso que o próprio pai tinha usado: *Ah! O sertão é muito bonito, com aqueles açudes secos, e a terra estourando...* Ao passo, que todos os outros filhos de *filhos-ausentes* com os quais conversei, exaltavam as qualidades da cidade. Uma cidade animada, com música o dia inteiro. Cheia de histórias interessantes (de almas penadas, de onças pintadas, de fatos e lugares marcados pela história da própria família, de botijas de ouro escondidas em casas abandonadas), com passeios interessantes para se fazer (como subir a serra, nadar no açude, tomar banho na comporta, explorar a furna). Um povo tão festeiro, alegre e simpático. Ah! E como me esquecer, que filha(o) de *filho-ausente* sempre conquista inúmeros corações, o que acaba em alguns tantos namoricos. Ocorre também, não menos freqüentemente, destes se apaixonarem por alguém da cidade ou que estava na cidade. E tudo isso, como não poderia deixar de ser, faz com que a vontade de voltar ano que vem seja a cada ano engrandecida. É claro que estes *turistas*, filhos de *filhos-ausentes*, também mencionam o calor, as moscas, a pobreza, porém, os aspectos positivos são mais lembrados. Por exemplo, Sara, 13 anos, me dizia ainda em 2000, mais em tom de brincadeira do que seriamente, que *As moscas são de temporada, só vem pra festa*. Na verdade ninguém deixaria de ir à festa só por causa das moscas ou por qualquer outro fator negativo citado.

Voltar durante a festa é uma maneira do *filho-ausente* dizer a si mesmo, a sua família e a comunidade catingueirense, que ele venceu na vida. Trazer a família para conhecer sua cidade natal também reforça seu sucesso. Afinal, ali se vê de forma genuína todo tipo de privação, e dizendo que foi dali que ele nasceu, é como se dissesse que ele venceu a própria Catingueira. E, interessante, só quem vence a Catingueira, pode voltar e desfrutar de todas as regalias e benesses de um verdadeiro *doutô*.

Só mesmo o conceito de *Turismo Afetivo* seria capaz de incluir tamanha complexidade. Sem dúvida, a religiosidade, a família, as raízes são procuradas nessa viagem, mas tudo isso, só têm sentido por se tem amor por aquelas terras.

III. 2. Esperando a Festa: as razões dos de dentro.

Eu gosto da festa por que eu durmo ouvindo música. (Junior, 8 anos).

Prado (1993) nos fala na sua tese de doutorado sobre o conceito de *mitologia da cidade pequena*, entendido como um conjunto de representações sobre as qualidades e desvantagens da cidade pequena que estariam presentes em contextos amplos como nos EUA e no Brasil. Um dos aspectos importantes na definição de uma cidade pequena é o fato de que ela é vista como um lugar onde não há perspectivas de vida, de onde é necessário ir-se para conseguir subir na vida. As carências são apontadas pelos moradores da cidade como um dos principais defeitos da cidade pequena. Falta de opções de lazer; de estudos e de trabalho; falta de recursos; atraso econômico e cultural. Neste sentido entende-se o desejo de emigrar, exaltado enquanto a única maneira do indivíduo obter algum sucesso⁶¹.

Indo na mesma direção da autora citada acima, Caniello (1993), trabalha com um termo interessante, a saber, a cidade pequena enquanto um *universo auto-contido*. As carências apontadas acima também estão enfatizadas e um outro elemento importante se insere: o fato de que na cidade pequena todo mundo conhece todo mundo. A este aspecto, o autor, baseando-se em Da Matta, chama de primado da *pessoalidade*. Para esclarecer melhor o que vem a ser este conceito é preciso dizer que o *padrão ético* operante nestes contextos é o do *englobamento*, do indivíduo pelos laços pessoais, no sentido de Dumont. É como se a cidade fosse uma única e grande família, onde teríamos o primado da *casa* sobre a *rua*, ainda nos termos de Da Matta⁶². Algo parecido com o que *Girlene* nos conta:

Por que a cidade que nós moramos, todo mundo observa a vida de todo mundo, todo mundo comenta, cidade pequena você já sabe como é. Na cidade grande você pode sair pra uma pizzaria, uma sorveteria, com a turma dos evangélicos. Os daqui não, aprendeu a se... a ficar preso, se for conversar ali já tá com medo das pessoas falá. Não, na cidade grande eu acho que não tem nada a ver uma turma de jovem sair, numa pizzaria, conversar um pouquinho, aqui num tem isso não. É de casa para a igreja e a vida acaba virando uma rotina. E aí vem o cansaço. (Girlene)

Catingueira pode ser pensada como uma cidade pequena seguindo a linha destes raciocínios. E talvez a *Festa de São Sebastião* possa ser entendida como um lugar essencial na constituição do imaginário coletivo da cidade, enquanto marca distintiva da comunidade

⁶¹ No caso da Catingueira não podemos esquecer que existem estratégias predominantemente familiares de combinar o ir e o ficar, como mencionei na página 61, nota 40, e logo a seguir.

⁶² Nos termos de Prado (1995:36) a casa – com o seu código – se espalha sobre a rua. (...) A cidade pequena é, de um certo ponto de vista, uma “grande casa”.

como apontam as várias entrevistas feitas em campo, justamente porque este é o momento em que a cidade pequena transborda suas fronteiras para além deste *universo autocontido*, e por isso mesmo limitado, das relações sociais entre famílias que já se conhecem há várias gerações. Já disse no capítulo anterior que a festa é importante, no limite, por que traz as pessoas *de fora*, agora vamos nos aprofundar mais neste tópico. Entender o porque do deslocamento dos *filhos-ausentes* e dos turistas, é sem dúvida, importante. Todavia, entender o que a festa representa para os moradores da cidade e não apenas para quem vem passar alguns dias na cidade constitui meu esforço neste momento.

No entanto, é preciso dizer que, se este *universo autocontido* existe na Catingueira, isso se dá mais em função de um determinante pragmático, que por razões de ordens ontológicas. Explico-me: no limite, não é possível escolher as relações sociais em cidades pequenas, e como se todos fossem obrigados a estar em contato com todos. Isso não se dá por uma escolha individual ou coletiva, este *autocontimento* é um dado, com o qual se deve jogar, em função da quantidade limitada de pessoas que se pode manter relações. Entretanto, ontologicamente, os catingueirenses têm um lugar simbólico para o diferente bem guardado e prestigiado. Aqui sim, há escolhas. E a escolha da Catingueira é ser, no limite, o outro. É no momento da festa em que vemos esta ontologia adquirir seus contornos mais tangíveis, justamente por que é este o momento que a cidade recebe visitantes. É durante os dias de festa que a cidade é inundada pelos turistas, pelo exterior. Entretanto, durante os dias cotidianos, os catingueirenses têm contato com o exterior, seja através da televisão (vide página 99-100); seja nas idas constantes a Patos, para fazer compras, visitar parentes e amigos, ir a escola, etc.. Esta discussão não termina aqui, mais à frente voltarei a estes pontos.

Durante os dias de festa, Catingueira não é mais aquela cidade pacata onde nada de diferente acontece, é antes, a cidade dos carros de som que tocam em alto volume as músicas que fazem sucesso na região, desde o amanhecer até a madrugada (de 9 da manhã às 5 da madrugada, aproximadamente). As calçadas ficam cheias de carros, as ruas tomadas de barraquinhas de comida, jogos de azar, bijuterias, brinquedos e outros (até barraca pra furar a orelha tinha esse ano). É como se por alguns dias Catingueira receber o mundo⁶³, e com ele tudo o que dá à cidade grande aos olhos da cidade pequena seu quê de maravilha.

⁶³ Como já deixei claro quando dizia sobre o relacionamento entre os *de fora* e os *de dentro*.

Poderíamos pensar que um aspecto central da festa é justamente romper com um padrão de relações sociais marcadas pelo holismo, no sentido de Dumont. O fato de não se conhecer todo mundo que está na festa proporciona uma excitação geral que pode ser entendida como uma inversão nos padrões de associação. Mesmo que momentânea, e talvez por isso mesmo⁶⁴, essa inversão é suficiente para abastecer todo o ano que se inicia de novas histórias para se contar e recontar, sempre que se fizer necessário soprar um pouco da poeira que se acumula gradativamente no decorrer dos meses seguidos da festa. Até que janeiro volte e com ele a possibilidade de inflar a vida social, como os balões das noites de novena são inflados pelo calor do fogo para conseguirem alcançar o céu.

Não pretendo ficar presa na dicotomia indivíduo/pessoa, individualismo/holismo. Se na Catingueira predomina o padrão holista, isso não se verifica sempre em todos os lugares, por exemplo, e isso é importante, aquele que emigra para conseguir melhores condições de vida está, de certa forma, inserido em uma ideologia individualista de busca de melhores condições de vida. Porém, e isso é claro, aquele que emigra, o faz para em um futuro próximo, poder também levar a mãe, os irmãos e o resto da família para fora da cidade. Sendo visto como aquele que vai abrir caminho para os demais. É comum quando se ouve as histórias dos *filhos-ausentes*, a referência a este personagem que sendo o primeiro a emigrar, foi aos poucos levando todo o resto, e muitas vezes ao fim constata-se que nenhum parente direto daquela família mora na cidade. Isso não seria possível sem que um dia um elemento fosse o primeiro a emigrar e conforme a renda fosse aumentando trazendo um por um, até que todos já moravam na cidade grande. Por isso, pretendo ter muito cuidado com estas definições, se de uma lado, a Catingueira se mostra bastante holista, quero estar de olhos abertos para perceber que isso não se dá de forma total e constante. Às vezes o que temos é justamente o contrário como disse acima.

Todavia, de um certo ponto de vista, a festa pode ser pensada como o contraponto ao holismo, uma vez a cidade é inundada de gente *de fora* abrindo a possibilidade de relações sociais com estranhos. A festa possui um lugar muito privilegiado no discurso

⁶⁴ Uma vez que o que faz a Catingueira ser um bom lugar para se viver é, ao mesmo tempo, o que a faz ser considerada um mau lugar para se viver. *São as delícias do reconhecimento e as agruras do controle social. Os sabores e dissabores da cidade pequena, regida pelas relações pessoais, o paraíso e o inferno na pessoalidade.* (Prado 1995: 53). Para uma abordagem concisa e ao mesmo tempo consistente sobre os paradoxos de se viver em cidades pequenas, Prado (1995).

nativo. Desta forma, para compreender a cidade é importante tentar entender este jogo entre uma moral mais *coletiva* e outra mais *individualista*.

A festa, entretanto, vem sendo tratada enquanto primado da comunidade, como o lugar *do nós* em detrimento *do eu*, vide Durkheim, Mauss, Callois, Duvignaud. Nestes teóricos, vemos um predomínio da multidão, da massa, do todo em detrimento do indivíduo, da parte. O interessante é que na Catingueira, a operação pode ser vista de um outro lado, ou seja, a operação se inverte. É justamente a indiferença, o não ser percebido enquanto *Zé de Zezé*, mas enquanto alguém que independentemente da sua família quer curtir a festa e *farrar* quantos dias e noites seu corpo permitir, que faz a festa ser considerada como aquilo que faz a Catingueira ser a Catingueira. Liberdade em alguns dias, ser indivíduo e não pessoa. A festa é privilegiada quando pensamos o que a Catingueira pensa de si mesma. Diz-se que a festa existiu desde sempre, estando ligada à constituição civil da cidade. E não apenas civil, mas também religiosa. A cidade nasce de uma promessa a um santo, promessa atendida. Uma vez a cidade livre do perigo do cólera doa-se aquilo que se constituía no momento, o Patrimônio de São Sebastião, um terreno extenso que mais tarde se chamaria Catingueira. Algo parecido com o carnaval em São João Nepomuceno, como descreve Caniello (1993:79/80), *enquanto dramatização da identidade*. Como algo que *sempre existiu*, uma *marca distintiva* da cidade.

Entretanto ao mesmo tempo em que se vive dias de indivíduo, a festa é marcada pela moral coletiva, uma vez que os turistas são primordialmente aqueles que tinham ou têm família na cidade. Não há um turismo constituído de pessoas sem quaisquer ligações de parentesco. Quem vai pra festa o faz, geralmente, porque tem parentes na cidade. Isso fica claro quando se constata a inexistência de hotéis na cidade. Quem vai para a festa hospeda-se em casa de parentes. Esta não é, pois, uma festa do indivíduo, mas sim uma festa da comunidade, da família, onde se celebram os laços do parentesco, é este o momento em que os *filhos-ausentes* voltam para a cidade. E contamos ainda com outro complicador, o fato de ser uma festa de igreja, uma festa católica, de santo padroeiro. Talvez devamos reconhecer os limites deste vocabulário conceitual para se tratar os dados da Festa da Catingueira, na medida em que, *turismo religioso* não corresponde ao movimento de ir e participar da festa.

III.3. Compatibilizando duas visões: os *de fora* e os *de dentro*

Seguindo as sugestões de Prado (1995:51), poderíamos pensar o lugar da festa da Catingueira do lado *de dentro*, ou seja, aos olhos dos Catingueirenses traçando a seguinte linha de agenciamentos:

- cidade pequena → relações de pessoalidade → estreitamento dos laços sociais → mesmice.

Aqui teríamos um corte profundo:

- a festa → gente *de fora* → possibilidade de expansão dos laços sociais → introdução de aspectos de uma moral individualista.

Trocando em miúdos, a festa seria importante para a vida local, justamente porque nestes poucos dias os catingueirenses podem ser indivíduos, em oposição ao resto do ano, em que se vêem em um contexto marcadamente pessoal.

Pensando do lado *de fora*, ou seja, tentando entender as razões de quem vem *de fora* para a festa, poderíamos pensar que estes buscam justamente o contrário do que buscam os Catingueirenses. Os turistas vão à festa em busca de *pessoalidade*. Enquanto, o primeiro grupo, de gente *de dentro*, quer seus dias de indivíduo; os *de fora* querem seus dias de pessoa. O que poderia ocorrer? Brigas entre dois grupos com objetivos opostos? Choques de intenções? Dificuldades em se organizar a festa? Constantes discussões e questionamentos quanto ao que deve haver durante a festa? Não. O ritual é capaz de acomodar sentidos. Aqui podemos fazer um gancho com Eade e Sallnow (1991), que pensam os rituais como lugares essencialmente de acomodação de sentidos, onde grupos diversos dão sentidos diferentes a sua ação. Por mais diferentes que sejam os sentidos dos diversos grupos o ritual é capaz de congrega essas várias visões de mundo. Estamos aqui próximos ao que Sanchis (1983:59) chamou de uma *estrutura de compatibilidade*, onde o ritual acomoda respondendo às demandas diferenciadas dos diferentes grupos. Com isso não quero dizer que ocorra um nivelamento das visões de mundo que cercam aqueles momentos. É preciso deixar claro que, *os níveis jamais se justapõem (...). A festa é incapaz de promover a integração dos diferentes pontos de vista, remete apenas a um acordo*

provisório entre eles. (Sztutman 1999: 101). Não nos referimos à *integração*, falamos aqui de uma acomodação provisória de interesses, visões de mundo e sentidos.

Isso nos remete diretamente à constatação do caráter polissêmico do ritual. Caráter este que não é visto como um obstáculo ao mesmo, antes pelo contrário. A polissemia é condição da existência da festa, já falamos que os *de dentro* fazem a festa para ter os *de fora* e vice versa. *A festa é, neste sentido, expressão da afinidade e, para existir, deve partir do pressuposto da existência de grupos diferenciados para que possa se dar o corte elementar entre anfitriões – aqueles que oferecem o pátio da aldeia e a bebida – e convidados – aqueles que providenciam a caça, os cantos e as danças.* (Sztutman 1999: 94). Para pensarmos a Catingueira, o corte *elementar* recairia sobre a distinção gente *de fora* e gente *de dentro*, que em um determinado nível da análise se refere a anfitriões e convidados. De tal modo, é imprescindível a *communitas* descrita por Durkheim (2000), em prol de um amálgama de expectativas, intenções e ações que por mais opostas que se apresentem formam um todo, traduzindo a festa de São Sebastião. Entretanto, (...) *a massa não é inerte.* Sanchis (1997:121). Fugimos um pouco dos teóricos que pensam a festa e os rituais como uma fusão de consciências e interesses. O que vemos neste momento são interesses opostos que se juntam para formar uma só realidade, sem dúvida multifacetada. *Ora, essas lógicas, embora se auto-representem como opostas entre si, integram na verdade um único universo religioso, respondem à sua problemática endógena e se articulam em torno da vivência em comum de um mesmo capital ritual e, mais amplamente, social.* (Sanchis 1997: 120). Repito, aqui se trata antes de uma polifonia que um solo. Tendo dito que a polifonia não é um impedimento à realização da festa, preciso enfatizar que ela se apresenta como condição da mesma. É como se estas festas fossem *momentos em que o grupo se abre à exterioridade* (Sztutman 1999: 93). No entanto, o que observo na Catingueira para além desta *abertura à exterioridade* é antes o outro enquanto condição de realização da festa. Sem turista não há festa, vários momentos da festa são preparados para eles. Da mesma forma que sem catingueirense não há festa. *Nenhuma das mentalidades que analisamos é independente das outras.* (Sanchis 1997: 121)

Sem dúvida, *o outro* é essencial na festa da Catingueira. Entretanto, discordo um pouco de Sztutman, que utilizando expressão de Bourdieu (1980), diz: *Trata-se do esforço de “re-união” (...) de esferas que se percebem (e se afirmam) distantes e contrárias.* (idib.,

94). Que os catingueirenses se sintam diferentes dos *filhos-ausentes* isso é claro, porém não concordo que haja um esforço na direção da permanência desta diferenciação. Antes pelo contrário. Os catingueirenses, na sua maioria, gostariam de sair da cidade, ir morar fora e só voltar durante a festa, ou seja, o que os catingueirenses querem, no limite, é serem *filhos-ausentes*. Querem ser *o outro*. Sztutman atribui esta necessidade de distinção, que poderíamos chamar de afirmação de uma identidade, ao lugar atribuído ao que vem *de fora* como o lugar do perigo, aspecto que já trabalhei um pouco acima. Porém, na Catingueira, o que vem *de fora* pode sim ser perigoso (como descrevi em relação a *Doutô Jone* e *Letícia*), mas em momentos de festa geralmente o elemento *de fora* é bem visto e requerido como essencial para o sucesso da festa. Penso antes que se eles se percebem como diferentes, isso não se dá tanto por que o que vem *de fora* é considerado perigoso, mas sobretudo por que o que vem *de fora* é considerado superior. E aqui mais uma vez nos deparamos com a hierarquia.

Anexos

I: As bolsas do governo

A Bolsa Escola é um programa do governo federal que tem como objetivo manter as crianças de sete a quinze anos na escola, erradicando a necessidade financeira familiar do trabalho infantil. De acordo com dados fornecidos pelo secretário de saúde, Davi, no total a Catingueira recebe 314 bolsas de R\$15,00 por criança. Quem será beneficiado e quem não o será é uma tarefa a ser definida pelo governo municipal. No caso da Catingueira os agentes de saúde têm papel primordial no repasse das bolsas, já que eles conhecem bem a comunidade e sabem das necessidades de cada família, disse-me o secretário de saúde. A Bolsa Escola e outras bolsas como a bolsa-renda no valor de R\$60,00 (ao todo são distribuídas 275 na Catingueira), e a bolsa-alimentação (antiga *feira*, ou seja, alimentos em espécie, no valor de R\$ 15,00, no total de 253 nesta cidade), integram o programa de renda mínima definido pelo governo federal que prevê a redistribuição da renda, onde o objetivo último é que nenhuma família brasileira viva com menos de R\$ 90,00 *per capita*. A distribuição das bolsas suscita discussões e acusações frequentes. Os agentes de saúde são sempre apontados como vilões diretos da história, uma vez que são eles que repassam à prefeitura a situação vivida pelas famílias, ou seja, se a família recebe outras bolsas, se possui algum aposentado⁶⁵, ou se tem alguém empregado. O prefeito é apontado, geralmente, como o grande benfeitor, é a ele que se pede uma bolsa, da mesma forma que se diz que o prefeito prometeu estes benefícios. O fato de o dinheiro vir de recursos federais é, por assim dizer, irrelevante. Quando me perguntei de onde vinha o dinheiro das bolsas, Dona Maria da Rua da Cerâmica me retrucou perguntando se eu nunca tinha visto na televisão a propaganda onde o presidente mandava o povo procurar seus prefeitos para receberem o benefício. Talvez por isso é comum ouvir queixas dirigidas ao prefeito e não ao presidente da república. Geralmente é sabido que o dinheiro é do governo federal, mas o que isso importa? Uma vez que quem o distribui é o prefeito.

Outros comentários interessantes são suscitados pela distribuição das bolsas. Ouvi o padre em algumas homilias se referir ao governo federal como a causa da preguiça do povo. Seu raciocínio era o seguinte: se o governo dava bolsa para tudo pra que o povo ia querer trabalhar? As mulheres só ficavam em casa vendo novela, ninguém queria saber de trabalhar, por que no fim do mês aquele dinheirinho estava garantido. Outra percepção análoga a esta vem de Seu Além, para ele, o governo que tinha boas intenções ao distribuir as bolsas estava contribuindo para o fim do *sertão das mulher séria e dos homem trabalhador* como dizia Luis Gonzaga em uma das suas canções. Seu Além me explicava que as famílias saíam dos sítios, largavam a agricultura para virem morar na cidade. A família toda passava a viver da aposentadoria do pai de família, e se contasse com sorte como aliada, (ou a providencia divina, ou fosse amigo do prefeito), com mais alguma bolsa do governo. Apesar de não diminuir o ganho bruto da família, afinal eles já viviam de um salário mínimo no sítio, agora havia a necessidade de comprar os gêneros alimentícios

⁶⁵ Certa dia, eu estava com *Euzari* (moça de mais ou menos 30 anos, mãe de um garoto e solteira) no açougue. Ela pediu ao açougueiro 1/2 kg de carne de segunda. O açougueiro, zombeteiro, perguntava-lhe por que ela não levava logo um 1kg de carne de primeira, já que na casa dela tinha dois aposentados. Em lugares, como a Catingueira, onde circula pouco dinheiro, famílias que contam com dois salários mínimos são consideradas ricas.

básicos, que antes eram plantados. Daí, a mocinha da família, vivendo na cidade, logo logo se engraçava de um rapaz e ficava *buchuda, pegava barriga*, engravidava. Os pais da criança não tendo como sustentar uma família e criar uma nova casa, se casados ou não, mãe e filho, e freqüentemente também o pai, passavam a morar nesta mesma casa do agora avô, e continuavam comendo, vestindo, calçando com a mesma aposentadoria. Como as famílias que vinham dos sítios geralmente não tinham apenas uma filha, esta situação se repetia até que a casa estivesse abarrotada de crianças. *É todo ano um menino novo*. Dizia-me que eu podia ver com meus próprios olhos: em toda casa que em entrasse na Catingueira eu ia encontrar um bebê. Fato que eu já observara antes desta conversa. Seu Além, me contava das suas convicções com uma tal segurança e bom humor que não pode me abster de deixar-me levar até sua casa para longas conversas na sua varanda, de onde se tem uma das vistas mais bonitas da Catingueira: a Serra bem perto, açude do prefeito e a imensidão das terras do sertão se estendendo ao longe, de onde as cores do mundo, ao por do sol, me pareciam sempre mais exuberantes.

II. Sobre o papel da Igreja segundo alguns *filhos-ausentes*

A opinião de *Seu Além* é compartilhada por muitos *filhos-ausentes*, como fica claro nesta frase: *Aqui eu esqueço a minha religião. Já disse eu não sou nada na Catingueira, tenho vergonha desta igreja e deste padre, do que ele faz pro povo*. (Conceição) Atitudes como a de *Conceição* e *Seu Além*, são despertadas, por exemplo, pelo fato de sempre ao final das novenas, o padre anunciar as pessoas que deram algo para a igreja, como citei na página 63, nota 43. Assim como, o esbanjamento de dinheiro e a demonstração de poder econômico e político, que ocorre no leilão sob a desculpa de estar-se dando a São Sebastião. Ora, *E São Sebastião precisa de dinheiro pra que?* (Junior, crente). *São Sebastião num come*. (*Carminha*). Vejamos um exemplo do que causa indignação por parte de fiéis de outras igrejas, mas também de católicos como é o caso de *Conceição* – que na Catingueira não tem coragem de assumir-se católica. Cito o pároco, na mais concorridas das novenas, a do dia 19. *Vamos colocar diante de Deus, diante do seu altar, o dízimo. Essa porção que o cristão consciente entrega a sua igreja que pertence, como ato de fé e obediência a Deus, né. O dízimo. “Voltei para mim que eu voltarei para vocês”, disse o Senhor Deus. (...) “Pode o homem roubar a Deus? Pois, vocês estão me roubando”. “Estamos roubando em que?” E Deus disse: “No dízimo e na contribuição. Traga o dízimo completo para o templo, para que haja alimento na minha casa. Façam essa experiência comigo, vocês hão de ver se eu não abro as comporta do céu, e derramo sobre vocês minhas bênçãos de fartura”. Façamos nosso ofertório*. É como se tudo girasse em torno de quem deu mais. E, ao contrário, do que estas pessoas pensam que seria o papel da igreja, ela age como a incentivadora maior desta desigualdade. Afinal, quem dá mais, e é exaltado por isso é sempre os *ricão*. (*Dona Maria*). Além de incentivar o gasto, considerado por estes, excessivo no período de festa, a Igreja não possui nenhum serviço social que vise uma redistribuição de renda, atitude inadmissível numa cidade carente como Catingueira. O próprio pároco admite que precisaria ter algum serviço social na cidade: *Precisa demais*. Para em seguida eximir-se qualquer responsabilidade, dizendo que a comunidade é muito *desorganizada e desestimulada*. Faltam trabalhadores, as pessoas só querem ficar em casa vendo novela. Na mesma novena citada acima, à respeito da já citada revista o padre disse, durante uma novena: *Tá aqui a revista, revista sobre a paróquia, a cidade de Catingueira*,

*de Inácio da Catingueira, né, toda história da cidade, tá aqui nesta revista. Temos muitos exemplares, quem não adquiriu a revista ainda, apenas 3 reais, procurar Patrícia na secretária. E tem a história da cidade. Toda a história esta aqui dentro. O historiador, seu João Brunet, ajudou muito na publicação aqui, na história. E muitas outras pessoas, né, e muitos patrocinadores estão aqui na revista também, seus retratos, quem patrocinou, quem ajudou, aqui ao jornalista Damião Lucena, Silvio Romero, eles ajudaram, né, confeccionaram a revista, fizeram as pesquisas, é uma revista muito boa. Muitos enfatizam que o que a igreja arrecada nesta festa daria para fazer bons programas sociais, mas não faz. Por exemplo, a festa de 2002 arrecadou R\$20.199,86. Dito isso, para onde vai este dinheiro? A maioria das pessoas se restringe a um dar com os ombros. Outras, em menor quantidade, são taxativas e diziam sem medo que todo esse dinheiro ia direto pro bolso do padre, que por exemplo passou o carnaval deste ano junto com outros rapazes da cidade em Recife, utilizando-se do carro da paróquia para a viagem. Conforme conta-se a dispensa correu toda por conta do padre. E se foi por conta do padre, e ele é o administrador do Patrimônio de São Sebastião fica fácil assimilar um ao outro. Porém, outras pessoas dizem que o dinheiro é para manutenção (Maria de Deus Amor) da igreja, para comprar vela, comprar os materiais de limpeza, pagar a secretária, consertar o som, etc. Cito como exemplo a construção da casa paroquial: *É a casa mais chique da cidade, tu já foi lá? Pois vá, e me diga se num é.* (Letícia). O fato é que se para estas pessoas, geralmente gente de fora, a igreja não poderia gastar tanto dinheiro com a construção da casa paroquial, comprando tudo o que há de mais luxuoso; a maior parte da população local aprova esta forma de empregar o dinheiro: *E o povo diz que o Padre Jorge num faz nada. Já fez demais, olhe, que beleza a casa paroquial. Catingueira se divide em antes e depois de padre Jorge.* (Dona Cleuza).*

III. “...e ele disse que você tinha dito que eu tinha dito a você que...”: Fofoca

Em quatro dias tava Catingueira inteira falando.

(Girlene, sobre um suposto roubo de presentes para o dia das mães, efetuado pelo pastor da Assembléia de Deus).

É comum na Catingueira ao cair da tarde as calçadas se encherem de cadeiras de balanço e as pessoas das mais variadas idades irem para a rua conversar. Disseram-me que este costume está cada dia mais raro, que eu me impressionaria se visse antigamente quando não havia televisão e realmente todo mundo saía de casa à noitinha para conversar. Disseram-me, sem esconder a nostalgia, que hoje em dia é diferente, com a chegada da televisão as pessoas preferem ficar dentro das suas casas vendo novela. Algumas senhoras ligadas ao serviço da igreja me disseram inclusive que foi a televisão que tirou as pessoas de dentro da igreja, que hoje tem até missa na televisão, e as pessoas se enganam quando pensam que é a mesma coisa ir a missa na igreja e assistir a missa em casa. A televisão é apontada como a responsável pela pouca fé do povo, assim como o alastramento do mal, em vários sentidos (violência, falta de trabalho, infelicidade). Em entrevista com o pároco da cidade ele reclamava da não assiduidade do povo ao serviço da igreja. Por que será, heim?

Mas num tem senhoras aqui dedica a essa missão de catequizar, né. Seria bom. Mas num tem. A gente chama e num sei se é, isso aí é desculpa, a casa, o marido, num deixa, mas é mais novela. O povo é muito viciado em novela, televisão. No domingo, o povo viciou

mesmo. Pra sair... tem hora que a gente marca as coisa e povo diz, “não bota um horário menos modo novela tal”. É uma vergonha um mulher dizer isso na igreja, eu acho vergonhoso, eu digo muito, né não? (...)

É por que o povo é difícil mesmo. Gosta de ouvi, só de ouvi. Agora ter uma tarefa... por que o povo é despreparado, né, num tem assim formação bíblica, num tem. Num aprenderam, num aprendem. Até as pessoas hoje é muito difícil. É como o bispo tava dizendo: “Olhe, 500 anos de evangelização, que a igreja evangelizou até hoje, a televisão derruba numa noite, o trabalho dos bispos, dos padres, dos pastores”. Quer dizer, numa noite, a televisão desmancha. Aí a igreja prega uma coisa, ela prega uma mais fácil que atraí todo mundo. Por isso que o pe. Zezinho falou: “Eu venho lá do sertão onde a religião ainda é importante”. O rádio, “que a televisão, o rádio e o jornal, convence mais cabeças que o padre lá no altar”. (cantando) É verdade. Então, é uma batalha grande da igreja com a televisão, hoje é um público enorme da televisão, Ave Maria, no domingo por exemplo. Tem muita oferta, muitas ofertas na televisão....

Algumas pessoas, conforme pude observar, ao cair da noite colocam a cadeira fora de casa na direção da televisão, que permanece ligada dentro de casa, em um volume altíssimo. Assim, nos intervalos das novelas ou o que quer que estejam assistindo, os telespectadores olham ao seu redor, conversam com os vizinhos que estejam na rua, ou simplesmente observam o movimento da noite. Geralmente estão com os olhos dentro de suas casas, em direção à televisão, apesar de estarem com o corpo fora de casa. Com este modo de ver televisão, ou seja, com a cadeira do lado *de fora* da casa assinala-se que o *costume dos antigos* é importante e agradável, e por isso deve ser mantido. Entretanto, ao mesmo tempo, assinala-se que a televisão também possui seu lugar nesta comunidade. Com esta atitude ao mesmo tempo enfatiza-se que os costumes de antigamente ainda fazem sentido, mas que esta sociedade não quer ficar no passado, que absorve o que lhe chega de progresso. Interessante é que essa absorção não se dá de forma abrupta, rompendo com velhos padrões de associativismo e modos de convivência entre os membros do grupo, ocorre aqui uma conversa entre o novo e o velho, onde o velho permanece e o novo é assimilado. Nem a televisão acaba com as conversas entre vizinhos, nem as conversas tradicionais com os vizinhos impossibilitam o acompanhamento das novelas e a ciência do que se passa pelo mundo.

Quase todas as noites eu me sentava em uma cadeira de balanço na calçada para conversar, freqüentei diversas calçadas e mesmo quando ficava na minha calçada nunca faltava gente para vir se sentar ao meu lado. Uma atitude me causava um certo impacto: o fato de que por mais que uma conversa estivesse interessante sempre que passava alguém na rua a conversa mudava drasticamente de sentido, indo se estabelecer agora uma conversa à respeito daquela pessoa que passara. Pergunta-se quem era ela/ele, e se não se reconhecesse pelo nome, perguntava-se pela família. E assim narrava-se algum fato novo da vida daquela pessoa ou de alguém da família. Quando tomei ciência deste fato comecei a me sentir um pouco constrangida. Sabia que a medida em que eu passava pelas ruas de Catingueira as pessoas estariam falando de mim. Cheguei até mesmo a escutar uma pessoa perguntando: “Quem é essa?”.

Além disso, minha vida era objeto de comentários vários, desde minha roupa, minhas companhias, onde eu comprava meu alimento, o que eu comprava, onde eu andava, onde eu havia ido, se havia namorado na festa e com quem, ou por que não havia namorado, onde eu morava, se morava com meus pais, se era casada, se tinha filhos, quem me sustentava naquela cidade, o que eu estava fazendo lá, quando ia embora, se voltava pra

próxima festa, etc.. Tudo era motivo de comentários e essas informações eram rapidamente socializadas, de forma que não tendo conhecido todos os moradores da Catingueira, creio que a grande maioria me conhecia. Era comum pessoas com as quais eu nunca tinha conversado me chamarem por meu nome.

Alguns pequenos fatos ilustram como fui percebendo essa característica da cidade. Certo dia, chegando de uma pequena viagem ao Recife, pensei em fazer uma surpresa para *Seu Além*, um senhor nascido e criado na Catingueira, mas que passou boa parte da vida fora da cidade, e que voltou agora na fase idosa. Sua casa é uma das últimas casas da Catingueira, perto do Açude do Prefeito. Minha intenção de fazer-lhe uma surpresa chegando sem avisar foi frustrada, ele já sabia que eu me encontrava na cidade desde cedo. Mas como sabia? Quem contou? Ele costumava me dizer que quando alguma coisa acontecia lá em baixo na estrada que corta a cidade, em poucos instantes ele ficava sabendo. E ria.

Durante uma entrevista com o pároco da Catingueira, uma senhora, suplente de vereador dirigindo-me a palavra disse que mesmo sendo uma moça da cidade eu andava *bem vestida*, que as moças da cidade só andavam *nuas*. O padre neste momento acrescentou: *viu, elas reparam tudo!*... e comentou que os jovens gostaram muito de mim, só para depois perguntar, (confesso que fui pega de surpresa, afinal, um padre....) do porquê de não ter eu namorado ninguém na festa. Ou seja, minhas roupas, minhas companhias, minhas atitudes eram observadas bem de perto. Um forasteiro deve ser inquirido sobre suas intenções na cidade⁶⁶. Porém, eu não acredito ter sido considerada forasteira em momento algum, uma vez que meus laços de parentesco com a cidade foram bem divulgados. Além disso, este é o mesmo procedimento que opera com todas as pessoas que por lá passam, sejam elas moradoras da cidade, ou não. Neste momento, ser *de fora* ou ser *de dentro* não fazia tanta diferença. Ou melhor, a balança da fofoca pesa um pouco mais do lado daquele que vem *de fora*.

Neste mesmo dia, enquanto o pároco me falava sobre a necessidade de se observar o luto a partir do que ele lia na Bíblia, que neste momento encontrava-se aberta nas suas mãos, disse-me:

“Durante um ou dois dias”, o luto de sentimento, essas coisas, né. Num precisa muito. Veja bem. “Pra evitar os comentários do povo”. O povo fala! Tá na Bíblia, tá vendo? Pra evitar os comentários do povo. Por que morre uma família sua aqui, e o povo: “Oh, a danada, chorou tanto e agora já tá aí, na rua, tá num sei onde”.

Além disso, quando estive planejando minha ida a Catingueira, conversei com um rapaz que havia morado naquela cidade durante 3 meses, e não tendo *agüentado* a vida por lá, voltara para João Pessoa. Ele me disse que eu não ia conseguir ficar na cidade e apostava como eu iria voltar antes. Isso porque, segundo ele, *a fofoca era demais*, as pessoas falavam da vida dos outros sem parar, e como eu não estava acostumada com isso, da mesma forma que ele, uma vez que moramos em grandes cidades, eu não ia *agüentar*. Por isso, fui para a Catingueira realizar meu trabalho de campo ciente de que este fato poderia ser interessante antropologicamente, e que eu deveria estar atenta a isso, apesar de não ter a fofoca como centro da minha pesquisa.

Ora, a fofoca, e isso estava explícito no discurso deste rapaz que me alertava para os perigos da minha permanência prolongada naquela cidade, carrega um peso moral negativo

⁶⁶ Mas um exemplo da hierarquia: o de baixo passa para cima. Nem sempre o *de fora* é hierarquicamente superior ao *de dentro*, há momentos como o demonstrado aqui que a relação se inverte.

muito forte, principalmente por parte daqueles que não estão envolvidos na mesma experiência social. A fofoca é tida como um meio destrutivo de falar dos outros, uma vez que quem fala geralmente incrementa o fato narrado ou mesmo inventa fatos variados sobre a vida alheia. A fofoca, no senso comum na cidade grande, é visto como um traço degenerativo próprio do ser das pequenas cidades.

Não penso que tenha me tornado uma catingueirense como todas as outras moças da minha idade, uma vez que tenho consciência de que eu era vista de maneira diferente em muitos sentidos. Muito menos quis me transformar em nativa, já que esta é uma opção que não me era dada, uma vez que estava óbvio, pela minha fala, meu sotaque, minha roupas, minha alimentação, meu jeito de conversar, a casa onde fiquei, e etc., que eu não sou catingueirense e que ali estava apenas de passagem. Porém, após meus dias de catingueirense, ou seja, quando submetida aos mesmos fatos que os catingueirenses estavam submetidos, seja a alegria da chuva, seja ao sol que impede que se saia de casa entre as horas do meio dia, seja quando foi preciso ir fazer compras onde eles faziam, seja quando fui tentar descobrir como se poderia conseguir uns óculos de graça na prefeitura para uma criança carente, ou seja, quando estive sujeita as intempéries as quais eles também estão sujeitos; eu, que não sou catingueirense, agi da mesma forma que eles agem, ou seja, perguntei e quis saber da vida das novas pessoas que chegavam a cidade.

Qual não foi minha surpresa ao final dos meus dias na Catingueira quando me vi indagando as minhas companheiras-informantes quem era aquele fulano que havia chegado, querendo saber suas características da mesma forma que as minhas haviam sido divulgadas, provavelmente com a mesma curiosidade e interesse que marcaram as conversas em torno do meu nome⁶⁷.

Como diz Marcio Goldman (2001) em um belo texto, fazer antropologia é deixar-se afetar, no sentido de afecção, de se submeter, estar sujeita, deixar-se confrontar e ser afetada por um fato, acontecimento, ou mesmo um som ou odor. Foi assim que ao permanecer na cidade, onde me era dado, pelas minhas identidades, ir-me, ou seja, ao fim das festas, quando todos os turistas vão-se embora; foi no momento em que precisei me valer dos poderes públicos; foi quando precisei fazer compras em Patos, já que em Catingueira não havia o que eu precisava; ou seja, foi nestes momentos vários em que as pessoas me viram sendo afetada pelas mesmas intempéries e maravilhas do sertão, da mesma forma que elas o são, foi exatamente aí que agi como uma legítima fofoqueira. Atitude comum entre os catingueirense não importando a faixa etária⁶⁸.

⁶⁷ Diário de Campo do dia 07/01/02: *Para tentar explicar o por quê ficarei tanto tempo nesta cidade, que a maioria considera ruim de se viver, disse para a Letícia que eu precisava viver como um Catingueirense, queria agir como se eu fosse uma. Ela soltou uma gargalhada alta e contou para Doutô José que eu vou virar uma fofoqueira, como todo mundo. Ela disse que todo mundo aqui fala da vida de todo mundo, e dizendo isso, ela mesma começou a falar dos filhos de Douto José e do quantos eles gastam e que eles não gostam dele e etc..*

⁶⁸ Para fazer antropologia acredito ser preciso deixar-se afetar pelas mesmas coisas as quais os nativos estão sujeitos. E quando digo isso incluo até mesmo o clima e as manifestações da natureza são importantes. Quanto mais se pensamos uma comunidade como a Catingueira, onde a chuva é promessa de vida e a ausência dela aponta para a morte, material, mas também espiritual. Não é a toa que o ciclo de festas religiosas no nordeste coincide com o período de abundância. Seja a esperança de abundância, em janeiro quando as chuvas se fazem presente, seja no meio do ano, quando é época de colheita. Ora, é visível ao olhar estrangeiro e ao olhar auto-referencial (dos catingueirenses sobre si mesmos) as conseqüências da chuva, de um inverno bom. *O sertanejo fica mais alegre*, os galhos secos que tornavam a paisagem árida e pobre se

Gluckman (1963) deixa claro que a fofoca e o escândalo são meios de se estabelecer comunidade, e vai mais longe dizendo que a fofoca *is part of the very blood and tissue of that life* [community life] (308). Este dois objetos, fofoca e escândalo, tem para o autor valor positivo e valioso justamente porque é visto como meio através do qual a sociedade se faz e se mantém: *Clearly they maintain the unity, morals and values of social groups.* (308). Além disso, a fofoca tem também o poder de acelerar um processo de desintegração social (314), da mesma forma que une, pode separar. Se presta também à manutenção das tradições e valores de determinados grupos, além de definir quem pertence ao grupo e quem não pertence. Como ele diz (313): *There is no easier way to putting a stranger in his place than by beginning to gossip: this shows him conclusively that he does not belong.* Indo ainda mais longe, Gluckman diz que a fofoca é uma taxa social (social duty), um dever que o membro da comunidade tem para com o grupo ao qual pertence (313, 315). ... *if a man does not join in the gossip and scandal, he shows that he does not accept that he is a party to the relationship; hence we see that gossiping is a duty of membership of the group.* (313)

Assim, quando um estrangeiro entende as fofocas e principalmente participa delas isso quer dizer que ele já não é mais um estrangeiro, e que já compreende um pouco daquela comunidade em que está. Deixar-se afetar vai na mesma direção que o fazer parte da comunidade, ou mesmo pode ser visto como condição daquele.

De acordo com Caniello (1993:73-77) falar da vida dos outros pode ser considerado *um traço na cultural local*, em se tratando da cidade pesquisada por ele – *tal como ocorre classicamente na maioria das situações sociais marcadas pela auto-contenção*. Nestes ambientes, para este autor, a fofoca funciona como uma estratégia de acomodação de conflitos, as pessoas pensam duas vezes antes de agir de maneira contrária a opinião pública justamente por medo de *ficar falado* o que equivaleria a *não ser confiável*. Não se pode com certeza dizer de onde nasceu a fofoca e assim evita-se conflitos abertos, o que seria não desejável em contextos onde a todo momento se pode encontrar com aquelas mesmas pessoas de quem se falou ou se suspeita que falou de você. Da mesma forma, Prado (1993:47-48) trata a fofoca como mais um dos mecanismo de controle social típico de cidades pequenas.

Visto de um lado, a fofoca promove a socialização das informações, através da afirmação do que é merecedor de aplauso, escárnio ou deboche. A fofoca é, para o antropólogo, um meio de se penetrar numa sociedade, observando o tema e o teor das fofocas é possível descobrir algumas estruturas de significados que direcionam aquela comunidade. Não poderei deixar de citar: *O mexerico na cidade é muito caloroso e muito útil ao antropólogo.* (Shirley 1977:234). Em se tratando de Catingueira, internamente a fofoca tem outro estatuto, não completamente diferente daquele valor moral negativo do qual fui alertada antes de chegar lá. Seria preciso distinguir dois tipos de fofoca: a primeira, aquela que informa, que quer saber sobre, guiada pela curiosidade e mesmo pela necessidade de preservação da sociedade, uma vez que aquele que vem *de fora* pode, no limite, trazer algum mau para aquela comunidade, em sendo um ladrão ou um traficante de drogas⁶⁹. O segundo tipo de fofoca é aquele do qual se fala de alguém de maneira maldosa, cujo objetivo é destruir uma reputação conquistada. Ou até mesmo, quando se fala de

convertem em verde forte, anunciando boas colheitas, retificando a dispensa da migração, como se aprovasse a decisão de permanecer no sertão feita por tantas famílias.

⁶⁹ Mas uma vez o mal vem *de fora*, o *de fora* é inferior ao *de dentro*, confirma a tese da hierarquia.

alguma característica positiva sem a intenção de fazer-lhe o mal. No entanto, o fim é uma ação malévola sobre aquela pessoa, algo próximo ao ditado *de boas intenções o inferno está cheio*. Para este tipo de fofoca uma prescrição é necessária: as rezadeiras.

Se a criança está com fastio, não quer comer, se está com febre, se está quietinha não quer brincar. Se o adulto está sem vontade de trabalhar, ou se não quer nem mesmo *farrar*⁷⁰. Se a moça não arranja namorado. Se o rapaz foi despedido do emprego. Se uma onda de má sorte adentra por uma casa. Se alguém quebra a perna. Tudo isso, e outros infortúnios podem ser atribuídos ao *oiado*, ou seja, ao mau-olhado. O *oiado* é fruto da inveja, e geralmente é externalizado em forma de fofoca. Duas pessoas de língua grande conversando sobre outra pessoa com intenções maldosas, mesmo que não invoque em voz alta algum mau àquela terceira pessoa, pode estar colocando *oiado* nela, mesmo sem saber. É bom, e recomendável, ir-se constantemente a rezadeira, que com um ramo verde, de qualquer planta, ou para algumas rezadeiras de um *pé de pau* específico, pode exortar o mau que tenha sido colocado sobre aquela pessoa. Pode-se além disso, ficar sabendo se quem colocou o *oiado* foi homem ou mulher, isso por que se a rezadeira errar ou tropeçar nas palavras ao rezar a Ave Maria indica que quem pôs o *oiado* foi mulher. Se a rezadeira errar ou tropeçar nas palavras ao rezar o Pai Nosso, o mau feitor é um homem. Pode-se também saber a intensidade do mau desejado, de acordo com o estado final dos raminhos verdes. Se eles estão muito murchos significa que a pessoa estava carregada de mau-olhado, se eles não murcham tanto, a pessoa não tinha tanto *oiado* assim.

Apesar de bastante difundida, a crença na eficácia das rezadeiras é contestada por algumas pessoas. O filho do prefeito, um rapaz na faixa dos 25 anos me disse que não acreditava nisso de jeito nenhum, que qualquer ramo verde que uma pessoa balançasse por alguns instantes ficaria murcho, que não é pelo peso dos maus olhados que o ramo murcha, mas pelo simples sacolejo a que eles são submetidos.

Otávio Velho (1995) distingue o *mau-olhado* do *olho mau ou ruim*. O primeiro diz respeito ao *olhar* (existencial, interno) e o segundo diz respeito ao *olho* (ontológico, externo). Em sua faceta ontológica este tipo de mau não se opõe de modo absoluto ao bem, uma vez que o olho-mau, quando não dirigido a si, pode ser útil para proteger-se contra outros males de outras naturezas. Ao passo que o mau-olhado é sempre dirigido a alguma pessoa e tem por fim algum mal.

Pensada assim, a fofoca pode promover uma rede de solidariedade, baseada na religião, que passa pela prevenção e cura dos males, tanto físicos, quanto espirituais. Porém a fofoca também pode criar focos de conflito, como alertava Gluckman (1963:314) que podem levar a desintegração social. Se por um lado como mostra Caniello (1993) a fofoca é um dos mecanismos de acomodação social dos conflitos, impedindo confrontos abertos e diretos, aqui fica claro como a fofoca é deflagradora de conflitos, na medida em que o diz-que-me-disse se generaliza. É sobre este tipo de fofoca que nos deteremos agora. Temos um exemplo de como a fofoca e o diz-que-me-disse podem funcionar. Transcrevo uma parte da entrevista feita com *Dona Maria*, uma senhora de aproximadamente 65 anos, que de tão católica, foi para sua extrema irritação apelidada de *Maria de Deus Amor*. Hoje ela diz não

⁷⁰ Fazer farra, fazer festa, beber, namorar, dançar, se divertir, geralmente com acento negativo. Outra expressão que se assemelha a *farrar* é *cair na bagaceira* ou *ir pra bagaceira*. Quando a festa estava em plenos vapores *Doutô José* estava se sentindo mal, só queria ficar na rede, não queria beber nem comer, assim ele me disse, e por isso foi a uma rezadeira, por que aquilo só podia ser produto de mau olhado, já que em dia de festa ele deveria estar contente.

se importar com o apelido e até mesmo apreciá-lo, mas isso só depois de uma longa conversa com um padre de sua estima que lhe mostrou o quanto seu apelido era agradável a Deus. Mesmo assim, as pessoas às vezes têm um certo pudor em chamá-la por este nome, com medo de que ela se zangue, já que inicialmente o faziam em tom de chacota e a reação de Dona Maria era sempre enérgica. Ela me disse que recebeu do Espírito santo, por milagre, o dom de ler a Bíblia, mesmo sendo analfabeta. Ela conta o ocorrido com emoção e se orgulha de poder fazer as leituras na Igreja durante as missas. Seu marido morrerá a pouco e ela me reclamava muito das dificuldades financeiras pelas quais estava passando. O episódio narrado por Dona Maria deixa-nos antever um diz-que-me-disse que envolveu toda a cidade, com repercussões em vários ambientes. Envolveu o padre, a quem foi atribuído o papel de provedor dos pobres; um rapaz de aproximadamente 22 anos, estudante do primeiro grau e trabalhador da terra; o dono de uma das mercearias, uma das maiores e mais antigas da cidade; a senhora em questão; e porque não, toda a comunidade no sentido de que todos souberam e comentaram sobre o acontecido, tomando partido de um lado ou de outro.

O fato: Se é que podemos reduzir o fuxico em poucas linhas que representem algo que realmente ocorreu, eu seria clara e objetiva: temos uma cesta de alimentos, a chamada *feira*, entregue a uma senhora por um enviado do padre local. Não poderia dizer nada além disso. Mas poderia aferir uma suposta difamação do padre por parte desta mesma senhora que recebera um presente do mesmo. Uma suposta delatação do ocorrido ao padre. Um suposto fuxico feito na mercearia sobre o fato e sobre a vida particular do padre (essa parte da história será confirmada por ambas as partes, uma vez que Dona Maria pediu perdão ao padre por ter falado mal dele, de acordo com o que ouvi de um e de outro). Mas deixo agora Dona Maria de Deus Amor contar toda a história, tim tim por tim tim (não é assim que funciona a fofoca?).

Versão 1:

Maria de Deus Amor: “Dona Maria, pro que a senhora...”, eu comprei, foi certo, ele comprou uns ovos, carne de gado, e uma verdura, e trouxe e mandou pra mim, por Jack, né. Aí quando chegou aqui, eu disse, “ôi, meu fio, quem mandou... essa beleza pra mim?” Aí Jackson: “Eu num posso dizer”. Ah! eu digo, “Eu sei quem foi, foi aquele santo da igreja. Oh, Jesus abençõe meu pe.”, levantei as mão por céu e dei graças a Deus. Aí tinha um camarada aqui, sentado aí, disse “Espera aí: ela tá louvando a Deus por ele, agora eu vou derrubar ela”. Foi lá e disse a pe.....

F.P.: Quem foi que fez isso? Esse Jackson...?

Maria de Deus Amor: Jack veio trazer a carne a mim, né, que pe. mandou, e outra criatura que tava aqui é que foi fazer o fuxico a pe., que viu eu louvando a Deus por ele aqui. Aí eu digo “Pe.”.... lá vem ele aí...eu digo “Pe.....”

(Neste momento vinha subindo a rua um rapaz chamado Tico, ou Tico de Abel, seu pai.)

F.P.: Vem cá Tico.... (Tico diz de longe que não vai, e me chama a sua presença. Fica claro que ele não queria vir por que eu estava com Dona Maria de Deus Amor. Fui até o outro lado da rua, conversamos sobre os cocos que eu tinha pedido que ele trouxesse do sítio, e logo voltei a me sentar ao lado de Dona Maria de Deus Amor do lado *de fora* da sua casa. Percebendo a situação perguntei:)

F.P.: Tico? Tico de Abel?

Maria de Deus Amor: Hum, hum, por certo foi, né. Eu digo: “Pe. desde que aquele menino de Abel entrou na igreja que o senhô fechou a cara pro meu lado. Foi ele num foi?” “Eu

num posso dizer”. Eu digo: “diga!” Por que a pessoa mata a cobra e mostra o pau, né. “Eu sei que foi ele, Padre”.

F.P.: Ele falou o que da senhora?

Maria de Deus Amor: Que disse que eu tinha falado do pe., rapaz!

F.P.: Falado mal do pe.?

Maria de Deus Amor: Sim, do pe. quando ele mandou a carne pra mim. Ai, eu cheguei e falei muito dele. Num falei muito dele não, falei dele, lá em Patrício, no dia 14 desse mês...

F.P.: Falou de quem?

Maria de Deus Amor: Eu falei de pe Jorge, pro que... ele... em dezembro, eu pedi a ele pra ele me ajudar eu a pagar a minha continha da budega, né, de Patrício, ele disse que depois da festa de São Sebastião ele me ajudava, n’era? Aí, quando foi o dia 14 desse meise que passou todo o meu dinheirinho que sobrou foi 50 real, aí eu devia 49 a Patrício, digo: “Eu vou pagar o Patrício”, que é a continha nova, a velha é encostada, né. E essa conta nova paga, aí eu faço uma feirinha. Sobrou um real, né. “Dona Maria...” “Patrício, agora eu quero que meu filho me arrume uma feirinha, pode?” “Dona Maria, a senhora vai butá conta em cima de conta, a senhora paga?” Ai, minha querida, me trespassou, né. Num tinha nada em casa, nada, no dia 14. Ai eu disse, “Jesus e agora?” “Pro que não pede a Pe. pra lhe ajudar?” “Peço mar não, peço mar não, que ele sabe, em dezembro eu pedi, ele disse que dezembro num podia, mas em janeiro, depois da festa me ajudava, e eu fui atrás, pedi uns troçinho pra eu comê, que eu num tinha, ele disse que num podia dar, que num tinha sobrado nada da festa”. Eu digo, tá bem...

F.P.: Num sobrou nada da festa? A festa deu 20 mil...

Maria de Deus Amor: Eu digo da comida, né, da comida. Por que eu pedi um arrozinho um feijãozinho, n’era? Num sobrou nada, comeu 70, num sei quantas pessoas pro aí. Lá vai. Eu digo pro que tem o dinheiro do dízimo, eu falando lá em Patrício, né. Tinha um camarada lá que é parecê deles. Tem o dinheiro do dízimo, que o dinheiro do dízimo é pra manencia da igreja e pra fazer a caridade. É ou não é?

F.P.: Eu acho que é.

Maria de Deus Amor: É, ele num pode gastar um tostão fora a caridade e o serviço da igreja. Do dízimo, né. E até agora num me deu nada e num sei onde tá butando esse dinheiro.

F.P.: Ele dá para outras pessoas?

Maria de Deus Amor: Num sei meu amor, num sei de nada dele, eu num sei de nada. Ai, eu disse: “Eu falei do senhô”. “Falô?” “Falei!” Ai expliquei tudo, “o dinheiro do dízimo que eu falei e o senhô num me arrumou nada e pro que o senhô sabe que o dinheiro do dízimo, pe., é pra manencia da igreja e fazer a caridade os pobres, os doente”.

F.P.: E o que que ele falou?

Maria de Deus Amor: Num disse mais nada. “Não o dízimo num sei o que, num sei o que...”, disse, “tá bom”. “Eu quero que me perdõe, me perdõe pelo amor de Deus e nunca mais fale mal, pro que na hora da missa, pe., o senhô tem um mal costume, pro que na hora da missa o senhô num pode maltratá ninguém nem condená ninguém, num pode condená ninguém. Na hora da missa o senhô abre a boca e diz que o povo tem a língua firina, a língua de abróbra, num sei de que, vai pro inferno quem veve falando da vida alhea, num sei o que, num sei o que. Isso aí num pode falar na missa não. Deixe pra falar depois da missa, ou antes da missa, uma reunião, chame a comunidade, faça reunião, e diga agora, vocês vão me dizer quem é que fala de mim e da igreja, né?” Num é bonito? “Mar não pe. do jeito que o senhô faz, que o mundo tá vendo, pro que vê com os zóio e

pega com a mão! Eu mesmo pe., nunca fui não, atrás do senhô, nem sei não. Mas o povo é quem diz, que o senhô só veve bêbo, que o senhô só veve de farra, de tudo no mundo. Os três dia de carnava s'era do senhô.... o senhô num podia t'a dentro da igreja igual nós? Trancado e louvando a Deus? Não, foi para o carnava, na igreja o senhô num pisou.” “É por que o pe. é livre, o pe. também pode farrá e num sei o que, num sei o que.” “Tá certo, meu filho, Deus que te abençoê, você que me perdõe.”

F.P.: *A senhora num concorda não, né?*

Maria de Deus Amor: *Concordo não senhô, não, não, não. Não, meu amor... (tose), eu sei que ele disse: “Jesus num foi a festa de Canã na Galileia? E num era uma festa, ele fez vinho?” Justo, ele fez vinho, virou água em vinho, mas foi, é vinho da igreja n'era? Mas não vinho de cachaça. Num concordo não, pro que quando o pe, seminarista, tanto ele cumo a freira, que ele põe seu rosto por terra, toda a comunidade os braços em cima dele, o bispo com o missá, nas mão, na cabeça dele, bem fulano, renuncia assim assim assim? Renuncio. Você jura, jura, fazer assim, assim? Juro. Tá em juramento a Deus. Quê dizê: ele jurô a Deus, num foi? Tem que cumpri. Você garante d'agora em diante, sê um bom sacerdote, rebanhá as ovenha pra igreja, garanto. Ai, minha irmã, eu quero muito bem a ele, gosto dele tudo, mas tenho muito disgosto dele, a pena é que eu tô rezando todo dia quase um terço pra ele, para vê se Jesus dá um siná a ele, toca no coração dele. Que ele preste juramento a Deus, né, pro que... Pe. num cunfessá, pq as zeladora, ele tem a obrigação, toda primeira sexta confessá.*

F.P.: *E aqui num confessa não? Por que?*

Maria de Deus Amor: *Não, não, não. Eu num sei, meu amor.*

F.P.: *A senhora já tentou confessar com ele?*

Maria de Deus Amor: *Pedi 3 vezê. Ele Dona Maria a senhora num tem pecado não. Ai diz, Deus vós abençoê, num sei o que, num sei o que... pronto. E as outra, todo domingo ou todo dia, recebendo o corpo de Jesus, entra ano sai ano, num pode meu amor, a zeladora ela tem a obrigação de toda primeira sexta do mês se cunfessá.*

Escutemos agora a versão do Padre.

Versão 2:

Pe.: *Pronto, Dona Maria, é uma pessoa que a gente ajuda muito, certo, na paróquia a gente sempre fez campanha pra Dona Maria, sempre gostei de ajudar, o marido dela doente eu fazia as coisas, por exemplo, fazia campanha aqui de feira, de carne, eu e o menino do frigorífico, o Jackson. Jackson dava carne eu dava verdura, pagava. Levava lá pro marido dela. A tarde eu tive noticia que ela tava falando que com o marido doente eu nunca pisei lá pra ajudar, pra fazer nada, no mesmo dia que eu tinha mandado aquela feira. Ai ela vem pra igreja se debruça no chão chora, faz aquela... aí a gente tem até pena, acha que tá morrendo mesmo, né. É prá comover as pessoas, as zeladoras, como Dona Dirce que se comove muito. Sônia, presidente do Apostolado, Dona Didinha que ajuda muito. Ai vê aquilo dizendo que não tem feira, não tem ninguém por ela, o marido morreu, o comerciante cortou d'ela comprar na mercearia, e ela num tem ninguém, tá sofrendo, tá passando fome. Ela tem aposentadoria, como muitas outras da paróquia e vive. E ela vive de choradeira, de, por exemplo: ela vem aqui que reza, “hoje vai ter o golpe”, quando eu vi ela rezando, chorando, ajoelhada assim, ela vem e já pede uma coisa, pede uma cama. “Dona Maria, eu tenho um colchão, qué?” “Não, num tem a cama...”. Ai quando eu dou o colchão a alguém ela vem, “Eu dei, Dona Maria”. E ela sai falando.... Ai no Patrício ela pediu pra eu pagar as contas dela, eu disse assim: “Dona Maria, o dízimo...”. Ela pensa*

que o dízimo é pra.... por que o dízimo são três dimensões, o dízimo. A dimensão missionária, que é pra missão, livro da catequese, qualquer coisa sobre missão, enviar um missionário pra fora. Então, tem a dimensão que é religiosa, que é a hóstia, o vinho, tudo da igreja, tudo dentro da igreja ajuda a pagar. **E a dimensão social que é que sobrá alguma coisa do dízimo ajudá um necessitado.** Um remédio, uma pessoa com remédio controlado. Então, ela acha.... ela andou 3 dias na campanha do dízimo com a gente, ela percebeu isso, que a Bíblia dizia isso. Agora ela pensa que o dinheiro é só pra ela. Queria o dízimo só pra ela. Eu disse: “Dona Maria, tem tanta gente que eu ajudo aí, remédio e feira, num só tem a senhora não!”. E um dia destes chorou aí, fiz as zeladoras, cada uma deu 5 reais, fiz uma feira grande, deu pra ela. Ela sumiu. Eu disse: Quando se acabar ela volta de novo, começa a rezar, fazer choradeira.... risos. Ela faz isso.

F.P.: Ela só vem quando está precisando?

Pe.: Não, mas ela fala muito dos outros que não vão, mas é a que mais falta. Ela gosta, vai pra Patos, pede lá em Pe. Luciano, na paróquia lá, faz choradeira, e vive disso, né. E se eu dou hoje aí se eu num dou amanhã, **ela acaba comigo.** Assim com as zeladoras, fizeram isso com ela, quando ela pedir denovo se não der ela saí acabando. Tem esse problema. É uma fraqueza dela. Muito religiosa, num sei se é verdadeiro aquilo nela, se é só um verniz superficial, só uma casca eu acho a fé dela. Eu acho. Ela, por exemplo, quando tem as coisas aqui, os menino avisa e ela num vem, quando a igreja tá fechada, que o povo vai fazer, que o povo vem, ela chega sozinha(imita a senhora): “Ah a igreja só vive fechada, a gente vem pra rezar num tem, ninguém reza”. Quer dizer, no momento em que tá todo mundo da comunidade, ela saí no meio da missa, saí no meio da coisa, só qué ela fazer, só que ela falar. Então, quando alguém tá falando ela num escuta, ela dirigindo tá tudo certo, tá tudo bem. Então o problema, eu num ligo muito, sabe. Pessoal sabe. Ela veio aqui pedir perdão que tinha falado de mim, num sei o que, por aí... “Não, Dona Maria, eu num ligo isso não. **Se fosse ligar pra quem fala da gente, Ave Maria, eu já tava longe daqui**”. Isso eu já me acostumei, num me aguento não, num me aguento isso não. Isso é um problema que fere um pouquinho a gente, mas a gente num vai desanimar por isso não, da comunidade, se fosse desanimar por qualquer problema, num ia muito longe não, saía logo. Desistia logo até da caminhada. É espinhosa, né, muito espinhosa.

O próximo exemplo caminha no mesmo sentido do primeiro, a fofoca neste caso chega a causar a expulsão pelo patrão, ou seja, o dono das terras, de uma família de agricultores da propriedade onde ela se estabelecerá há duas gerações. Dona Lulu nos conta sobre como um mau entendido pode levar a conflitos sérios que tendem a levar a comunidade a desintegração. Esta senhora de aproximadamente 40 anos, agricultora desde menina, sintetiza, com primor, em uma frase o funcionamento da fofoca, quando diz: *e ele disse que você tinha dito que eu tinha dito a você que...*

Lulu: Doutô Gaioso chegou aqui, fez primeiro uma evasão aqui em casa, bateu com a porta, a porta tava fechada, quase quebra nossa porta. Mamãe já nessa idade, nós tamo aqui ela tá com 80, mas quer dizer que tava com 77, né. Eu digo: “Olhe, mamãe nessa idade, doutô Gaioso num respeitô a nossa casa, mandou a mão na porta aqui, quase butava dentro de casa, Marçal”... é o oficial de justiça, eu conversando com ele, e **ele disse que você tinha dito que eu tinha dito a você que** ninguém votava em Catingueira, que votava tudo em Emas e Olho D’água? Ele disse: “Mari’Lúcia, pelo amor de Deus....esse negócio aí só foi as mulê de lá, num foi você não, Mari’Lúcia...” Ela até disse: “A mulê magra, as duas muê magra, que disse, num foi você não Mari’Lúcia....”. “Mas quem

guentou fui eu, e por isso nós num vamo mais fica aqui não, ele butô até nós pra fora da propriedade. Nós nascemo aqui, nós num somo delinqüente, nós num somo marginal, nós aqui fiquemo fazendo o bem”. Nós morava na fazenda, eu digo, a casa que nós mora lá, foi meu pai que fez.... Eu digo: “Aqui a gente tem despesa, saúde, essas coisas”, tudo era lá em casa. Também o padre, Jorge, pronto, era tudo lá em casa, tudinho, nessa época que a gente tava lá. Mas a gente saiu. Eu acho bom aqui neste ponto por que é nossa e ninguém vai vim incomodar, né, baté na nossa porta. Mas por que a gente num cria, eu acho ruim por isso, e nem planta. Por que, olhe, tendo o milho e o feijão, que é mais o que a gente gasta, o arroz já é mais pouco, já fica o dinheiro pra outra coisa. Mas eu vou conseguir aqui, Pitombeiras, se Deus quiser.... [referindo-se a demarcação de terras].

Depois de tudo isso resta-me dizer que a fofoca não é um tema menor e que através dele podemos sim conhecer uma comunidade. Pode ser considerado um traço comum a todas as pequenas comunidades (Caniello 1993, Prado 1993, Lingeman 1980); produtora de comunidade, servindo para manutenção da sua unidade, moral e valores (Gluckman 1963); como um meio de estabelecer controle social (Prado 1993, Willems, 1961:99); meio de circulação rápida e eficiente de informações (Willems 1961:99); e também meio de manutenção de costumes (Milanesi 1978:190). E mesmo como meio de discutir as inter-relações entre o que ocorre na prática e o código social, como descreve Da Matta (1976:235), em relação aos Apinayé. Conseqüências a fofoca traz, sem dúvida, e podem ser mesmo drásticas como nos conta *Dona Lulu*. Pode também ser vista sem maiores conseqüências como fica claro com a fala de Pe.: *Não, Dona Maria, eu num ligo isso não. Se fosse ligar pra quem fala da gente, Ave Maria, eu já tava longe daqui*. Porém a fofoca está lá, e atua, seja na direção da integração favorecendo a comunhão dos valores caros a sociedade, seja no sentido da desintegração quando destrói laços sociais construídos. Porém gostaria de não passar a impressão de que a fofoca está somente a mercê da integração e/ou desintegração da comunidade. Como mostrei acima a fofoca integra um complicado sistema onde religião, prestígio social, situação moral e financeira, se mesclam para produzir tão pungente fato social.

IV: Sobre a antropologia da alimentação

Uma pesquisa interessante a ser feita na Catingueira ou em outra parte do sertão seria na direção de uma antropologia da alimentação. Pude constatar a predominância do milho e do feijão, comida diariamente, muitas vezes em todas as refeições. A *mistura*, ou seja, o que há além do milho e do feijão pode ser carne, macarrão ou legumes. Os legumes em geral são dotados de baixíssimo prestígio social, enquanto a carne ocupa a melhor posição. Frequentemente, come-se juntamente com a comida um pedaço de rapadura, chamado *taquinho*, ou seja, um pedacinho. Simultaneamente, de um lado da boca, o lado contrário ao que receberá a comida, tem-se o *taquinho de rapadura*, do outro lado, a comida salgada. Assim a mastigação ocorre simultaneamente misturando o doce da rapadura e o salgado da comida.

A comida é constantemente seca, isso teria alguma analogia com a própria terra, com o ambiente geográfico?

O milho é bastante consumido na forma de cuscuz. Salgado (com carne, cebolas de cabeça ou verde, coentro) ou doce (com leite de vaca ou leite de coco, manteiga, podendo

ser misturado ao coco). Quando, na venda, me perguntavam se eu não ia comprar verdura isso significava exclusivamente coentro, a única hortaliça que era encontrada na Catingueira. Outras verduras são consideradas raras e muitas vezes *comida pra boi*. Um moça me perguntou o que eu comia no Rio de Janeiro, disse-lhe, dentre outras coisas, que eu comia alface, ao que ela disse que já tinha comido alface sim, uma vez, mas que não tinha gosto de nada e por isso, não gostava. Batata doce e mandioca são comidas freqüentemente, seja no café da manhã, seja na almoço ou janta, sendo comum acrescentar manteiga, de preferência manteiga de garrafa.

Distingue-se o *cumê de panela*, ou seja, os alimentos sólidos das sopas, papas ou minguais. O arroz não é tão indispensável quanto o feijão, se o dinheiro está escasso compra-se primeiro o feijão e o milho, o arroz vem depois. Em grande parte das casas, come-se o arroz produzido nos sítios, ao qual chamam *arroz da terra* e não o arroz industrializado. Quanto ao preço o primeiro é mais barato, além de mais nutritivo já que dele não são retiradas todas as cascas, assemelhando-se ao arroz integral. Comer arroz industrializado é, no entanto, um indicador de superioridade na hierarquia social.

O pão comprado na padaria é a cada dia mais largamente consumido, substituindo o consumo de cuscuz doce, tapioca e bolo de caco. Comprar pão todo dia é indicativo de opulência. O pão doce conta com uma leve preferência em relação ao pão de sal. Sobre o bolo de caco gostaria de dizer que é bolo feito na frigideira ou no tacho de barro. O nome vem do fato de que ele era feito em cacos de panelas de barro quebradas, o que demonstra a origem simples deste alimento. O essencial na massa do bolo de caco é fubá e óleo. Pode-se acrescentar ovo, farinha de trigo, açúcar, sal e substituir o óleo por manteiga ou margarina. Na feira de São Cristovão, no Rio de Janeiro, considerada um feira nordestina não se encontra este tipo de bolo, nem ao menos os barraqueiros sabem do que se trata. Talvez o bolo de caco seja uma invenção tipicamente catingueirense. Na Catingueira todos sabem do que se trata, e lembro-me bem de uma senhora, Ana, que ficou espantada ao saber que eu gostava do bolinho de caco. Para me agradar fez alguns e mandou para mim. Talvez não fosse esperado que uma moça da cidade gostasse do bolo de caco, que como o nome desnuda, é feito de cacos e nos cacos. Em uma conversa com Seu Manuel, trabalhador rural, ele me disse o seguinte:

79 é minha idade, e trabalho diretamente, direto. Olhe, eu ignoro aquele povo do sul, um homem com 60 ano tá acabado. Que diabo é aquilo, menina? Acabado, acabado. [Porque será?] Eu sei lá.... sabe o que é? Estudo demais. Sabe o que acaba com a pessoa? Estudo, mas acaba mesmo. Estudo e a comida que mais acaba com o sujeito. Por que é o povo que mais come... eles pensa que tão comendo uma comida descente, mas é nada, é a comida mais ruim que existe no mundo. Toda qualidade de verdura de tudo no mundo. Ele, o médico encomenda pro camarada comê muita verdura, mas num sabe que aquela verdura tem delas que tem micróbio demais, micróbio! Muita verdura, prantada, aguada só com água de esgoto, com água de tudo no mundo água aquelas verdura. Aquilo ali tem micróbio demais... eles num querem, tenha a bondade, carne véia de toda qualidade, que vem do sul, em lata e aquelas coisas, eles come aquilo como uma coisa bem bacana. E o sertanejo só o mio, o feijão, pão e a farinha, é por isso que o sertanejo vai muito pra frente proque num come essas carne véia, crua, só faz vira pra lá e para cá, isso aí é que acaba com o pessoal. A senhora..., a qualidade do pessoal do sertão num é outra, toda diferente? Diga uma coisa: já viu esse povão, desta grussura, isto é um povo morto, num tem força de nada não. Olhe, tocinho de poirco, feijão e rapadura todo o homem come e ir pra lí, é como práí.... Que no sul o povo só come aquela folha véia, aquela carne véia, crua, Ave

Maria. [se refere aos programas de televisão que ensinam receitas] Mas o comê daquele povo... eu tô pra mostrá a Ciça como é que é. Aqueles bolo véio, vai fazer aquelas comida. Bota toda qualidade de proquera junto, óleo véio, bota leite, num vale nada, [Mas fica gostoso... (Cícera)] Isso é conversa, num vale nada, fica gostoso Çica mas aquilo num tem futuro não. Tô falando, num quero isso não. O médico mesmo, é pro causa da comida, a comida é diferente.

Conclusões

Sobre purê de batatas, percepções nativas e a diáspora nordestina

Chegamos ao final deste texto. As conclusões que hora apresento não são proposições fechadas. Apresento sugestões para o pensar livre e despreocupado, intuições gestadas durante essa inquietante viagem. Seria capaz de precisar seu começo? Talvez meu interesse pela Catingueira e suas “esquisitices” tenha começado quando, aos oito anos, ouvi minha mãe (uma turista), estupefata, contar que na noite passada a galinha do leilão havia atingido uma soma exorbitante. Ela dizia o quão absurdo era toda aquela festa frente a miséria daquele pé de serra. E eu concordei com ela. A pobreza da Catingueira já se mostrava para mim escandalosa. Ou, quem sabe essa idéia tenha brotado quando ouvia as histórias que minha *vó Naná* contava sobre as gentes da sua terra; sobre o seu *São Sebastiãozinho*; sobre a Serra; e as tão fascinantes butijas de ouro, a espera de algum corajoso ou corajosa para lhe desenterrar, não sem antes se confrontar com a alma da pessoa que as haviam enterrado.

E o fim dessa viagem, saberia eu dizer qual é? Se essa longa viagem não começou aqui, muito menos é aqui o seu término. Mas que me importa saber da sua origem e do seu fim, o que importa é registrar sua existência e o quão intensamente vivi este ano, em que a Catingueira ocupou grande parte do meu pensamento e do meu coração. Esta dissertação poderia não ter fim, eu poderia ainda burilar o texto, melhorá-lo, acrescentar histórias vividas e ouvidas até não poder mais. Mas é preciso colocar um ponto final, nem que seja um ponto final imaginário. Sim, imaginário, a Catingueira não termina aqui, justamente porque coincide com minha própria vida. Não apenas porque sou filha de um *filho-ausente*, mas principalmente porque me deixei viver dias de Catingueira, lá ou aqui, desejei um devir catingueirense e, em grande medida, o tive.

Marcio Goldman (1999) fala a respeito do senso comum antropológico que se estabeleceu em torno da obra de Levi-Strauss, acusando-o de ser contra a história, a-histórico e outros palavrões. O mesmo procedimento estabeleceu-se em torno da obra de Levi-Bruhl (Goldman 1994). O fato se explica da seguinte maneira: pouca gente se deu ao trabalho de ler os textos originais destes autores. Uma vez estabelecida uma doxa, fica

difícil problematizar questões que ela reificou. *Em outros termos, ao adquirir autoridade, a vulgata tende a não ser mais contestada, o que provoca a paralisia do pensamento* (Goldman 1999: 224).

Na Catingueira vimos que, de maneira geral, os nativos não são nada “etnocêntricos”. Antes pelo contrário, aquele que chega de fora é, geralmente, muito requerido e tido como importante, bonito, rico, interessante, charmoso, inteligente, forte, mimoso e muitas outras qualidades, todas positivas. Com isso pretendo jogar um pouco de fogo nesta fogueira, que tem passado despercebida. Depois de nossos trabalhos de campo nos damos conta de que *ovos de piolho, macacos de terra, perversos* (Levi-Strauss 1952: 21-22), não correspondem exatamente ao que “nossos” nativos pensam sobre nós ou sobre outros estrangeiros. No entanto, tudo passa despercebido, não problematizamos esta idéia. Feito o dado, logo ele vira doxa e engessa tudo ao seu redor. Como se uma vez estabelecida uma questão, e pelo que me parece, foi Levi-Strauss, quem a sistematizou, não houvesse a necessidade de revê-la. Este corolário da antropologia está condensado em um pequeno capítulo intitulado “O etnocentrismo” do livro *Raça e História* (1952). Onde ele afirma que *sempre se viu [na diversidade das culturas] uma espécie de monstruosidade ou de escândalo* (*ibid.*, 19). A atitude frente ao que seria diferente da nossa própria cultura é de repúdio puro e simples, *calafrio, repulsa*. Apesar de *ingênuo*, este ponto de vista está *profundamente enraizado na maioria dos homens* (...) (Levi-Strauss: 1952: 20). Aceitamos de tal forma a idéia do nativo “etnocêntrico”, resumida na seguinte frase *Esta atitude do pensamento, em nome da qual se rejeitam os “selvagens” (ou todos aqueles que escolhemos considerar como tais) para fora da humanidade, é justamente a atitude mais marcante e a mais distintiva destes mesmos selvagens* (*ibid.*, 21), que passamos a operar sem nos perguntarmos sobre a validade de tal afirmação. Vários autores tomam a questão como um dado, e passam por cima como se não existisse aqui nenhuma questão a ser pensada. Como Latour (2000:133) que compra a idéia, justamente como um *a priori*. *O que rejeitamos dos pré-modernos é entre outras coisas, seu etnocentrismo*. Assim como Laraia (2002), num livro lido pelos neófitos em antropologia traz a tona a questão como se ela fosse óbvia. *O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão*. (Laraia 2002: 73).

Muita tinta já correu nos textos antropológicos em torno de uma questão essencial: o local e o universal. O que os antropólogos fazem, em última análise é através do micro levantar algumas pistas para a compreensão de uma aspecto mais geral, que tenha abrangência em um número expressivo de populações. Se o conceito de *Mana* fosse um nome para designar algo essencialmente melanésio ele não teria tido a abrangência que teve na história dos conceitos antropológicos. Entretanto, e paradoxalmente, se não fosse um conceito essencialmente local, descoberto no seio de uma sociedade particular, da mesma maneira ele não seria um conceito útil para a antropologia. Por que esta está pautada na performance de grande mágica, a saber, como lidar com o fato de que só o que é local nos interessa, embora o local não nos baste.

O que quero propor neste momento é que não haveria a necessidade da passagem, da tradução, da mediação entre a realidade observada (no cotidiano às vezes opaco e sem o brilho das grandes descrições que nos vemos envolvidos no dia-a-dia das cidades pesquisadas) e as grandes teorias. Não haveria a necessidade dos ganchos com aquilo que seria universal. Isso por que, e o digo com base em dados bem locais, o local não é assim tão localista quanto julgamos. Essa questão que aqui proponho se integra à questão anterior desta conclusão, na medida em que penso a constituição de subjetividades como algo que não se faz para dentro, mas para fora e juntamente com o exterior.

O que teria a Catingueira de genuinamente seu? Dentre outras coisas, o *filho-ausente*. Esta categoria bem catingueirense condensa de forma interessante o que é ser catingueirense, e de saída torna explícito que ser catingueirense é contar com a necessidade de emigrar. Ora, o que é a necessidade de emigrar senão a necessidade mesma do exterior para se constituir enquanto ser, enquanto cidade? E aqui sim, vemos que o local é na verdade algo que se faz junto com o que lhe é exterior. Nesta categoria genuinamente catingueirense está óbvio o universo exterior. Embora não como algo externo, e sim como uma parte do ser catingueirense. Não há nada fora, não há nada dentro, o que há é o *filho-ausente* que vai curtir a festa ou o catingueirense que a espera com ansiedade. Um e outro não são dois, são na verdade partes de um mesmo agenciamento.

Da mesma forma, a penosa do leilão joga com estes conceitos. De tão local ela representa a própria sociedade, magra, feia, seca, sem gosto, sem sal. Entretanto, quem a come? Só os de fora, os estrangeiros. Também no leilão, como com o *filho-ausente*, vemos

que o local não se faz excluindo o de fora. Antes pelo contrário, a grande maioria dos catingueirenses não arremata galinhas.

E quem é *São Sebastiãozinho*, senão o correspondente local de São Sebastião, o santo padroeiro de outras cidades, como o Rio de Janeiro? Há um apelo ao universal simultaneamente ao apelo local. Quem é São Sebastiãozinho? *Ele é nosso padroeiro, é da minha terra natal (...)*! É quase como se, *Dona Terezinha*, dissesse que ele nasceu naquela cidade, é também um filho natural da cidade.

Ora, não estou dizendo que o macro é um porção de micros pequeninos. Refuto o conceito de sociedade em Durkheim, como algo parecido a passagem entre as batatas isoladamente ao purê pronto na panela. Explico-me: tudo se passa como se os indivíduos fossem as batatas. Uma batata se basta (pode ser comida isoladamente), mas não é suficiente para fazer um purê. A sociedade, em Durkheim é assim a junção de indivíduos, enquanto células autônomas, que criam no ato mesmo da união uma entidade que lhes ultrapassa, que os transcende, ao qual chamaríamos sociedade (ou purê). Acredito que macro e micro não deveriam ser pensados enquanto separados, mas que poderiam, com acréscimo de inteligibilidade epistemológica, serem tratados como partes constituintes do mesmo agenciamento, aqui por exemplo, a Catingueira⁷¹. Abolamos o micro e o macro, o local e o geral, fiquemos com o *Mana*, a *Besta Fera*, com o *filho-ausente*, *leilão de penosa* e *São Sebastiãozinho*. Afinal, o local pode ser muita coisa, menos localista.

Vimos nesta dissertação que as categorias *Catingueirense*, *Doutô*, *Filho-Ausente* são importantes para caracterizar o universo da Festa de São Sebastião. Segundo *Espinosa* (Deleuze1978:37), a sociedade se dividiria em três tipos de homem, a saber: o homem das paixões tristes. O homem que explora as paixões tristes, que delas necessita para estabelecer seu poder. E o homem que se entristece com a condição humana e com as paixões do homem em geral. Em poucas palavras: *o escravo, o tirano, o sacerdote*. Para Guatarri teríamos também a sociedade dividida em três categorias: *as elites capitalísticas, os trabalhadores garantidos, trabalhadores não garantidos* (Guatarri 2000: 188). Poderíamos traçar alguma relação entre estes três tipos de homens alencados por Spinoza,

⁷¹ Aqui os conceitos de *molar* e *molecular* em Deleuze e Guatarri são preciosos, na medida em que vão ao encontro do que desejo propor (Guatarri: 2000: 127).

Guatarri e as três categorias essenciais na Festa da Catingueira? Não estou querendo casar realidades em cima de realidades, apenas lançar sugestões para compreender um pouco melhor como a Catingueira está configurada e onde ela se sustenta.

O retorno para Catingueira em dias de festa, depois de ter-se ido embora, pode ser entendida, nos termos de Deleuze e Guatarri como uma *reterritorização suave*. Depois de traçada a linha de fuga essencial, aquela que levou o menino pra bem longe das secas e amarguras do sertão, é preciso voltar. Esta volta também pode ser entendida como uma *linha de fuga*, por que o retorno também pode ser potencialização da vida, no sentido de Espinosa, enquanto o permanecer pode indicar *linhas de morte e destruição*. Como já disse não se volta em qualquer época, o que poderia levar a *reterritorizações duras*, mas sim nos momentos onde a alegria trabalha expulsando as imagens do sertão árido, triste, feio. Sim, é preciso reconstruir o rosto, mas não no sentido de aprisionar os agenciamentos e possíveis movimentos e encontros, mas sim, por que, sem rosto, não há como viver. As sociedades inventam para si os rostos, e estes facilmente se transformam em *buracos negros na parede branca*, dos quais é quase impossível sair. No caso dos *filhos-ausentes*, a vida foi uma constante recusa do rosto selado, marcado pelo lugar social de pouco prestígio, pelas profissões não valorizadas, pela fala tida como mansa e preguiçosa, pelos apelidos de *pau de arara, ceará, paraíba, baiano*. A vida de alguns nordestinos emigrados é essa constante busca de *linhas de fuga* ao rosto marcado de Homem, Branco, Rico, Heterossexual, morador em Grandes Cidades. É a constante *busca por armas* para combater o estabelecido. Mesmo assim, há algo que não muda, nem com o tempo, nem com os novos agenciamentos, nem com os casamentos fora do grupo: a cabeça chata continua até a morte... Por isso voltar a terra natal é importante. Se se deve fugir dos rostos paralisados, não há como fugir de todos os rostos. E o rosto inicial não se escolhe, nos é dado. Entretanto, pode-se aceitá-lo, mas lutar para que ele fique o mais maleável possível. Ou aceitar sua total estigmatização. Ou ainda rejeitá-lo, rejeitando sua origem e viver para negá-la. Os *filhos-ausentes* são estes que lutaram para transformar o rosto. Não querem negá-lo, afinal, têm orgulho de serem nordestinos. Mas, não aceitam a estigmatização negativa. Se caíram no exato oposto da sua conotação inicial e aí também traçando um rosto petrificado, um rosto de morte, é natural que não queiram voltar a sua cidade natal

(estes são os que negam suas raízes e fazem de tudo para serem incorporados em um outro pertencimento). Se, ao contrário, tudo fizeram para combater preconceitos, mas não se desligaram da alternativa inicial, estes sim, voltam. São os *filhos-ausentes*, os que não têm medo de assumir seu rosto inicial, pelo contrário, têm orgulho de serem catingueirenses. Retornam à terra natal, traçando nova linha de fuga. Esta de volta, de volta à Catingueira.

Dona Maria

Bibliografia

- ALVES, Isidoro. 1980. *O carnaval devoto. Um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém*. Petrópolis: Vozes.
- AMARAL, Leila. 2000. *Carnaval da Alma. Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes.
- AMARAL, Rita de Cássia. 1998. “A Alternativa da festa à brasileira”. *Revista Sexta-Feira*, 2: 108-115. São Paulo: Pletora Ltda.
- BAKHTIN, Mikhail. 1987. *A cultura popular na idade média e no renascimento - contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC.
- BATAILLE, Georges. 1993. *Teoria da Religião*. São Paulo: Editora Ática.
- BERGER, Peter L. 1973. *Um rumor de anjos. A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis: Vozes.
- BOURDIEU, Pierre. 1970. “La maison Kabyle ou le monde renversé”. POUILLON, Jean & MARANDA, P. *Echanges et communications – mélanges offerts à Claude Lévi-Strauss à l’occasion de son 60e. anniversaire*. 739-758. Paris: Haye Mouton.
- BOURDIEU, Pierre. 1980. *Le sens pratique*. Paris: Editions Minuit.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1980. *Os deuses do povo – um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Brasiliense.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1981. *Sacerdotes de Viola. Rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1982. “A festa do Espírito santo na Casa de São José”. *Religião e Sociedade*, 8: 61-78. São Paulo: Cortez Editora.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1997. “Ritos e festas dos catolicismos populares – ‘De tão longe eu venho vindo’”. *Revista Tempo e Presença – Publicação da KOINONIA*. 292:8-10.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1998. “Festa de Santa Cruz em Ouro Preto”. *Revista Sexta-Feira*, 2:82-83. São Paulo: Pletora Ltda.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1998. “O rosto da festa”. *Revista Sexta-Feira*, 2: 60-61. São Paulo: Pletora Ltda.
- BRISSAC, Sérgio Góes Telles. 1999. *A Estrela do Norte iluminando até o Sul: uma etnografia da União do Vegetal em um contexto urbano*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.
- CAILLÉ, Alain. 1998. “Nem Holismo Nem Individualismo Metodológicos – Marcel Mauss e o Paradigma da Dádiva”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13: 5-37.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. 1981. “Uma incursão pelo lado “não respeitável” da pesquisa de campo. *Revista Ciências Sociais Hoje/ Trabalho e Cultura no Brasil*, 1: 332-354. Recife, Brasília: ANPPCS/CNPq.
- CALLOIS, Roger. 1988. *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Edições 70.
- CANIELLO, Márcio de M. 1993. *Sociabilidade e padrão ético numa cidade do interior: carnaval, política e vida cotidiana em São João Nepomuceno – MG*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ.
- CEVA, Roberta Lana de Alencastre. 2001. *Na batida da zabumba: uma análise antropológica do forro universitário*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ.
- CUNHA, Euclides da. 1996. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Ediouro.

- DA MATTA, Roberto. 1976. *Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé*. Petrópolis: Vozes.
- DA MATTA, Roberto. 1997. *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DA MATTA, Roberto. 1998. “A mensagem das festas: reflexões em torno do sistema ritual e da identidade brasileira”. *Revista Sexta-Feira*, 2: 72-81. São Paulo: Pletora Ltda.
- DA MATTA, Roberto. 2000. *A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DARNTON, Robert. 1986 [1984]. *O Grande Massacre de Gatos – e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal.
- DELEUZE, Gilles. 1981. *Spinoza. Philosophie Pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. 1998. *Diálogos*. São Paulo: Escuta.
- DELEUZE, Gilles. S/d. *Espinosa e os signos*. Porto – Portugal. Rés-Editora.
- DUARTE, Luiz Fernando D. 1986. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- DUMONT, Louis. 1997. *Homo Hierarchicus. O sistema das castas e suas implicações*. São Paulo: Edusp.
- DURKHEIM, Émile. 2000. *As Formas Elementares da Vida Religiosa. O sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes.
- DUVIGNAUD, Jean. 1983. *Festas e Civilizações*. Fortaleza: Edições da Universidade Federal do Ceará. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- EADE, John. SALLNOW, Michael J. (edited by). 1991. *Contesting the sacred: the anthropology of Christian pilgrimage*. London and New York: Routledge.
- ESPINOSA, Baruch de. 1998. *Tratado Teológico- Político*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.
- FERNANDES, Rubem Cesar. 1982. *Os cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução às religiões populares*. São Paulo: Brasiliense.
- FERNANDES, Rubem Cesar. 1990. “O peso da cruz – manhas, mazelas e triunfos de um sacerdote particular”. *Religião e Sociedade*, 15/ 2-3: 94 - 121. Rio de Janeiro: ISER/CER.
- FOSTER, George M. 1967. “Peasant Society and the image of limited good”. *Peasant Society. A Reader*. Org. FOSTER, George M.. DIAZ, May N.. POTTER, Jack M.. Boston: Little, Brown and Company.
- FREYRE, Gilberto. 1985. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Sétima Edição. Rio de Janeiro: José Olympio.
- FREYRE, Gilberto. 2000. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal*. 40 Edição. Rio de Janeiro: Record.
- GALVÃO, Eduardo. 1955. *santos e Visagens. Um estudo da vida religiosa em Itá; Amazonas*. Companhia Editora Nacional: São Paulo.
- GEIGER, Amir. 1999. *Um antropologia sem metier: primitivismo e crítica cultural no modernismo brasileiro*. Tese de doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ.
- GLUCKMAN, Max. 1963. “Gossip and Scandal”. *Current Anthropology* 4 (3): 307-316.
- GLUCKMAN, Max. 1987. “Análise de uma situação social na Zululândia moderna”. 227-344. *Antropologia das Sociedades Contemporâneas – métodos*. Org. Feldman-Bianco, Bela. São Paulo: Global Universitária.

- GODBOUT, Jacques T..1998. “Introdução à Dávida”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13: 40-51.
1999. *O Espírito da Dávida*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.
- GOLDMAN, Márcio. 1994. *Razão e Diferença. Afetividade, racionalidade e relativismo no pensamento de Levy-Bruhl*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- GOLDMAN, Márcio. 1999. “Levi Strauss e os sentidos da história”. *Revista de Antropologia*, v.42, n.1/2: 223-238.
- GOLDMAN, Márcio. 2001. “Os Tambores dos Mortos e os Tambores dos Vivos - Antropologia da Política em Ilhéus”. Texto apresentado na IV Reunião de Antropologia do Mercosul - RAM: Curitiba.
- GOMES, Maria Aurelúcia. (Por Um Amigo Poeta). 2001. *Poesias do Alto*. João Pessoa: DPL – Editora e Distribuidora de Livros Ltda.
- GUATARRI, Felix. ROLNIK, Suely. 2000. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes.
- HEREDIA, Beatriz M. A de. 1996. “Política, família, comunidade”. *Antropologia, voto e representação política*. Org. Moacir Palmeira e Márcio Goldman. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- LANNA, Marcos. 1995. *A dívida divina: troca e patronagem no Nordeste brasileiro*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- LATOURETTE, Bruno. 2000. *Jamais Fomos Modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- LARAIA, Roque de Barros. 2002. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LEVI-STRAUSS, Claude. 1952. *Raça e História*. Lisboa: Editora Presença, LDA.
- LEVI-STRAUSS, Claude. 1974. “A Obra de Marcel Mauss”. *Sociologia e Antropologia*. v. I. São Paulo: EPU.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1976. *Estruturas Elementares do Parentesco*. São Paulo: Vozes.
- LEVI-STRAUSS, Claude. 1997. “História e Dialética”. *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papirus.
- LEVI-STRAUSS, Claude. 1998. “Voltas ao Passado”. *Mana: Estudos de Antropologia Social* 4(2): 107-117.
- LINGEMAN, Richard. 1980. *Small town america: a narrative history 1620 – the present*. New York: Putnam.
- LINHARES, Paulo. 1992. *Cidade de água e sal: por uma antropologia do Nordeste sem cana e sem açúcar*. Fortaleza: Ed. Fundação Demócrito Rocha.
- LUCENA, Damião. 2002. *Catingueira em revista. Fé, cultura e beleza natural*. Patos.
- MACEDO, Valéria. 1998. “Os impérios da festa – a festa do Divino no Rio de Janeiro do XIX”. *Revista Sexta-Feira* 2: 84-95. São Paulo: Pletora Ltda.
- MARTÍN, Maria Eloisa. 2000. *Netamente correntina. Um estudio antropológico de la experiencia católica em la fiesta de la Virgen de Itati*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Porto Alegre: PPGAS/ UFRGRS.
- MARINHO, Fernando Loureiro. 2001. “Prefácio”. GOMES, Maria Aurelúcia. (Por Um Amigo Poeta) *Poesias do Alto*. João Pessoa: DPL – Editora e Distribuidora de Livros Ltda.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. 1995. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia*. Belém: Cejup.

- MAUSS, Marcel. 1974a. "Esboço de uma teoria geral da magia". *Sociologia e Antropologia*. v. I. São Paulo: EPU.
- MAUSS, Marcel. 1974b. "Ensaio sobre a dádiva - Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas". *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo: EPU.
- MAUSS, Marcel. 1974c. "Ensaio sobre as variações sazoneiras das sociedades esquimó". *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo: EPU.
- MEYER, Marlyse. MONTES, Maria Lucia. 1985. *Redescobrimo o Brasil: A festa na política*. São Paulo: T. A. Queiroz editor.
- MEYER, Marlyse. 1993. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: EDUSP.
- MILANESI, Luiz Augusto. 1978. *O paraíso via embratel*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MONTES, Maria Lúcia. 1998. "Entre o arcaico e o pós-moderno – heranças barrocas e a cultura da festa na construção da identidade brasileira". *Revista Sexta-Feira* 2: 142-159. São Paulo: Pletora Ltda.
- MORALES, Lucia Arrais. 1993. *A feira de São Cristovão: um estudo de identidade regional*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ.
- NUNES, Luiz. 1979. *Inácio da Catingueira – O Gênio Escravo*. João Pessoa: Estado da Paraíba – Secretaria de Educação e Cultura.
- OLIVEIRA, D. Martins de. 1931. *No País das Carnaúbas*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor.
- PALMEIRA, Moacir. HEREDIA, Beatriz. 1995. "Os comícios e a política de facções". *Anuário Antropológico* 94: 31-94. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- PALMEIRA, Moacir. 1996. "Política, facções e voto". *Antropologia, voto e representação política*. Org. Moacir Palmeira e Márcio Goldman. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- PALMEIRA, Moacir. HEREDIA, Beatriz. 1997. "Política Ambígua". *O Mal à Brasileira*. Org. Letícia Birman, Regina Novaes, Samira Crespo. Rio de Janeiro: Editora UERJ.
- PALMEIRA, Moacir. 2001. "Política e tempo: nota exploratória". *O dito e o feito. Ensaio de Antropologia dos Rituais*. Mariza Peirano (org.). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- PEREZ, Léa Freitas. 1992. "Por uma poética do sincretismo tropical". *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: PUCRS, 18 (2): 43-52.
- PEREZ, Léa Freitas. 1999. "Fim de século, efervescência religiosa e novas configurações societárias". mm.
- PEREZ, Léa Freitas. 2000. "Breves notas sobre a religiosidade brasileira". *Brasil 500 anos*: 40-58. Belo Horizonte: Imprensa Oficial dos Poderes do Estado.
- PRITCHARD, E. E. Evans. 1978. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- PIRES, Flávia Ferreira. 2000. *São Sebastião da Catingueira - festa, Dádiva e Reciprocidade no Sertão da Paraíba*. Monografia de Fim de Curso de Ciências Sociais. Belo Horizonte: FAFICH/ UFMG.
- PIRES, Flávia Ferreira. 2001. *Leilão de penosa - festa de São Sebastião/ Catingueira – Paraíba*. Texto apresentado IV RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul: Curitiba e no Seminário dos Alunos do PPGAS/ MUSEU NACIONAL: Rio de Janeiro.
- PRADO, Rosane M. 1993. *Mitologia e vivência da cidade pequena nos Estados Unidos*. Tese de doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/ UFRJ.

- PRADO, Rosane M. 1995. "Cidade Pequena: paraíso e inferno da pessoalidade". *Cadernos de Antropologia e Imagem* 4(v. il): 31-56. *A cidade em Imagens*. Rio de Janeiro: UERJ, NAI.
- ROSA, Guimarães. 2001. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SANCHIS, Pierre. 1983. *Arraial: festa de um Povo - as romarias portuguesas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- SANCHIS, Pierre. 1986. "Uma identidade católica?" *Comunicações do ISER* 22(5): 5-16.
- SANCHIS, Pierre. 1993. "Catolicismo, entre tradição e modernidades". *Comunicações do ISER* 44(12): 9-24.
- SANCHIS, Pierre. 1995. "O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?" *História da Igreja na América Latina e no Caribe. 1945-1995. O debate metodológico*. Org. Eduardo Hoonart. Petrópolis: Vozes.
- SANCHIS, Pierre. 1997a. "O Mal à Brasileira: um posfácio – O Mal, a Ética, a Política e o Brasil". *O Mal à Brasileira*. Org. Letícia Birman, Regina Novaes, Samira Crespo. Rio de Janeiro: Editora UERJ.
- SANCHIS, Pierre. 1997b. "Da quantidade à qualidade – como detectar linhas de força antagônicas de mentalidade em diálogo". *Revista Brasileira da Ciências Sociais* 33(12): 103-126.
- SCHEPER-HUGHES, Nancy. 1997 [1992]. *La Muerte Sin Llanto. Violencia y Vida Cotidiana en Brasil*. Barcelona: Editora Ariel, S.A.
- SCRUTON, Roger. 2000. *Espinosa*. São Paulo: Editora Unesp.
- SHIRLEY, Robert W. 1977. *O fim de uma tradição*. São Paulo: Perspectiva.
- SOARES, Luiz Eduardo. 1981. *Campesinato: Ideologia e Política*. Zahar Editores: Rio de Janeiro.
- SOUZA, Marina de Mello e. 1994. *Parati: a cidade e as festas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora Tempo Brasileiro.
- STEIL, Carlos Alberto. 1996. *O sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – BA*. Petrópolis: Vozes.
- STEIL, Carlos Alberto. 2001a. "Pluralismo, modernidade e tradição: transformações no campo religioso". *Ciências Sociais e Religião – Publicação da Associação de Cientistas Sociais da Religião do Mercosul* 3 (3): 115-129. Porto Alegre.
- STEIL, Carlos Alberto. 2001b. "Catolicismo e Cultura". *Religião e cultura popular*. Org. Victor Vincent Valla. Rio de Janeiro: DP&A.
- STEIL, Carlos Alberto. 2002.a "Uma antropologia das peregrinações e do turismo religioso. Algumas questões teóricas e metodológicas".mm.
- STEIL, Carlos Alberto. 2002b. "Peregrinación y turismo. Navidad em Gramado y Canela, Brasil". *Estudios y Perspectivas en Turismo – Antropología y Turismo en Brasil* (vol. 11), 1-2: 27-39.
- SZTUTMAN, Renato. 1999. "De festas, viagens, e xamãs: reflexões primeiras sobre os encontros entre Waiãpi setentrionais meridionais na fronteira Amapá-Guiana Francesa. *Cadernos de Campo* 8 (9): 83-106. São Paulo: USP.
- VELHO, Otávio. 1995. "O cativo da Besta-Fera". *Besta Fera: recriação do mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- VELHO, Otávio. 1997. "Utopias contemporâneas: Ausência do Mal?". *O Mal à Brasileira*. Org. Letícia Birman, Regina Novaes, Samira Crespo. Rio de Janeiro: Editora UERJ.
- VIEIRA, Duclécia Pires Lustosa. *Genealogia de um ramo da família Lustosa – Paraíba*. Reg. N. 161.338 na FBN.

- VILLELA, Jorge Luiz Mattar. 2001. "A dívida e a diferença. Reflexões a respeito da reciprocidade". *Revista de Antropologia* (vol. 44) n^a 1: 185 – 220. Publicação do departamento de Antropologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.
- Vivência. Dossiê: A festa*. 1999. *Revista do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN* (vol 13), n^a 1. Natal: UFRN, EDUFRN.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. CUNHA, Manuela Carneiro da. s/d. "Vingança e Temporalidade: os Tupinambá". mm.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. "*Ensaio sobre o dado: economia da relação na socialidade amazônica*". Rio de Janeiro. mm.
- ZALUAR, Alba. 1982. "Os santos e suas festas". *Religião e Sociedade* 8: 53-60. Debate da Tradição Nagô. São Paulo: Cortez Editora.
- ZALUAR, Alba. 1983. *Os homens de Deus – um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S. A.
- WAGLEY, Charles. 1977. *Uma comunidade amazônica. Estudo do homem nos trópicos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- WILLEMS, Emílio. 1961. *Um vila brasileira: tradição e transição*. São Paulo: Difel.
- TURNER, W. Victor. 1974. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes.